REVISTA DA SEMANA

NESTE NÚMERO:

OS REGENERADOS DO ÁLCOOL
Revelações sôbre uma sociedade secreta

DUTRA RENASCE DAS CINZAS
Cresce a popularidade de ex-presidente









A sua beleza
sob uma
nova luz

PÓ DE ARROZ
E ROUGE

MADERAS
DE ORIENTE

MYRURGIA

EXTRATO · LOÇÃO · ÁGUA DE COLÔNIA

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N. 22 ★ 31-5-52

Sumário

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Dutra renasce das cinzas 4/7
Drama no mar (por Nathaniel Guimarães) .. 13/15
O Museu se diverte (por Marc Berkowicz) 28/31
São Judas (Tadeu), o milagroso (por De Luccas Júnior) 32/34
Os regenerados do álcool (Por Gipson de Freitas Camará) 39/41
Um rio afunda na terra (por Marcos Carneiro de Mendonça) 46/47
São Jorge, santo pobre 56/57

LITERATURA

O último filho de Curral D'El-Rei (Martins D' Alvarez) 3
O pequeno conto (por Géo William)....... 8
Semana literária (por Edmundo Lys) 16/17
O bispo negro (conto de Alexandre Herculano) 24/25
Sem pecado (conto de Loiva Leiria Borba) 25

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/9
A personagem da semana 9
Noite e Dia 12
Artes (por Jane Bouchaud) 28
Teatro (por Martim Gonçalves) 34
Puxe pelo cérebro 44
Passatempo (por Renato Cartaxo) 45
À Luz da Psicanálise (pelo Dr. Luiz Fraga) 49
Correio da Revista 50
A Revista há 50 anos 51
Tudo isto aconteceu 52/53
Rádio (por Milton Salles) 54
Música (por Osvaldo da Cunha) 55
A pergunta da semana (por Sinimbu) 58

VARIEDADES

Heroísmo e morte no Everest (por Geoffrey Wakeford) 10

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 26
Amor e ódio 38

ROMANCE

A Insatisfeita (por Irene Temple Bailey) ... 22/23

CINEMA

Olívia (Cine-novela) 18/21
Nas telas (por Leon Eliachar) 41

CERTAME FOTOGRÁFICO

Regulamento 12

FEMININAS

Simplicidade (por Ramon) 36/37
.... 42/43
Os discos voadores (por Isolete) 44
Week-end na cozinha 45
A saúde do bebé (pelo Dr. Sabola Ribeiro) 48

CARICATURA

Pechinchando (por Théo) 11
Êste mundo e o outro (por Darcy) 27

NA CAPA

Montgomery Clift
(Foto Paramount)



O ÚLTIMO FILHO DE CURRAL DEL-REI

EM telegrama lacônico, esprimido num cantinho de jornal, trazia a notícia trágica: — "Acaba de falecer, esmagado por um automóvel, o último filho do antigo Curral d'El-Rei, o bucólico retiro que cedeu o seu lugar à formosa e moderna Belo Horizonte". Certamente, nesta avalanche de crimes e catástrofes que inunda totalmente a imprensa diária, o registro anêmico dêste desastre passou desapercebido, como humilde gôta d'água no seio de um temporal. Ninguém conhecia a vítima nem chegou a atentar que com êle se perdeu a crônica animada da cidade mais brasileira do Brasil.

Não resta dúvida que estamos vivendo uma hora de impiedoso materialismo. O passado não interessa. As amáveis reminiscências perderam a magia e o encanto. Já ninguém gosta de belas histórias. Dessas histórias ingênuas e claras, sem lágrimas e sangue, que aquêle filho amoroso de Curral d'El-Rei sabia narrar. Nem da poesia que êle, por certo, sabia pôr no enrêdo de cada cena. Nem do poder evocativo com que êle reconstituía um mundo perdido na distância.

Onde, neste dia aziago da civilização, acharmos tranqüilidade de espírito e ouvidos capazes de entenderem a sua linguagem musical e simples: — "Quando me entendi no mundo, isso aqui era nada... Deus imperava no céu e, abaixo de Deus, o Senhor da Casa Grande, na terra. O tempo andava de balsa nos rios e o progresso de carro-de-bois nas estradas. Só havia de importante a terra mãe que tudo nos dava e que morria ali, no formoso cinturão de serras que nos rodeia. Mas, um dia, Deus determinou que aqui nascerla uma cidade. E gente acudiu de tôda parte para cumprir a vontade divina. A terra foi tratada como para um grande roçado. O chão riscado e, à margem dos riscos, foram abertas leiras para plantar as sementes da cidade. Como a terra era boa, denttro de pouco brotaram casas para todo lado. Começaram a surgir bairros, ruas, praças, avenidas. E, no meio das praças, floresceram jardins. E, ao redor dos jardins, pompearam palácios. E das ruas, das casas e dos palácios, a gente olhando a cidade, bonita como a estrêla da manhã, só teve uma exclamação: — "Belo Horizonte!" Realmente, não podia haver horizonte mais lindo, donde quer que fosse visto. E á gente boa de Minas veio, então, uma idéia: oferecer aquela jóia de presente à nação. E assim pensando, assim o fêz. Cada rua foi batizada com o nome de um Estado brasileiro, de um grande vulto da política, das letras e das artes nacionais. A Liberdade foi entronizada numa Praça, bem defronte da sede do Govêrno. E, num resumo feliz, deu-se a um dos seus centros de diversões o nome de Brasil.

Eis aí, como nasceu Belo Horizonte, a minha cidade querida; que ajudei a tirar do nada com um pouco da energia de meus músculos e o suor de meu corpo; que alimentei comos meus cuidados e carinhei com o meu devotamento.

Pelo que vos narrei de sua história, compreendesteis bem que ela não é só minha E' a cidade fraterna de todos nós brasileiros, que temos em cada uma de suas artérias um pouco do sangue e do espírito da nação".

Era assim, por certo, que devia falar o último filho de Curral d'El-Rei, que vem, desgraçadamente, de ser trucidado pela civilização, êsse monstro apocalíptico que êle, ingênuamente, ajudou a importar de paragens desconhecidas.

Pouca gente — acredito — sentiu a sua morte. Quase ninguém deu atenção à sua tragédia. Mas, aqui fica êste registro sentimental, na falta de maior homenagem a esta página viva da História do Brasil que acaba de ser virada pela fatalidade.

MARTINS D' ALVAREZ



...SSE O MILITAR — Canrobert

DUTRA RENASCE DAS CINZAS

DISSE O POLÍTICO — Alcides



A missa em ação de graças celebrada pela passagem do aniversário natalício do General Eurico Dutra, dado o grande número de personalidades políticas presentes ao ato religioso, assumiu as características de verdadeiro acontecimento político, ofuscando os debates sôbre o petróleo e as eleições do Clube Militar nas manchetes dos jornais. Interessante é ressaltar que, além de figuras de realce na administração do país e na política, como o General Estillac Leal, General Souza Dantas, Ministros do Supremo Tribunal e Tribunal de Contas, bem como avultado número de deputados e senadores, estiveram presentes à cerimônia religiosa realizada na igreja da Cruz dos Militares grande número de pequenos funcionários e gente humilde, que se comprimiam em longas filas para abraçar o ex-presidente.

A segunda parte das manifestações ao General Dutra foi realizada em sua residência, com a presença de todos os seus ex-Ministros, diversos Generais, deputados, senadores e o Sr. Horácio Láfer, atual Ministro da Fazenda. Nessa ocasião, o ex-Presidente foi saudado pelo General Canrobert Pereira da Costa, que, após exaltar a obra administrativa do aniversariante no govêrno da República em rápido improviso, efetuou a entrega do presente, um relógio de mesa estilo Luís XV. Agradecendo, usou da palavra o homenageado, que agradeceu as manifestações declarando que "esperava que o relógio que lhe fôra ofertado só marcasse horas de serenidade", eximindo-se de chamá-lo para outras atividades que não fôssem as do cotidiano do homem comum. Em face, porém, do significado que se emprestou às homenagens, acredita-se no ressurgimento do General Eurico Dutra para a vida política brasileira.

PARABENS, GENERAL!



DISSE O HOMEM DO POVO — Guarda-civil



DISSE A INOCÊNCIA — Criança



DISSE A FAMÍLIA — Netas



TÔDA GENTE REPETIU — Parabéns

DUTRA & LIRA

Como pareciam



Como êles são



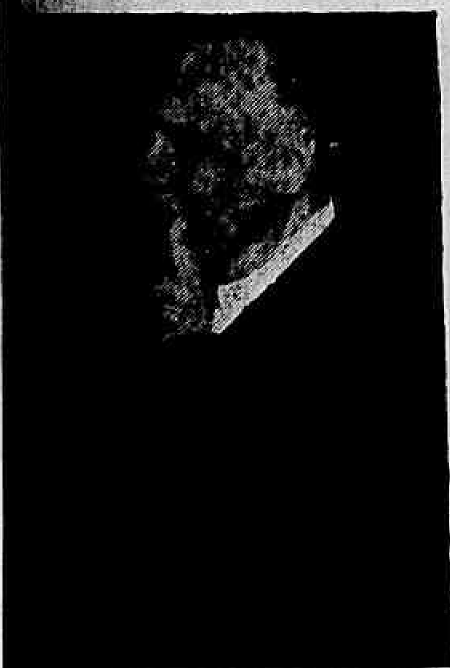
DUTRA RENASCE DAS CINZAS



O AGRADECIMENTO DE DUTRA — Oração grave e emocionada. Um pouco atrás do orador está o antigo chanceler Raul Fernandes, seu ex-ministro.

A SAUDAÇÃO DE CANROBERT — Palavras sérias, sóbrias e firmes. Da esquerda para a direita: os ex-ministros Trompowski, Novaes Filho e Guilherme da Silveira; Gen. Canrobert e Gen. Eurico Dutra.





Trompowski ergue a taça.



Com o deputado Lopo Coelho



Vitorino estava firme...



... mas Souza Leão também



A primeira fila na igreja...



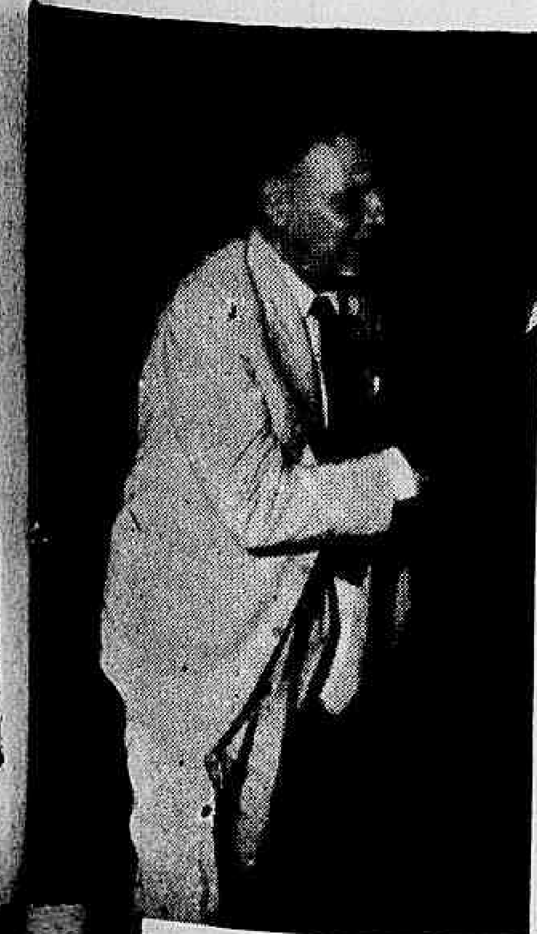
Linhares e outros na missa...



... e um grupo feito em casa.



... deixavam Dutra satisfeito.



Láfer desembarca do seu automóvel...



... e encontra Guilherme da Silveira.

O PEQUENO CONTO

GOLPE BAIXO

Por GEO WILLIAM



O temivel Tom O'Brien, senhor absoluto do banditismo chicagoeano, extendera suas atividades aos estupefacientes. Já o contrôle das casas de jôgo, da prostituição, da venda de "pules" nas corridas e as "proteções" às pequenas indústrias, não o satisfaziam. Desejava aumentar a sua já fabulosa renda e nada como a importação e venda de heroina, cocaina e morfina. Para tanto deveria arregimentar elementos de confiança e dispostos a tudo. Não lhe foi difícil agrupar homens com passados sombrios e dispostos. Dentre êles escolheu os lugares-tenentes, distribuindo-os para as várias cidades onde deveriam chefiar os subalternos. Outros despachou para a Itália, Alemanha, Bélgica, local preferênciais de aquisição dos tóxicos. Em breve a grande organização estava sincronizada.

Homem que lhe mereceu imediata confiança, foi Lucky Speranza, sobrevivente do famoso grupo de Dilinger e já braço direito de Pat Morgan. Sabia que Speranza era ganancioso, que gostava de trajar bem, adornar-se como um "dandy" gastar nos "night-clubs", apostar nas corridas e eliminar, sem piscar siquer, qualquer obstáculo a lhe atravancar o caminho. Não desconhecia essa sede de lucros imediatos que atormentava Lucky e, espicaçando-o em seu brios de deliqüente com um passado triste e horroso, elevou-o imediatamente a um pôsto de comando.

Lucky, entretanto, sempre sonhara com o poder supremo. Eliminar, no momento oportuno, o "chefão" tinha sido sempre seu modo de pensar". Falhara com os que tivera, devido a circunstâncias várias, mas desta vez saberia se conduzir com cautela, e, chegado o momento, pulverisar Tom O'Brien, tendo já enfeixado em suas mãos, graças ao lugar que ocupava, todos os cordões da organização. Assim tornar-se-ia o rei dos gangsters de Chicago e influenciaria, com o poder absoluto, todos os grandes centros. Seriam milhões de dólares e não poucos milhares. E com os milhões, compraria qualquer consciência, qualquer polícia, qualquer político. Conhecia em demasia a forma com que teria de agir com essas pessoas venais.

★

Quando julgou chegado o momento, desviou grande car-regamento de heroina. Engendrou plano inteligente para embaralhar tudo, mesmo quando do "pega" dos agentes federais que outros não eram do que elementos da "gang" em preparo.

Da forma com que se apresentou o "caso", foi julgado apenas um acidente e Tom O'Brien acalmou-se, dando por perdidos os imensos lucros daquela partida. O golpe fêz com que a posição sólida do grande chefe, viesse a ser abalada. Murmúrios, conversas. "Que o homem já não era infalível e que Speranza salvara uma situação, com golpe magistral, impedindo prisões e processos". Tudo isso chegou aos ouvidos de Tom O'Brien. Desconfiado mandou sondar por outros homens de confiança. Não tardou a pilhar o fio da meada e remontar, passo a passo, tôda a maquinação arquitetada pelo seu confidente e imediato. Quando Lucky Speranza entrou no gabinete de Tom O'Brien, estava mil milhas de pensar o que lhe aconteceria. O chefe, sorrindo, abriu a gaveta retirando, dela, uma pistola 38 que vomitou aço. Atingido em plano estomago, Lucky Speranza tombou sôbre os joelhos, enquanto que em seu rosto pintava-se a enorme surprêsa, essa que lhe ficaria estampada nas feições já imobilizadas pela morte.

— Por que chefe? Por que? — indagou, já com o sangue a lhe sair golfando dos lábios retorcidos.

— Golpe baixo meu amigo! Golpe baixo! Eu não sou homem para permitir que as regras de um "ring" sejam infringidas... Golpe baixo... (IPA).

A Semana

História de tinturarias



NÃO há quem, nesta cidade, não tenha um episódio sôbre Tinturarias. Mas o caso entre uma dessas casas de lavar roupa e uma cliente, advogada, é digno de nota. A doutôra em Direito mandara a certa tinturaria do Rio, um vestido para tingir. Embora novo, com duas vêzes de uso, ela não gostara da côr, e preferira confiar a uma tinturaria a substituição de cinza claro por marrão. Mas, depois de três meses de reclamações, o vestido não lhe fôra devolvido. Até que um dia, mandou-lhe a tinturaria a encomenda, mas em estado de fazer pena. A advogada protestou e exigiu o valor do vestido, Cr$ 1.800,00, pois que estava imprestável. A tinturaria não quis ouví-la. Houve tentativas de acôrdo; mas o estabelecimento não cedeu. E o assunto foi a Juizo. A ré ofereceu defesa e os peritos de ambas as partes ofereceram laudos. O perito do Juiz, como desempatador, foi nomeado para a sua função de sábio Salomão. Mas ocorreram diversos imprevistos. Um dos peritos renunciou e a tinturaria foi despejada do imóvel em que funcionava. Depois de numerosas buscas e rebuscas, acabaram os serventuários da Justiça por localizá-la novamente. Mas, onde estava o vestido da briga? Numa outra casa semelhante, de favor. E o caso prossegue sem solução. Mas, sabe o leitor quanto vai custar essa brincadeira? No mínimo, uns dez mil cruzeiros...

★

Telegrafo Nacional

NOS salões de festas do Automóvel Clube do Brasil, na rua do Passeio, capital federal, foi inaugurada, a 7 de maio, uma exposição em homenagem ao Primeiro Centenário da criação do serviço telegráfico no Brasil. Bandas de música do Corpo de Bombeiros, do Exército e da Armada, ali tocaram durante os dias de exposição, cuja abertura ao público se revestiu de grande solenidade. Eis uma data que devia ter a maior repercussão em todo o país. Muito antes da estrada de rodagem e do avião, já o telégrafo "unia os Estados Brasileiros, levando aos mais longínquos recantos as notícias do dia. A nação brasileira, debruçando-se apenas, até bem pouco tempo, à orla marítima, desconhecia o interior e tinha medo do sertão. Para dotar-se o Brasil de serviço telegráfico, seria preciso enfrentar todos os perigos das selvas, e isso foi feito à proporção que as necessidades humanas se faziam presentes. Muitas vidas custaram as instalações de fios e postes por essas matas cheias de surprêsas, mas o govêrno, a Diretoria dos Telégrafos e os homens de coragem do país, nunca se deixaram amedrontar e foram levando para a frente a grande conquista do progresso humano. Há um século, precisamente, funcionava o primeiro manipulador telegráfico no Brasil, despertando curiosidade geral e estupefação entre a gente humilde que não podia compreender tamanho milagre.



Em Revista

O Pão de Açúcar

A dez de maio os jornais publicaram uma nota que chamou a atenção de muita gente, embora a repercussão se limitasse aos aficionados do alpinismo. Um grupo de excursionistas iria escalar o Pão de Açúcar, pelo paredão denominado "nariz". Como não sabemos onde é a cara do famoso penedo, não podemos esclarecer ao leitor onde fica o respectivo nariz. Mas isso não vem ao caso. Subir o Pão de Açúcar pelo seu bondinho é um prazer; mas, galgar-lhe a cumiada, espichando-se como lagartixa, encosta acima, a cada instante sujeito a morrer de queda, francamente, só mesmo pelo prazer do esporte das alturas, das escaladas em alcantis e rochas inacessíveis. Pois foi isso que um grupo de 30 pessoas resolveu realizar, e de noite! De noite, quando as condições de visibilidade são quase nulas, subir escadas em um apartamento, é péssimo negócio, imagine-se o que não é galgar o Pão de Açúcar, seja por que lado fôr! Pois os nossos heróicos alpinistas do Centro dos Excursionistas do Rio levaram a efeito essa façanah digna de um poema. A 10 de maio de 1952, trinta membros daquela organização alpinista, pelo que parece, havendo entre o grupo algumas senhoritas, conseguiram vencer os 400 metros de pedra a pique, e chegaram ao cabeço dêsse enorme obus de granito, como se houvessem subido a pedra da Moreninha...





Barbas de môlho



SEMPRE que sentimos grande falta de carne, trigo, leite em pó, nos lembramos de ir buscar tudo isso na Argentina. Mas, como êste mundo anda às tontas, também lá as coisas não parecem melhor do que as daqui, pelo menos em questão de abastecimento de gêneros comestíveis. Veja-se a providência do govêrno platino quanto à fabricação de produtos lácteos. Em março último foi terminantemente proibida a fabricação dêsses produtos na província de Buenos Aires, em virtude da sêca reinante no país. Todo o leite "in natura" passou a ser vendido ao público, ficando as fábricas sem a matéria-prima. O mesmo se deu com o queijo, leite condensado e em pó. Se as fábricas quiserem produzir, terão que ir buscar leite noutras zonas. E agora em maio, veio o racionamento de carne em Buenos Aires Durante um dia na semana fica proibida a venda de carne e os hotéis, pensões, restaurantes, etc., não servirão carne. Há, desta forma, dias sem carne na Argentina. Isso deve servir de exemplo ao Brasil. Nós temos o hábito de ir buscar fora de nossas fronteiras muita coisa que poderíamos produzir de sobra, abastecendo o mercado nacional e exportando o resto. Se os países aonde vamos sempre comprar tais coisas, se acham também em dificuldades, que vamos fazer? Chorar? Não! Aumentar nossa produção, emancipando-nos, aos poucos.

A PERSONAGEM DA SEMANA



ACONTECIMENTO dos mais empolgantes vêm sendo as últimas eleições para a diretoria do Clube Militar do Rio de Janeiro, associação que reune cêrca de 16 mil oficiais de nossas classes armadas. A renovação da Diretoria na eleição do dia 21 de maio atraiu as atenções do país inteiro em face de certas características que as tornavam antagonistas, embora tudo dentro da maior disciplina e patriotismo. Coube ao general Alcides Gonçalves Etchegoyen, a vitória nas urnas, com uma diferença acima de 50% sôbre • seu competidor, o general Estillac Leal. O novo Presidente do Clube Militar nasceu no dia 31 de março de 1901, no Rio Grande do Sul, tendo entrado no Exército a 8 de março de 1918. Chegou a aspirante, a 18 de janeiro de 1921, a primeiro tenente a 7 de setembro de 1922, capitão a 26 de setembro de 1929, a 10 de fevereiro de 1933, por merecimento, chegou a major. Em 1938, ainda por merecimento, recebia as estrêlas de Tt. coronel a 3 de maio de 1938. Por merecimento, chegou a coronel a 25 de dezembro de 1942 e a general de brigada a 21 de outubro de 1946. E' Comandante do Núcleo de Moto-Mecanização. Possui a condecoração da Ordem do Mérito Militar, pelos seus 30 anos de bons serviços, a medalha de guerra e comendador da Ordem Nacional do Mérito Paraguaio. Tem o Curso de Artilharia Regulamento 1919, aperfeiçoamento em 1929, Estado-Maior — Categoria B e Escola Superior de Guerra. O novo Presidente do Clube Militar é um dos mais briosos e probos oficiais de nosso Exército. Homem de vasta cultura e de atitudes francas, possuidor de grande caráter e hábitos morigerados, o general Etchegoyen ocupou no Rio de Janeiro o cargo de Chefe de Polícia no período Vargas antes do 29 de outubro, tendo uma atuação realmente merecedora dos maiores elogios por tôdas as razões inclusive a honestidade pessoal e funcional de sua conduta inflexível. Assumindo a direção do Clube Militar, o novo Presidente leva como propósitos uma série de sugestões em favor dos seus associados, bem como o programa de evitar questões político-partidárias no seio da grande classe militar, que deve manter-se sempre à margem das competições políticas, a fim de não enfraquecer-se e colocando a nação em ângulos de imprevisíveis acontecimentos. Seu nome encheu o noticiário da imprensa e do rádio, colocando-se como a figura mais destacada da semana que findou.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

HEROISMO E MORTE NO EVEREST

Por GEOFFREY WAKEFORD

EXCLUSIVIDADE DA REVISTA DA SEMANA NO BRASIL

A foto que ilustra esta página é de Maurice Hertzog, o heróico francês que conseguiu plantar a bandeira tricolor no tôpo do Everest, onde nunca haviam chegado pernas humanas. Êste artigo recorda o fracasso e o valor de seus predecessores menos felizes.

ATÉ agora nenhum pé humano conseguiu chegar ao final da escalada no monte Everest, e voltar para contar a história. Muitos alpinistas têm morrido nessas tentativas e todo mundo afirma: "O Everest é inconquistável".

Com oxigênio ou sem êle, os últimos mil pés do monte têm provado que são invencíveis. Em 1924 Leigh-Mallory e Jrvine encontraram a morte, não se sabe como, quando haviam ido além dos 28 mil pés. Esta e cinco outras expedições em 30 anos, foram vencidas pelo infernal Everest.

Naquelas imensas alturas o inimigo número um dos excursionistas é o ar rarefeito. Ventos traiçoeiros e fortes sibilam com a neve a 110 metros a hora, sôbre os alcantis gelados. Nos mais belos dias de sol, os seus raios batem a finíssima atmosfera e chegam a 32º Fahrenheit abaixo do ponto de ebulição, enquanto as noites são siberianas com o termômetro a 80 graus, ou mais, abaixo do ponto de congelação.

O alpinista no Monte Branco parece ter a habilidade de correr nos últimos 300 metros, enquanto para vencer o Everest, parece que está cambaleando como embriagado. Êle está bêbedo física e mentalmente. Seus movimentos passam a ser instintivos, e a sua consciência lhe grita com tôda a fôrça: "Volta !"

A subida é uma agonia terrível. O corpo protesta contra o sacrifício. O coração dispara. A bôca, ofegante, aberta, engole o ar nitrogenado que seca a garganta dando a sensação de abrasar-se.

Qualquer ascenção acima de 27 mil pés é uma agonia. A neve irradia chispas ofuscantes e o nervo ótico sofre as conseqüências dêsse embate e a vista se vai. As pernas ficam pesadas como barras de ferro. O frio queima o nariz e os dedos dos pés. A face é fustigada pelo vento gelado.

Várias expedições pesadas e outras leves, de simples passeios, têm sido organizadas contra o diabólico Everest. Muitas partem de Darjeeling, a trezentas milhas do invencível pico. O longo trajeto com a escalada de algumas elevações enrija os excursionistas.

A melhor ocasião para subir aos montes do Himalaia é no período favorável dos começos de maio ou junho, quando não há degelos e a neve não é desmoronada pela ação do sol, nem deslocada pelos dedos frígidos do vento.

O famoso Lama do monasterio de Rongbuk ainda deve estar lá. Se assim é, êle abençoará a próxima expedição, como é de costume. Êle acha que os alpinistas que procuram escalar o Everest são completamente loucos:

Rongbuk, a uns 16 mil pés de altura, é o último pôsto avançado em favor dos expedicionários que procuram o Everest. Está no interior do Tibet. Até 1920 recusava a estrangeiros a permissão de entrar na Terra Proibida.

Tôdas as expedições têm tido a mesma idéia: a criação de uma base acima de Rongbuk, e então, uma cadeia de mais uns cinco campos até ao tôpo.

Tropas de mulas de carga, bois, jumentos e muitos nativos carregadores (cherpas) recrutados para essas expedições, param em Rongbuk. Apenas os chamados picadores — os tigres da montanha — vão além com os alpinistas, conduzindo suprimentos aos ombros e oxigênio.

Dentre os mais heróicos feitos nas tentativas para vencer o Everest, há os dêste calendário: Em 1921 nove homens com o dr. A. M. Kellas, um cientista, exploraram as cercanias do norte. O dr. Kellas morreu durante a marcha pelo Tibet. Expedições subseqüentes cantaram o Psalmo 121 sôbre o seu túmulo. O acontecimento encorajou outras expedições.

Em 1922 três tentativas de escalada foram levadas a efeito por treze homens sob a chefia do brigadeiro-general Bruce, um "expert" de rija têmpera e de meia idade.

Da caravana, três só chegaram a 21 mil pés do campo, tendo caído exaustos. Os outros continuaram até 26.985 pés, sem oxigênio. Retornando com o major Morshead, supervisor da expedição, morreram sem conseguir vencer o pico.

A 25 de maio o cap. Finch e um jovem gurkha, usando oxigênio chegaram, respectivamente, a 27.235 e a 26.000 pés.

A terceira tentativa se deu a 3 de junho, quando sete tropeiros perderam a vida tragados por uma avalanche. Leigh-Mallory e outros quatro inglêses além de cinco tropeiros conseguiram salvar-se da morte sob o gêlo.



Em 1924 dois "cherpas" (portadores de bagagens) morreram sob avalanches. Os outros, em pânico, voltaram a Rongbuk. O Lama os abençoou e restaurou-lhes o moral abatido.

Quando Bruce, o chefe da expedicão, caiu doente, todos desistiram e regressaram à India. A 1º de junho o tenente-coronel Norton, com Somervell chegou a 26.800 pés. Somervell estava atacado da garganta, e Norton, cego.

Uma semana depois Leigh-Mallory e A. C. Irvine, com um pouco de oxigênio deixaram o mais avançado campo, (26.800 pés) com N. F. Odell como sentinela. Mais tarde Odell viu os dois já perto do final da escalada. Então sobreveio uma tempestade de neve e vento forte que os envolveu. Odell procurou por três vêzes seguidas encontrar os dois bravos alpinistas até uma altura de 27 mil pés, mas tudo foi em vão. Sòmente o Everest sabe o que aconteceu. Muitos julgam que os dois audazes alpinistas chegaram a escalar o cimo do monte.

Em 1931 dois americanos, Richard Halliburton e Moye Stephens, procuraram sobrevoar o pico do Fverest. Chegaram a 16 mil pés. Outras tentativas subiram a maior altura.

Em 1932, Lord Clydesdale (hoje Duque de Hamilton) comandando dois biplanos equipados por Lady Houston, sobrevoou, por duas vêzes, o pico do Everest. Êle fotografou valiosos ângulos e esperavam localizar os corpos de Leigh-Mallory e Irvine, mas as "plumagens" de neve do Everest impediam a visibilidade.

Em 1933 voltaram a tentar a escalada treze bretãos sob a direção de Hugh Ruttledge, incluindo esportistas da Universidade de Cambridge e um boxista olimpico. Porém, em junho apenas cinco homens estavam prontos para a excursão.

Eric Shipton, F. S. Smythe, Wyn-Harris e L. R. Wager, todos excederam de 28 mil pés sem oxigênio antes da descida. Wyn-Harris achou em altíssimas camadas de neve, um machado que pertencera a Leigh-Mallory ou a Irvine.

"Os últimos mil pés para a escalada final do Everest, — escreve Smythe, não podem ser suportado pela carne e pelo sangue. O cansaço me separava do tôpo". Smythe morreu em 1949, com 48 anos de idade.

Essa expedição usou o rádio pela primeira vez. A 23 mil pés êles puderam falar com Londres por meia hora.

Em 1934, Maurice Wilson, de 35 anos, natural de Bradford, tentou a escalada sòzinho, proeza única nos anais do alpinismo. Êle pensara em voar, mas foi a pé. Avançou até 21 mil pés. Levava uma bandeira da "Union Jack" e tencionava fincá-la no tôpo do monte Everest. Em 1935 excursionistas sob a chefia de Shipton acharam o corpo de Maurice. A bandeira estava ao seu lado. No seu "Diário", dizia êle: "Estou comendo neve e gêlo". Foi sepultado numa profunda fenda daquelas geleiras.

Em 1936 e 1938, sob chefias de Harold Tilman e Ruttledge, em expedição de Shipton, duas caravanas tentaram vencer as dificuldades. A de 1936 chegou a 27.800 pés, e a de 1938, a 27.300. Avalanches destruiram o caminho que êles seguiram. Em 1938 foi encontrado destruido um marco de pedra erguido em memória de Leigh-Mallory e Irvine. Tilman, com quatro americanos e Shipton com três bretãos e dois neo-zeelandeses exploraram o lado sul em 1950 e 1951 do Everest. Em dezembro último, um jornal russo declarou que Shipton e o sseus amigos excursionistas "eram ardilosos agentes do imperialismo britânico".

PECHINCHANDO...



Os discursos do ministro LAFER foram um autêntico sucesso! O povo levou a sério os seus conselhos para comprar o mínimo, regateando o máximo.





BARNABÉ deixou de comprar cigarros, e agora êle FILA...

★

SEBASTIANA, quando o arroz está caro na feira, pede-o emprestado à vizinha, para pagar na baixa.







D. GENOVEVA, aquela que punha um armarinho abaixo, para comprar um carretel de linha, hoje chateia, discute, reclama e não compra nada.

CERTAME FOTOGRÁFICO

A REVISTA DA SEMANA quer interessar os seus leitores fotógrafos em reportagens e, desta forma, se propõe selecionar, nas condições indicadas, alguns entre os melhores trabalhos que lhe foram enviados. A seleção será feita por uma comissão de cinco pessoas idôneas e os trabalhos aprovados serão publicados e remunerados como colaborações de qualidade excepcional.

Os pretendentes a tal gênero de colaboração só têm que observar escrupulosamente as condições do regulamento que damos a seguir, escolher seus assuntos e fazer funcionar suas máquinas. O resto ficará a cargo da comissão julgadora do mérito dos trabalhos apresentados.

1. Qualquer leitor do Brasil ou do estrangeiro, profissional ou amador, pode participar desta competição, desde que observe o Regulamento e remeta seus trabalhos dentro do prazo de noventa dias, a começar em 26 de abril de 1952. Nos trabalhos expedidos por via postal se tomará em consideração, para efeito do prazo, a data do carimbo da repartição postal expedidora.

2. A remuneração aos trabalhos classificados pela Comissão Julgadora será de duas naturezas: **a)** remunerações-prêmio para reportagens fotográficas e **b)** remunerações para fotografias isoladas.

3. Considera-se reportagem fotográfica a série ou seqüência de fotos, relacionadas com um mesmo assunto que, acompanhadas de legendas breves, contem por si sós uma história. Por exemplo: a história de um embarque no pôrto, com a seqüência das cenas de despedida no cais; do viajante na amurada do convés; dos lenços acenados pelos que ficam; do navio que se afasta; atitudes interessantes dos que vão e dos que ficam, etc.

4. Considera-se fotografia isolada tôda aquela que satisfizer as exigências de técnica fotográfica e apresentar interêsse jornalístico, realizando, sob êsses dois ângulos mencionados, uma unidade completa.

5. As remunerações para as melhores reportagens fotográficas são: 1ª classificada — Cr$ 10.000,00; 2ª classificada — Cr$ 5.000,00; 3ª classificada — Cr$ 3.000,00; 4ª classificada — Cr$ 2.000,00.

6. As remunerações para as melhores fotos isoladas serão: duas de mil cruzeiros cada, para as primeiras classificações; e quatro no valor de quinhentos cruzeiros, para as classificações seguintes.

7. As fotografias enviadas pelos pretendentes à colaboração estabelecida neste Regulamento não serão devolvidas e as classificadas, não premiadas, poderão em qualquer tempo ser publicadas, ficando o autor com direito à remuneração habitualmente paga pelos trabalhos de rotina.

8. Os nomes que compõem a Comissão Julgadora serão revelados juntamente com os resultados do Certame, em seguida ao julgamento.

9. O envio de trabalhos deve ser feito com observância das especificações seguintes: **a)** o pretendente remeterá conjuntamente negativos e cópias; **b)** as cópias devem ser esmaltadas e tiradas no tamanho 13x18; **c)** cada cópia deve ser acompanhada de legenda explicativa, com a extensão exigida pelo assunto que se explica.

10. O material deve ser metido em sobrecarta, com pseudônimo do candidato. Dentro da mesma sobrecarta deve ser incluído um envelope menor, fechado, sôbre o qual se escreverá o pseudônimo e dentro do qual se darão as indicações seguintes: nome, nacionalidade, idade e domicílio.

11. No julgamento serão considerados tanto os elementos técnicos (luz, foco, composição, etc.) como os jornalísticos: movimento, ação, singularidade, curiosidade, oportunidade, ineditismo do assunto, etc.

12. Qualquer omissão dêste Regulamento será suprida pela própria Comissão Julgadora, que fará constar o fato, e sua explicação, no laudo final do julgamento.

13. Os pretendentes devem enviar seus trabalhos para: "REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Certame Fotográfico". Convém escrever no envelope, com clareza, em lugar visível, o seguinte: — "Pede-se não dobrar".

NOITE E DIA — NOITE E DIA — NOITE E DIA

CURSO DE ROMANCE

Será inaugurado em 19 de junho próximo, com uma aula do acadêmico Menotti del Picchia, o Curso de Romance da Academia Brasileira de Letras. No término do curso, realizar-se-á uma competição entre os que o tenham concluido, constando de uma monografia sôbre tema da matéria dada. Serão conferidos prêmios de cinco mil, três mil e dois mil cruzeiros aos três primeiros colocados.

PRESIDENTE DA FAO

Seguiu para a Europa, a fim de dirigir em Roma os trabalhos da 15ª reunião do Conselho Executivo da F.A.O. (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), o Professor Josué de Castro, presidente dêsse organismo.

EXPOSIÇÃO DE "EX-LIBRIS"

Associando-se ao 144º aniversário da Imprensa Nacional, o Clube Internacional de "Ex-Libris" está realizando uma exposição de "Ex-Libris", no salão da Biblioteca Nacional.

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

O cientista Lejeune Pacheco Henriques de Oliveira, especialista em Hidrobiologia e professor do Instituto Osvaldo Cruz, foi eleito membro da Academia Brasileira de Ciências, onde foi recebido em sessão solene realizada na Escola Nacional de Engenharia.

CONFERÊNCIAS

● *Sábado último, no auditório do PEN Clube, a escritora e poetisa grega, sra. Economon-Gouras, espôsa do ministro da Grécia no Brasil, falará sôbre a personalidade da poetisa francesa, condessa de Noaille. Dirão versos Jeanine Sernagut e Edmée Brando.*

● *Com a colaboração de membros da Faculdade de Direito da Universidade Católica, o Clube Monte Líbano promoveu em sua sede social, uma série de palestras sôbre os temas "O Divórcio e o crime passional". As palestras, que tiveram a duração máxima de 15 minutos, foram pronunciadas pelo Ministro Nelson Hungria, senador Hamilton Nogueira, deputados Nelson Carneiro e Adroaldo Mesquita da Costa, professor Hélio Gomes e juiz J. de Oliveira e Silva.*

● *Ante-ontem, dia 29, o sr. Miguel Paranhos do Rio Branco, secretário da Embaixada do Brasil em Buenos Aires, pronunciou uma conferência no comité da Juventude do Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura, em Buenos Aires, sôbre o tema "Três momentos da Poesia Brasileira: Gonçalves Dias, Olavo Bilac e Manoel Bandeira".*

D. JAIME EMBARCOU

A fim de participar do XXXV Congresso Eucarístico Internacional, embarcou para Barcelona o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara.



D. Jaime

CONVITE

O jornalista José Gomes Talarico, presidente do Comitê de Imprensa do Ministério do Trabalho, foi convidado pela Confederação Internacional dos Sindicatos Livres para assistir à reunião do Conselho Executivo dessa entidade e à assembléia operária do grupo europeu, a reunir-se em Berlim, no dia 5 de julho vindouro.

CONGRESSO PENITENCIÁRIO

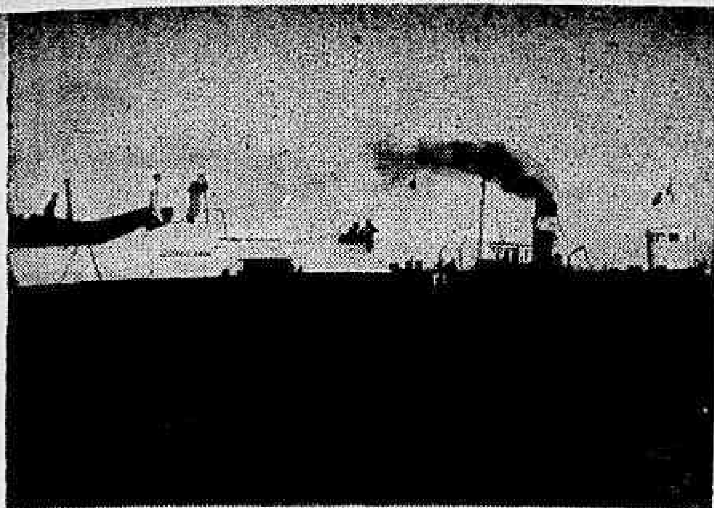
A fim de representar o Brasil no Congresso Hispano-Luso-Americano, Penal e Penitenciário, seguiu para Madrid o dr. Mário Acioli, procurador da República.

DIPLOMÁTICAS

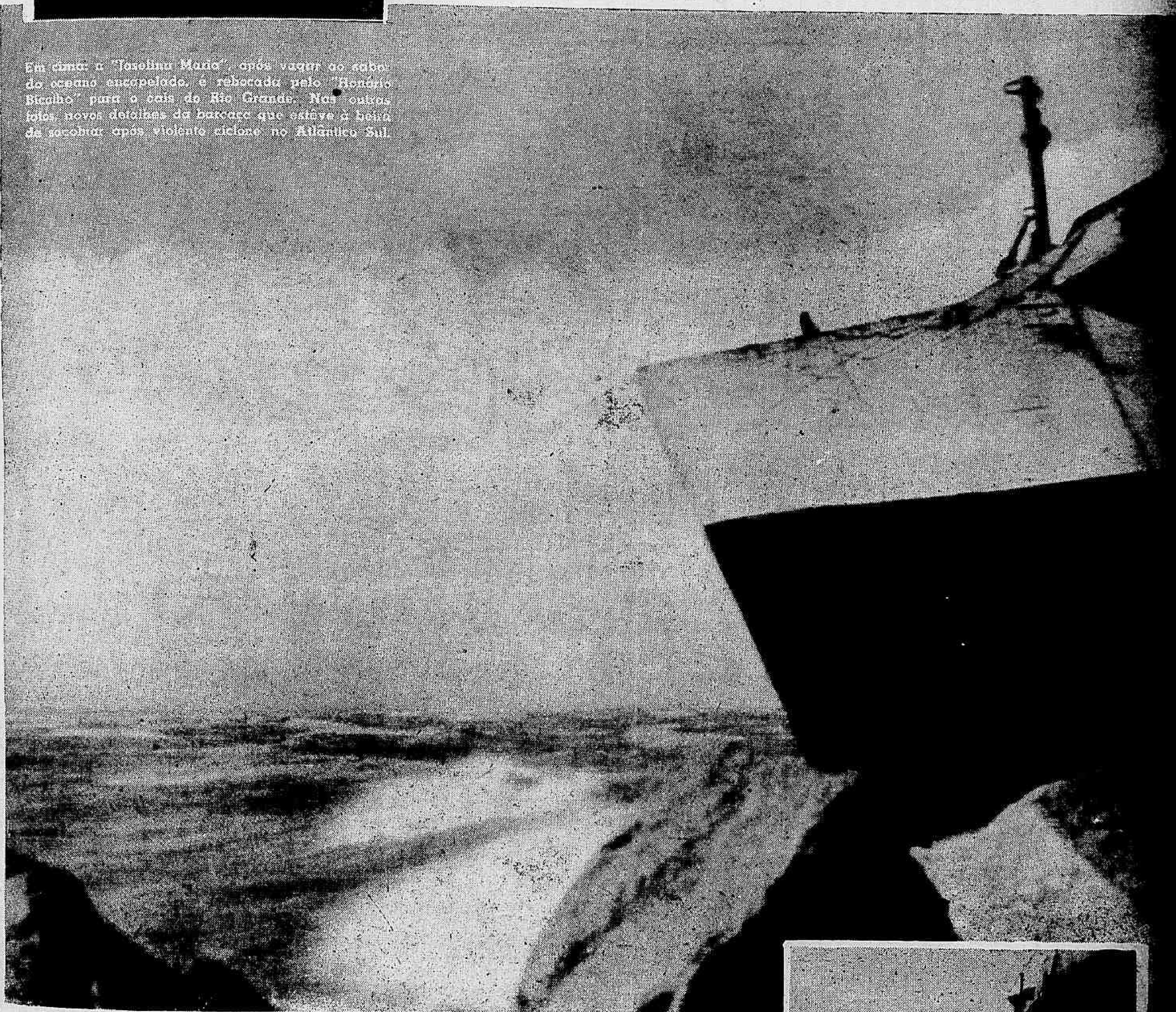
● *Seguiu para Bonn, a fim de conferenciar com o seu govêrno, o sr. Fritz Oellers, embaixador da República Federal da Alemanha junto ao govêrno brasileiro.*

● *Foi agraciado pelo govêrno do Líbano com a "Ordem do Cedro", durante uma recepção oferecida às altas autoridades e ao Corpo Diplomático pelo embaixador libanês, o sr. João Neves da Fontoura, ministro das Relações Exteriores.*

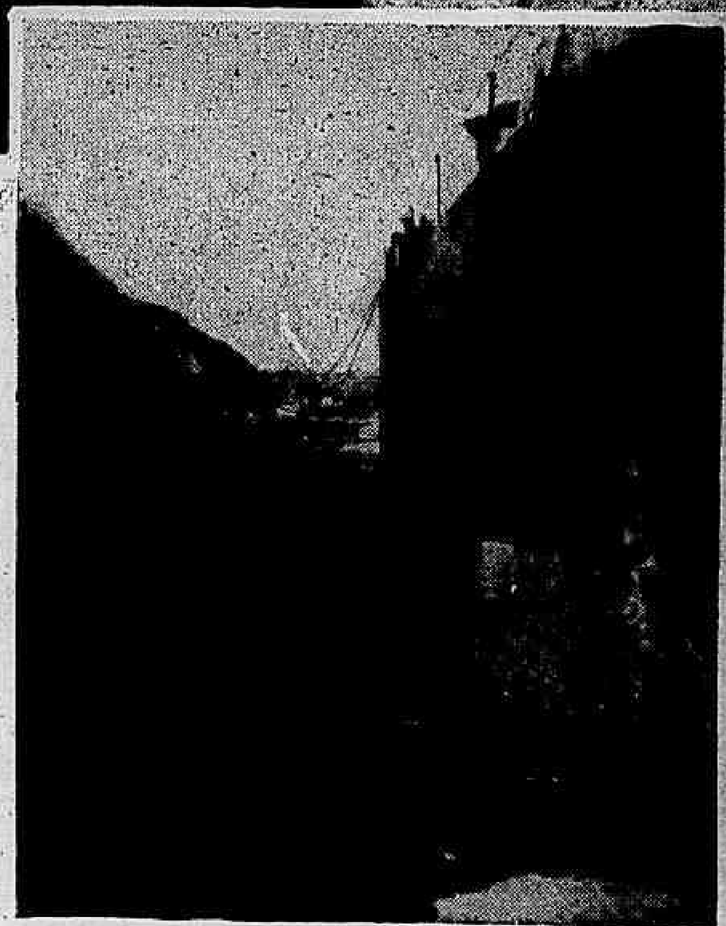
● *Chegou ao Rio no dia 29 do corrente o Rajá Joginder Bahadur de Mandi, novo embaixador da Índia no Brasil.*



DRAMA NO MAR



Em cima: a "Josefina Maria", após vagar ao sabor do oceano encapelado, é rebocada pelo "Honório Bicalho" para o cais do Rio Grande. Nas outras fotos, novos detalhes da barcaça que estêve à beira de soçobrar após violento ciclone no Atlântico Sul.



HORAS DE DESESPÊRO E ANGÚSTIA A BORDO DA "JOSEFINA MARIA" — ENCALHADO O "D. GUILHERME" NA COSTA URUGUAIA — A HISTÓRIA DOS MARUJOS QUE CURTIRAM FOME PARA POUPAR A VIDA DE 2 FRANGOS QUE HAVIA A BORDO

Texto de Nathaniel **GUIMARÃES**

Fotos de Juarez **FLORES**

drama no mar

QUANDO o inverno se aproxima e sopram furiosos os ventos vindos das geleiras, o Atlântico Sul se torna inquieto, espumante, e suas águas azuis se transformam em lagos traiçoeiros e perigosos. Os velhos marujos conhecem o Atlântico Sul como a palma de suas mãos, e seu instinto agudo sabe descobrir no vôo das aves marítimas ou na voz furiosa do vento os sinais de perigo que a natureza lhes envia.

E' assim no pôrto de Rio Grande, cidade marítima do Rio Grande do Sul, onde a maruja experiente e calejada observa o oceano antes de se fazer ao largo. Em certos dias de inverno ninguém ousa sequer atravessar a barra, temendo ser arrastado pelas correntezas de 7 milhas marítimas de velocidade, e que constitui um dos grandes flagelos das pequenas embarcações.

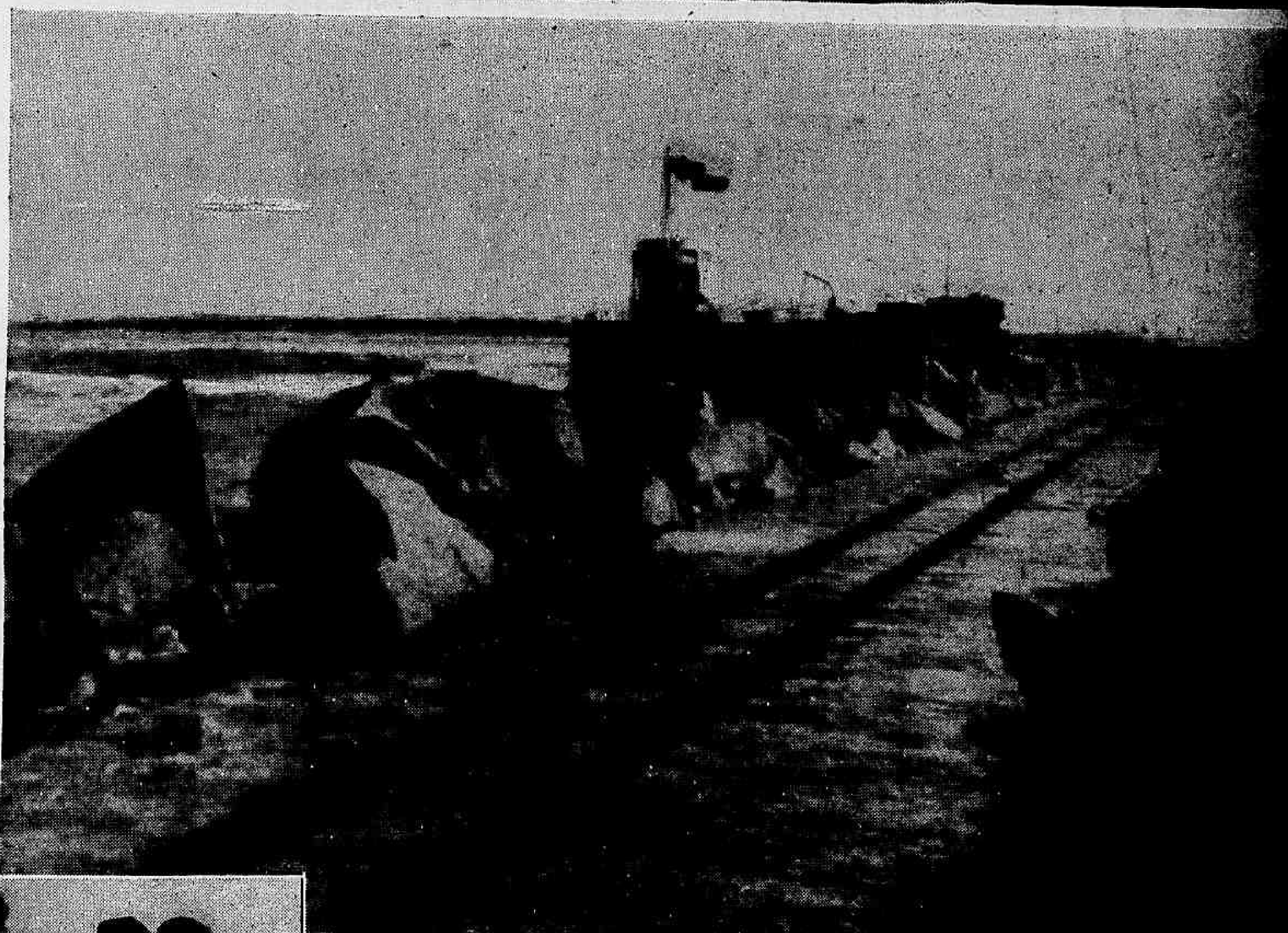
Contudo, é imperioso fazer-se ao mar, enfrentando os elementos em busca do sustento diário. E os intrépidos marujos vão largando em seus barcos e penetrando as distâncias oceânicas em busca de seus destinos. Com a graça de Deus e um pouco de coragem tudo irá bem, costumam êles dizer. Mas, quando menos se espera, o Atlântico Sul faz uma vítima, arrastando para suas entranhas misteriosas e insondáveis uma embarcação ou um punhado de homens.



Os dois valentes marujos, Antônio Zorrilla Febre e Teodoro Iosipesco. Êles nadaram cêrca de quinhentos metros de oceano agitado em busca de socorros urgentes para os seus companheiros. Apesar de exaustos pela luta travada com o mar, cumpriram a sua missão.

A "Josefina Maria" procurando atracar na Barra de Rio Grande, após ter sido rebocada pelo "Honório Bicalho". Na outra foto, a barcaça, já atracada, balouça suavemente ao movimento das vagas. A "Josefina Maria" encontrava-se, finalmente, fora de perigo.





Os cinco heróis da emocionante aventura marítima que empolgou o sul do país: Luiz Ferrari, Antônio Zorrilla Febre, Teodoro Iosipesco, Constantino Burlaco (patrão) e Orlando Castelo. Ainda se notam em suas faces os sinais do drama por êles vivido no Atlântico.



ENVOLVIDOS PELO CICLONE

A história que esta reportagem conta começa no dia 23 de abril, às 20 horas, e tem por cenário as águas do sul do Atlântico, a altura do cabo Polônio, na costa uruguaia.

Ao anoitecer dêste dia a tripulação do navio hondurenho "D. Guilherme", que se destinava a Pôrto Alegre, viu aproximar-se, veloz, uma violenta borrasca. O céu escurecera ràpidamente e o oceano assumira um aspecto sinistro. O capitão do "D. Guilherme", Alejandro Esqueleto, velho lobo do mar, adotara as providências usuais para a segurança das embarcações sob seu comando. As tripulações confiavam em seu comandante e êste confiava na resistência dos barcos, acreditando todos chegarem salvos ao pôrto de desembarque.

Mas o destino dos homens do mar é incerto. Em dado momento a borrasca aumenta sua violência. O vento sopra com fúria cavando abismos ou

(*Cont. na pág. 49*)

SEMANA LITERÁRIA

ÁLBUM DE FAMÍLIA



Dylan Thomas

DYLAN THOMAS é certamente uma das figuras mais estranhas e fascinantes das letras inglêsas atuais. Poeta e "broadcaster" eis como o chamou uma publicação britânica, sem nenhum espírito de diminuição — o que é bom esclarecer, tanto o nosso rádio tem desacreditado a literatura. Poeta, essencialmente poeta, exprimindo-se porém em prosa com a mesma facilidade e o mesmo encanto, Dylan Thomas não nos parece muito familiar dos leitores brasileiros de poesia. Isso, tanto pode ser devido ao inglês muito difícil de seus poemas como à falta de traduções de seus poemas — aliás quase intraduzíveis — em nosso meio. Nascido em 1914, em Swansea, desde seus primeiros versos foi considerado um poeta de primeira classe. Pertencendo à "avant garde" da poesia de seu tempo, anteriormente não gostava de muita popularidade. Pode-se dizer que foi sua obra no rádio e no cinema — como autor de "scripts" e de argumentos que familiarisou seu nome com o público inglês. Hoje em dia é um nome internacionalmente famoso. Seus livros têm grande aceitação e os colecionadores pagam caro suas primeiras edições. Recentemente editou-se dele "Colected Poems" e a curiosa autogiografia "Portrait of the Artist As a Yung Dog".

Manuel Bandeira que domina tão perfeitamente o verso inglês e que nos tem dado tantas admiráveis versões da poesia inglêsa, bem que podia praticar um pouco nos versos de Dylan Thomas: lendo-o (não sem dificuldades) a gente sente que êle seria um poeta muito apreciado pela nova geração brasileira.

A SEMANA DO LIVRO NA HOLANDA

CELEBROU-SE novamente êste ano na Holanda a tradicional "Semana do Livro". A inauguração teve lugar com uma grande festa no Teatro Municipal de Amsterdam, à qual assistiram S. M. a Rainha Juliana, muitas autoridades do país, representantes das organizações literárias, muitos autores e grande número de representantes da imprensa.

"A Semana do Livro" pode considerar-se como ponto culminante anual de uma propaganda para o livro holandês que é efetuado por um organismo especialmente criado para êsse fim pelos editôres e vendedores de livros neste país. Nesta campanha fazem ressaltar principalmente o interêsse dos leitores. Estimulam o contato entre autor e leitor, e um dos grandes atrativos para o leitor-comprador é de ter a oportunidade de encontrar pessoalmente o autor dos livros de sua preferência e, naturalmente, pedir-lhe um autógrafo.

"A Semana do Livro" chegou a ser na Holanda o acontecimento cultural anual ao qual tanto a imprensa como a rádio dedicam muita atenção. Durante os doze dias da sua duração, organizam-se representações para a mocidade, concursos de declamação, concursos de vitrinas para os vendedores, recitais radiofônicos e conferências de autores. Por tôda parte se vêem bandeiras de flâmulas verde-branco-verde, o símbolo desta "Semana". A Comissão para a propaganda do livro holandês distribui 200.000 exemplares de uma guia especial de livros, enquanto que as livrarias, por sua vez, distribuem entre meninos e meninas 70.000 estampas coloridas que representam personagens populares extraídas dos livros infantis. Com essas estampas a meninada tem ainda a oportunidade de ganhar prêmios em forma de livros, se conseguirem identificar as personagens reproduzidas. Entre a mocidade distribuem-se 35.000 exemplares de coleções de poesias líricas sob o título "A Musa Caprichosa". Nenhum livro de poesias alcança na Holanda uma tiragem igual a êste.

Outrossim, quem durante a "Semana do Livro" fizer compras por um valor de no mínimo quatro florins e meio, ou seja 22 cruzeiros em nossa moeda, recebe de presente uma novela que constitui o resultado dum concurso literário ao qual participam uns 30 autores. Neste ano a novela foi tirada em 130.000 exemplares. "Insetos em Plástico" é o título da novela que ganhou o primeiro prêmio da "Semana do Livro" de 1952. Na última página do livro encontra-se uma relação dos autores que participaram do concurso, juntamente com uma lista das suas principais publicações e quem conseguir acertar o nome do autor da novela, que não está mencionado no livro, ganha como prêmio valiosos livros. O nome do autor da novela premiada se dá a conhecer alguns meses mais tarde durante uma cerimônia oficial. Desta maneira o leitor aprende a ler criticamente.

Com relação ao livro na Holanda é interessante saber que, neste país com 10 milhões de habitantes, se publicaram no ano passado 6.500 livros diversos. Mais de 76% são edições originais enquanto que 10% são livros traduzidos de outros idiomas. Cresce anualmente a produção de livros em idiomas estrangeiros. Em 1951 editaram-se na Holanda nada menos de 858 dêsses livros. Em particular, trata-se da produção contínua de edições científicas, cuja maior parte foi publicada em inglês. Todavia, não faltam também publicações em árabe, industão, polinésio, chinês, hebreu, etc. E' igualmente digno de nota, a edição de livros, originalmente escritos em holandês, destinados a instituições científicas espalhadas pelo mundo inteiro, para que os homens da ciência no exterior possam consultá-los traduzidos para algum idioma universal. O "Centro de Exportações Gráficas", estabelecido em Amsterdam, publica um catálogo em inglês dos livros destinados à exportação. Exportações de livros da Holanda alcançaram em 1951 um valor de 73 milhões de florins, equivalente a aproximadamente 360 milhões de cruzeiros, o que prova que a propaganda bem organizada do livro beneficia, não sòmente a arte literária e a cultura em geral, mas ainda provoca considerável renda em divisas estrangeiras.

★

A MORTE DE JEAN THARAUD

O escritor Jean Tharaud, nascido a 9 de maio de 1877, em Saint-Junien (Haute-Vienne), faleceu em Paris. Sua carreira literária se confunde com a de seu irmão Jerome no nome que unia essa colaboração. Era tão difícil dissociá-los que foi preciso esperar a publicação do livro que êles publicaram no ano passado "La Double Confidance" para reconhecer, pelo menos em parte, o que cabe a cada um dêles. Em 1906 o prêmio Goncourt foi concedido a Jerome e Jean Tharaud pelo livro "Dingley, l'illustre écrivain".

Desde então os livros, romances e novelas se sucederam. Foram "Les Hobereaux", "Les Frères Ennemis", "La vie et la mort de Déroulede", "La Maitresse servante", "La Fête arabe", "La Bataille à Scutari d'Albanie", "L'Ombre de la Croix"... Em 1914, Jean Tharaud foi soldado de infantaria no mesmo regimento do seu irmão. Em 1917, Jean parte para Marrocos, chamado, com Jerome, por Lyautey, e é o nascimento da série marroquina: "Rabat ou les Heures Marrocaines", "Marrakech ou Les Seigneurs de l'Atlas", "Fez ou Les Bourgeois de l'Atlas".

Depois da guerra ambos se afirmam como grandes jornalistas e organizadores de inquéritos. Jerome e Jean Tharaud viajam sem cessar e continuam a publicar novos livros.

Aparecem: "Quaud Israel est roi", "Le Chemin de Damas", "L'An prochain à Jerusalem", "Notre cher Péguy", "Mes années chez Barrès", "Paris-Saigon dans l'azur".

Em 1938 Jerome é recebido na Academia e Jean nela ingressa, por sua vez em 1946.

Outono

Eis-te chegado, enfim, às minhas portas,
sob a váia frenética dos ventos,
com teu cortêjo de esperanças mortas,
e mortos sonhos, mágoas, desalentos.

E as árvores despindo, não te importas
de as expôr à rudez dos elementos,
Outono triste — que a alma desconfortas
com a desesperação dos teus lamentos.

Nas tuas frias tardes taciturnas,
contemplo as ruas ermas e soturnas
através das vidraças das janelas.

E, desvairadas, trágicas, sombrias,
bailam, dentro de mim, as agonias
como, lá fora, as fôlhas amarelas...

De MANOEL MOREIRA

Notícias do Recife

● Os jovens escritores Mauritônio Meira e Edmir Régis ressuscitaram a Editôra Região, com a apresentação do livro de estréia, «O Tempo da Busca», de autoria do poeta Carlos Pena Filho.

● O poeta Mauro Mota que dirige o suplemento literário do «Diário de Pernambuco», deverá ir ao Rio, dentro de poucos dias, a fim de cuidar da edição das suas «Elegias», livro que será lançado pelo «Jornal de Letras», com prefácio de Álvaro Lins.

● Regressou dos Estados Unidos o jovem critico Edison Nery da Fonseca que ali fôra em viagem de estudos.

Notícias de São Luís

● No salão de abril, realizado anualmente em Fortaleza, saíram vencedores os pintores maranhenses Iedo Saldanha, Antônio Almeida e J. Figueredo, em primeiro, segundo e terceiros lugares, respectivamente.

● O poeta Carlos Madeira deverá publicar, êste ano, definitivamente, o seu livro de estréia que abrange sonetos e elegias.

● A tela «Capinzal», de Pedro Paiva Filho, foi aceita pela comissão de seleção do Museu Nacional de Arte Moderna. O fato assume importância invulgar por ser a primeira vez que do Maranhão, um pintor aparece em galeria nacional.

● professor José Bento Nogueira deverá ir ao Rio, a fim de assistir à encenação da peça de sua autoria, «Os degredados são quatro», pelo Teatro do Estudante que a inclui em seu repertório, de acôrdo com o plano de Pascoal Carlos Magno, no sentido de divulgar os autores jovens e inéditos do Brasil.

Notícias de São Paulo

● O Museu de Arte Moderna está oferecendo ao público paulistano duas exposições de grande interêsse: a do jovem pintor polonês Franz Krajcberg, e a da pintora norte-americana Ninna Citron.

● O contista baiano Vasconcelos Maia estêve em São Paulo, passando a sua lua de mel, aqui, entre amigos, homenagens, concêrtos e viagens à famosa fazenda do pintor e desenhista Flávio de Carvalho.

● Estêve na capital bandeirante, durante os dias da semana santa, o contista Almeida Fischer, autor do livro «O Homem de Duas Cabeças», laureado pela Academia Brasileira de Letras.

● Informam os jornais paulistanos que José de Barros Pinto, autor de «Jangada» obteve em segundo escrutínio os votos unânimes dos julgadores Sérgio Buarque de Holanda, Osmar Pimentel e Lívio Xavier. Dêste modo, o vencedor do Prêmio Fábio Prado, dêste ano, não é sòmente um estreante no romance, mas na literatura em geral, o que vem aumentar o nosso interêsse em tôrno dêste escritor moço, para nós, absolutamente desconhecido.

FORA DO PRELO

O LIVRO DA SEMANA

O MUNDO COMPREENDERÁ

SOB o titulo principal, êste livro de F. M. Archanjo traz uma sub-epígrafe: "A história de Jan A. Bata — o rei do sapato". Ficamos assim desde logo esclarecidos de que a obra trata de um dos homens de maior evidência neste segundo apósguerra, o industrial checo que se tornou famoso, não tanto pela luta que sustentou contra Hitler e o hitlerismo, quanto pelo fato de ter sido uma vítima dos aliados que, contra êle, agiram de maneira mais anti-democrática possível. O criador das admiráveis indústrias Bata que se tornou uma das maiores potências do mundo econômico moderno é estudado neste livro, "O Mundo Compreenderá" (Gráfica Editôra Aurora, Rio) da maneira mais completa possível, tanto como o mestre de forjas que êle é, quanto como a grande vítima que se tornou dos negócios da guerra que, aliás, em essência, não é mais do que um grande e sujo negócio. Jan Bata que o destino trouxe ao Brasil, para, entre nós continuar sua obra formidável, merecia merecidamente a homenagem que lhe presta, ao seu gênio prodigioso, à sua capacidade de líder de empreendimentos e de homens, à sua bravura inamolgável, êste documentário tão bem informado e tão aliciante, escrito com conhecimento do assunto, com uma notável abundância de informações e com um entusiasmo que se entrevê, ao longo de suas duzentas e tantas páginas.

F. M. Archanjo assume páginas a atitude dessambrada que teve, por exemplo, Zola, no "Affaire Dreyfus", ou Ruy, em Haia. É o mesmo fogo justiceiro que o inflama. E' a mesma coragem de se opor à corrente, ao sanfichismo, ao "laisser aller" do comodismo atual. E o autor acrescenta a isso, também, uma escrita fácil, um tratamento direto do assunto, sem se deixar envolver pelo emaranhado do "caso". Bata, sem se perder nos corredores politicos içados de desejos, sem fugir uma linha de um plano-de-obra que nos mostra a injustiça e o injustiçado. O livro toma quase sempre o tom de um requisitório: é um ferro em brasa causticando a comédia política que é um entremês de interêsses inconfessáveis. Entretanto, vemos sobrepairar a tudo a figura dêsse homem de nosso tempo que é quase um herói inacreditável, pelo gênio realizador e pela têmpera de lutador. A cada momento desta obra, estamos vendo em pé, sempre, êste animador, êste criador que os fados implacáveis debalde têm tentado destruir. Êste checo, realmente, é uma das grandes figuras de nosso tempo, de certa maneira uma das maiores dêste meio século. Sapateiro genial que se tornou o "rei" de sua profissão, êle tem a alma do pioneiro e a capacidade do civilizador, amando a beleza e o trabalho, sabendo que o dinheiro só vale pelo que possibilita de bem ao mundo e às criaturas, dono do segrêdo da vitória que encontra sempre à sua frente, pelo milagre de sua vontade, pela retidão de seus planos, pela grandeza de seus objetivos.

"O Mundo Compreenderá", é um livro que devemos dar a ler a nossos filhos: é uma lição admirável, impressionante e exemplar a que êle nos conta. Para vê-lo, basta citar as palavras com que êsse homem inatural certa vez falou do dinheiro, o deus de nosso tempo, um deus despótico e devorador, a cujos pés se rojam os contemporâneos: "Meu segrêdo é o de não guardar dinheiro. Quanto mais rápida fôr a circulação do vil metal, tanto mais valorizado êle fica. O dinheiro em si é improdutivo. E' preciso pôr homens a trabalhar, a ganhar dinheiro, a produzir utilidades, bem estar para a humanidade. Isto sim, é riqueza.

Edmundo Lys

A VIÚVA, A RELIGIOSA, A CORTESÃ — Mais um volume de Lin Yutang editado por Pongetti. Vale dizer, mais um sucesso de livraria, tanto é certo que o escritor — filósofo que junta à cultura e ao sentimento oriental, o espírito ocidental, é um dos autores mais lidos atualmente e mesmo entre nós. Lin Yutang, de fato, merece êsse prestígio e essa popularidade, o que se confirma plenamente ainda neste delicioso volume onde o encontramos, na sua melhor forma, em três contos longos de três autores chineses diferentes (mas será isso verdade ou uma heteronimia?) que êle traduziu, adatou e apresentou ao mundo ocidental. A tradução brasileira foi muito bem feita por Marina Guaspari e a apresentação gráfica é cuidada, como sempre.

VITRAL DA MADRUGADA — O poeta nordestino Euricledes Formiga é um rapsôdo. Seus momentos liricos não conseguem vencer o cantor de ar livre, cantando a paisagem adusta e os grandes temas fundamentais da natureza e das almas, com o culto das palavras sonoras, das rimas altissonantes e dos tropos arrojados «Vitral da Madrugada» é bem a prova dessa musa ardente e exaltada que se compraz no contato dos grandes acontecimentos e dos largos horizontes.

FILHOS DO DESTINO — Não é obra recém-aparecida, já publicada há bastante tempo. Em todo o caso, registamos aqui o aparecimento do livro com atraso embora, por seu invulgar merecimento. De fato, «Filhos do Destino» (Editôra Cupolo, São Paulo) é, podemos dizer, a biografia romanceada de São Paulo. História do café da cultura do café e do emigrante, no grande Estado, Hernani Donato nos deu com êste livro um verdadeiro épico da terra bandeirante. O livro está escrito em estilo original e sedutor, em forma de lineamentos modernos e sólida estruturação. «Filhos do Destino» é obra de extraordinária simpatia, de subterrânea eloqüência, de sincera compreensão. Por isso mesmo indispensável já à bibliografia paulistana, podendo ser lido com agrado por qualquer espécie de leitor, tantos são os valores que reune.

A CANÇÃO DO PLANALTO — Outro volume que há muito temos em mãos é êste «A Canção do Planalto» que nos vem de Goiás, oferta de seu autor, Xavier Júnior. Infelizmente o poeta teve contra êle a Emiel Editôra, com uma apresentação vulgar da obra, sem contar os «pastéis» que quase impossibilitam a leitura dos versos. Xavier Júnior é um lírico que ama o amor e as paisagens tocadas de poesia. Seus versos, trabalhados ora em formas antigas, ora em ritmos modernos, nos dão a medida de um «bissexto» cuja inspiração confidente nos proporciona alguns momentos de comovente lirismo.



QUE ESPÉCIE DE

OLIVIA









ESTAMOS em França, no fim do século passado. Uma nova pensionária é esperada no colégio "Les Avons" e Victoire, a governanta, é encarregada de ir buscá-la na estação de Fontainebleau. Olivia é o seu nome. E' uma jovem inglêsa, loura e bela, quase uma menina, mas de olhar vivo e interessado, tão comum à adolescência.

Que admirável casa de campo é o colégio "Les Avons". Seria mesmo um pensionato. A austeridade da senhora Reisener, professôra de alemão do educandário que vem receber Olivia na porta, indica-lhe, finalmente, o aspecto geral do lugar, apesar dos gritos alegres e despreocupados que vem do interior do estabelecimento.

Na sala de entrada ela vê-se cercada por um punhado de jovens e meninas curiosas em conhecer a recém-chegada, mas, sùbitamente, tôdas se precipitam para as escadas. Há uma espécie de murmúrio de admiração e, logo depois, um silêncio religioso; Mademoiselle Julie vem de aparecer. E' uma das diretoras do educandário. Fascinada, Olivia contempla uma mulher de beleza perturbadora, trajando um belíssimo vestido. Seu pressentimento não a enganara. Tinha certeza de que naquele colégio poderia ser muito feliz.

Constrangida, ouve as palavras gentis e amigas que Mademoiselle Julie dirige às alunas, antes de perceber sua presença. Olivia permanece à distância, muito séria e reservada em seu costume de viagem. Num movimento cheio de graça e vivacidade, a diretora se aproxima de Olivia e pergunta se teve uma viagem agradável. Depois, desaparece. Esperam-na em Paris e as suas alunas de "Les Avons" dizem que ela na grande cidade frequenta casas de ministros e sábios. Não, decididamente êsse pensionato cosmopolita para moças nem parece ser real. Trabalha-se, estuda-se, distrai-se e passeia-se na maior liberdade. Reina uma atmosfera romântica e ,ao mesmo tempo, uma familiaridade cheia de encantamento. Mademoiselle Cara, a segunda Diretora do colégio, gosta de reunir em sua volta algumas das suas alunos preferidas. Porém, secretamente invejosa do prestígio de sua amiga Julie, ela criou, sob a influência de Frau Reisener, uma dissenção entre as jovens discípulas. Há um grupo de alunas que gravita em tôrno de Mademoiselle Julie e, por isso, são chamadas "Julistas", e um outro grupo que pende para o lado de Mademoiselle Cara, chamado "Caristas". Para qual dos dois lados irá decidir a pequena Olivia? E' essa interrogação que paira na mente de tôdas as internadas do colégio. No mesmo dia de sua chegada, Olivia é apresentada a Mademoiselle Cara, que então a convida para um café em seus aposentos, em companhia de uma outra aluna, Mimi. Cara pode comparar-se a um dos encantadores vasos de Saxe que adornam seu quarto fresco e perfumado. Bela, lânguida, um pouco mimada, vive quase sempre deitada em seu sofá, queixando-se sem cessar de suas dores de cabeça e de sua solidão. Sofre de uma doença imaginária, mas Olivia se deixa conquistar por sua doçura, seus gestos ternos e seus suspiros. No dia seguinte, a jovem inglêsa inicia a sua vida no pensionato. Veste o uniforme que lhe dá Mademoiselle Julie e, depois, procura examinar-se no espelho de seu quarto, com uma intensa curiosidade, como se a imagem refletida fôsse a de uma desconhecida. Bela ou feia? Que pen-

ELENCO:

Mademoiselle Julie	EDWIGE FEUILLIÈRE
Mademoiselle Cara	SIMONE SIMON
Olívia	MARIE-CLAIRE OLIVIA
Victoire	YVONNE DE BRAY
Senhora Reisener	LESLY MENARD
Mademoiselle Dubois	SUZANNE DEHELLY
Mimi	MARINA DE BERG
Cécile	RITA RETHYS

Adaptado do romance "Olívia", de Dorothy Bussi. ★ Uma produção "Mennon-Films", França. ★ Distribuição da Telefilmes. ★ Direção de Jacqueline Audry.

AMOR PODERIA EXISTIR ENTRE AQUELAS DUAS MULHERES?

Olivia (continuação)

sariam dela as suas companheiras? Iriam gostar dela? Iria encontrar, naquele colégio, uma verdadeira amiga? Na sala de aula, Olivia toma conhecimento das "veteranas": Nina, a irlandesa, Olga, a russa. A mais bonita é americana e se chama Cécile, mas frequenta muito pouco os estudos, pois é por demais vaidosa e prefere cuidar de seus vestidos. Na Biblioteca pode-se escolher o livro que desejar. Os bons livros representam, aos olhos de Mademoiselle Julie, o melhor ensinamento. Nesse colégio procura-se, sobretudo, modelar o gôsto das moças para as belas artes e para as artes aplicadas, isto é, para a pintura, para a literatura e até mesmo para a cozinha. Victoire encarrega-se da arte culinária. Mademoiselle Dubois, a professôra de matemática, perpetuamente esfomeada, aprecia particularmente as suas próprias receitas. Juntamente com Victoire, deplora a intolerância entre as duas diretoras, Julie e Cara, intolerância esta criada pela influência nefasta da senhora Reisener. Mademoiselle Signorina ensina o italiano. Jovem e de pequena estatura, mais parece uma aluna do que uma professôra. E' a protegida de Julie, pela qual ela revela uma devoção inabalável. Sua única alegria é a de lhe servir e de viver à sua sombra. Naquela noite, em que haveria uma sessão de leitura nos aposentos de Mllé. Julie, Signorina mostrava-se extremamente feliz. Aliás, tôdas as alunas veteranas aguardam com ansiedade essas sessões, as quais comparecem como que a uma recepção mundana. Cada uma delas coloca seu mais belo vestido e Cécile, a americana, não poupa esforços em realçar ainda mais sua extrema beleza. Tudo isso se passa no gabinete de trabalho da Diretora Julie. Uma ampla sala, ao mesmo tempo elegante e austera. Mlle. Julie escolhe na Biblioteca a obra que deverá ler alguns trechos e, depois, se instala em confortável poltrona, em tôrno da qual se vêm sentar as jovens alunas. Lê algumas passagens de "Andromaco", de Racine, e faz algumas perguntas às alunas. Apenas Olivia parece estar ao par da genealogia dos heróis antigos. Como suprema recompensa, Mlle. Julie pede para que Olivia venha sentar-se ao seu lado. Depois, continua com a leitura, enquanto suas alunas a ouvem com fervor. Olivia, especialmente, parece totalmente fascinada. A perfeição de uma poesia que ela não conhecia ainda, o encontro e a nobreza da mulher que a lê lhe dão a impressão de receber a revelação de algo inimaginável. A leitura termina. Mademoiselle Julie, porém, pede para que Olivia fique mais alguns instantes. Quer fazer um conhecimento mais amplo com sua nova e tão inteligente aluna. Esta, ainda fascinada, vem sentar-se aos seus pés, junto à lareira, e se submete de bom grado ao interrogatório de sua mestra, que procura, antes de tudo, criar um clima de confiança entre ela e suas alunas. Olivia, que no seu colégio, na Inglaterra, vivia sob uma atmosfera diferente, de extrema severidade e constantemente alertada contra o pecado e as tentações, tem a certeza, finalmente, de que em "Les Avons" ela poderá ser de fato feliz. Naturalmente, é Mademoiselle Julie quem dá as lições de literatura. E' extremamente instruída mas, ao mesmo tempo, tão viva e agradável que jamais se aborrece em suas aulas. Enquanto a esperam, suas alunas se divertem no "hall". A liberdade reina, de fato, no educandário. As próprias salas de aula são alegres e harmoniosas. Senta-se em volta de uma ampla mesa redonda. Hoje, Mlle. Julie dá o resultado das provas de francês e cada uma das alunas aguarda, com o coração aos pulos, o que a professôra dirá de seu trabalho. As apreciações incisivas, finas, brincalhonas ou indulgentes parecem soar como verdadeiras sentenças. O trabalho de Olivia é qualificado de "pouco pobre", diante do grande desespêro da jovem inglêsa, que esperava um elogio. Um tanto despeitada, ela *vai* para os aposentos de Mlle. Cara em busca de não se sabe que consolação... Porém, é mal recebida. Embora surprêsa, Cara compreende perfeitamente que Olivia prefere Julie. Enciumada, cheia de resentimento e cólera, expulsa de seu quarto a jovem inglêsa. Olivia vai reunir-se às suas amigas, no grande parque. Afinal de contas, ela ainda é uma criança e o sol brilha, majestoso. Vai correr pelos bosques, a fim de esquecer suas mágoas. E as alegrias logo cedo porque Mlle. Julie prometeu levá-la à Paris, naquela mesma tarde. E, além disso, Mimi vem lhe confiar, muito particularmente, que haverá compota de pêssegos como sobremesa, no almôço. Portanto, as coisas, apesar dos pesares, não pareciam tão más assim. Soa, finalmente, a sineta e as jovens alunas se precipitam em direção ao refeitório. Todo o pensionato se reúne para o almôço. Mlle. Cara se condescendeu a deixar os seus aposentos, embora mantenha uma expressão um tanto amorosa em meio da alegria geral. A vivacidade de Mlle. Julie e o interêsse que ela demonstra por Olivia parecem exasperá-la. O gesto desastrado de uma copeira, que deixa cair um prato de sopa em seu lindo vestido, faz estourar sua cólera e, logo em seguida, uma verdadeira crise de nervos. E' em vão que Julie procura acalmá-la, apaziguá-la. Cara se queixa amargamente. Ninguém se interessa por ela, todos a contrariam, faz-se tudo para torná-la cada vez mais doente. E quando lhe trazem galinha especialmente preparada para o seu gôsto, Cara diz que não poderá comer coisa alguma e abandona o refeitório apoiada no braço da senhora Reisener, que lhe prodiga palavras de carinho. Mlle. Julie, que faz um movimento para acompanhá-la, torna a se sentar, lentamente, ao mesmo tempo que suspira, desconsolada. Em Paris, em companhia de Olivia, ela reencontra tôda a sua vivacidade. E é ainda através de Julie que a jovem inglêsa pôde compreender a verdadeira beleza de Paris. E' sua mão firme e doce que a conduz ao longo, é sua voz, que já lhe revelara Racine, que comenta tôdas as belezas do Museu do Louvre, exclusivamente para ela, Olivia. Paris, entretanto, também tem suas casas de chá. Olivia, gulosa, saboreia o chocolate, enquanto que uma ex-aluna vem saudar Mlle. Julie, e sôbre a qual esta conta fatos pitorescos à jovem inglêsa, ocorridos com Cara no educandário, há tempos. Mas essa sua aluna hoje está noiva de um belo oficial, que se posta mais adiante à espera de sua futura espôsa.

O amor sempre foi o grande interêsse de minha vida... Que os deuses me concedam



No trem que as traz de volta à Fontainebleau, Olivia não cessa de sonhar com essa jornada tão encantadora e doce. Um grande *elan* de reconhecimento e de amizade a aproxima ainda mais de Mlle. Julie. Cara, enquanto isso, continua nervosa e agitada, e a senhora Reisener, que parece tomar interêsse especial em seu sofrimento, repreende um grupo de alunas que falam em altas vozes. Há, em "Les Avons", mais uma pensionária: Laura, filha de um Ministro inglês, antiga aluna de Mlle. Julie, que chega para uma visita. E' uma menina bonita, inteligente, sensível, amada por tôdas, menos por Cara. Uma nova sessão de leitura reúne as veteranas no gabinete de Julie que, desta feita, lê "O Lago", de Lamartine. Tôdas a ouvem em religioso silêncio. Só a senhora Reisener não parece dominada por aquela atmosfera de encantamento. Ela apenas observa, nas expressões das jovens, a admiração e o fervor que lhes inspira aquela leitura. Depois, Mlle. Julie fecha o livro e começa a conversar com suas alunas. Brinca com Cécile, cujo novo penteado não lhe agrada. Cécile não precisa estudar, basta apenas ser bela, mas para isso é preciso que cuide de sua beleza da maneira mais inteligente possível. As jovens se dispersam e vão para o "hall", em busca de suas velas. Mlle. Julie sobe a escada, iluminada por Signorina e seguida por suas alunas. Laura e Olivia trocam algumas palavras antes de se retirarem para os seus respectivos quartos. Julie vai até o quarto de Cara, para lhe dizer boa-noite. E' recebida com uma cena pontilhada de gemidos e soluços. Sua amiga lhe dirige palavras violentas, nas quais deixa transparecer tôda a sua inveja. Lamenta que, se se encontra doente e abandonada, é porque Julie lhe rouba todos os afetos. Esta, com muita doçura e carinho, procura acalmá-la. Leva-a até o seu leito, fá-la deitar e a cobre com uma colcha, tal como se estivesse cuidando de uma criança. Finalmente, os soluços de Cara se abrandam. Ao se dirigir para o seu quarto, Julie percebe luz no quarto de Olivia. Encontra a jovem lendo, à luz de uma vela. Êsse, certamente, não é o momento de decorar "O Lago". Quer tirar o livro, mas Olivia se apodera de suas mãos e as cobre de beijos. Julie se liberta e repreende docemente a jovem inglêsinha. Após tê-la beijado docemente, apaga a luz e sai do quarto. Laura quer deixar "Les Avons" sem esperar a festa de Natal, pois teme ser objeto de discórdia entre as duas diretoras. Sua partida entristece Mlle. Julie, que apreciava sua bondade e sua inteligência. Ela corrige, um tanto melancòlicamente, algumas provas quando Olivia bate à porta de seu gabinete. Satisfeita com a sua presença, autoriza a jovem a se sentar ao seu lado com um livro, mas Olivia se mostra incapaz de ler e não pensa senão nessa misteriosa sensação que a impulsiona contra sua professôra. Enquanto isso, no bosque, algumas alunas se reúnem em tôrno do belo pinheiro que o velho jardineiro acabara de abater. A árvore, brilhantemente decorada e iluminada é o principal enfeite da sala de festas. Foi organizado um baile *a travesti* e as jovens pensionárias vêm, duas a duas, apresentar suas fantasias à diretora. Mlle. Julie se diverte bastante com as preferências de cada uma e distribui conselhos. Numa fantasia indu, Olivia se mostra deveras encantadora, mas é Cécile, uma vez mais, que rouba o espetáculo, com sua beleza admirável. Apresenta-se numa fantasia intitulada "América", perfeitamente consciente de sua beleza.

Ao piano, Frau Reisener toca uma valsa lenta. Julie e Cara iniciam o baile: em sua volta, dançam, aos pares, as alunas. Victoire não se esqueceu das comidas e das bebidas tradicionais. As alunas poderiam dançar a noite inteira, se para tanto lhes permitissem as diretoras. Mlle. Cara retorna aos seus aposentos, pois apesar de apreciar a dança, teme que a mesma poderá prejudicar ainda mais sua saúde. Enquanto os pares continuam a dançar, Mlle. Julie se aproxima de Cécile. Ela a contempla com admiração e cumprimenta pela perfeição de sua vestimenta e por sua beleza. Sùbitamente, debruçando-se sôbre suas espáduas perfeitas, Mlle. Julie não se contém e beija ardentemente Cécile. Quando se recompõe, a diretora percebe Olivia, ao fundo da sala, com a fisionomia transtornada pelo ciúme. Dirigindo-se ràpidamente até ela, Julie lhe segreda ao ouvido, dizendo que irá vê-la naquela noite, em seu quarto.

Olivia, porém, espera em vão. Mlle. Julie não lhe vem ver em seu quarto, tal como prometera. Na manhã seguinte, Julie assegura à Olivia que assim procedeu em benefício de ambas. Olivia, sòzinha em seu gabinete de trabalho, se deixa adormecer. E' abruptamente despertada por Cara, que a sacode com violência. Seus gritos atraem Julie, que liberta a jovem e, depois, se dirigindo à sua colega, revela sua decisão de abandonar o colégio. Todo o colégio se comove, Mlle. Julie vai partir! Os advogados vêm para a assinatura do ato de separação. Julie abandona seus direitos. O pensionato ficará nas mãos de Cara e de Frau Reisener. O drama se precipita naquela mesma tarde. Cara absorve uma dose demasiadamente forte de um soporífero e não mais acorda. Reunidas ao pé da escada, Victoire, Mlle. Dubois e as alunas aguardam o resultado do inquérito policial, que acaba de dar a morte de Cara como acidental. Essa, entretanto, não é a opinião de todo o educandário, no qual há murmúrios de que Cara se matou voluntàriamente. Suicídio? Acidente? Jamais se poderá saber, ao certo. Julie decide velar, sòzinha, sua infeliz amiga, enquanto Olivia, desesperada, fica junto à porta do quarto. Ao amanhecer, Julie a encontra adormecida, apenas com sua camisa de dormir, quase morta de frio. Leva-a para seu quarto, coloca-a diante da lareira e lhe esfrega as mãos e os pés desnudos, cobrindo-a com um cobertor. Depois, volta ao seu velório. Mlle. Julie, desapossada por Frau Reisener, que herdou o colégio de Cara, diz adeus às suas alunas. Ela as recebe, uma a uma, em seu gabinete. As jovens saem chorando, agitadas. Chegou a vez de Olivia, mas Julie, na defensiva e para se proteger de todo e qualquer enfraquecimento, a recebe friamente. Olivia recebe, como lembrança, o corta-papel de marfim que marcara as páginas de tantas obras-primas. E' isso, afinal de contas, tudo o que lhe resta da primeira aventura que fêz bater seu apaixonado coração. E murmurando o adeus de Berenice, falou Julie:

"... e jamais diremos Adeus!
Jamais! Ah, Senhor, bem sabeis quão tenebrosa
é essa cruel palavra para os que se amam!

a graça de não ter profanado uma pura e adorável recordação... (Olivia)



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

BARRY lhe escrevera que estava indo muito bem em seu trabalho. Logo que ela chegasse, êle revelaria tudo a Gordon. O general poderia ir sòzinho à Alemanha, enquanto ambos poderiam fazer então a sua verdadeira lua de mel. E Barry pedia: "E' preciso que você escolha o local aonde iremos".

Leila fêz planos lindos. E escreveu:

"Um dia, papai e eu excursionamos pela Escócia, quando paramos a uma pequena localidade para tomar chá. Era uma vilazinha bonita como a dos contos de fadas, Barry, com suas casas pequeninas e poeticas e suas ruazinhas estreiats, tão estreitas que os seus moradores se debruçavam nas janelas para conversar com os vizinhos por sôbre as nossas cabeças. E estou certo de que os vizinhos poderiam apertar-se as mãos, de uma janela a outra.

"Não era possível mesmo dar volta a uma viatura, e fomos obrigados e seguer até ao final da rua, até encontrarmos o mais encantador dos albergues. Então ficamos ali para passar a noite. Os cobertores estavam perfumados com lavanda, e havia adoráveis coisas, e flores à moda antiga, num lindo jardizinho muito bem tratado. Sôbre tudo isso um fundo de montanha e um lago. Iremos até ali, Barry: seria maravilhoso!"

Também haviam projetado morar em Londres, logo depois da lua de mel, alugando um pequeno apartamento. Essa idéia havia dado a Leila o mais agradável prazer. Procurou por todos os recantos o volume de Martin Chuzzlevit, a fim de preparar bons acepipes, mas foi com um suspiro que recebeu de Barry a notícia de que, no apartamento de que lhe falara, a proprietária servia refeições no salão, o que daria a Leila muito mais tempo para poder visitar os lugares mais curiosos de Londres.

Mas para o espírito da pequenina e atraente Leila, nada das curiosidades londrinas lhe importaria. Nem horríveis fósseis de seus Museus, nem a Abadia de Westminster, que tanto interessavam a outros que não tinham mais que fazer. Ela queria era enfeitar seus vestidos com as flores da primavera, reunir caixas de perfumes e ver Barry em maio.

Mas a sorte, que tem coisas estranhas reservadas a cada um de nós, havia prescrito que Leila não veria Barry em maio. A razão determinante disso era simplesmente Jerry Tuckermann.

Encontrando-se com Mary na rua, num dia dos começos de fevereiro, Jerry lhe disséra:

— Irei a Londres esta semana. Devo apresentar a Barry os seus melhores votos, Mary?

A jovem o fitou bem e severamente em seus olhos.

— Procure levar-lhes os *seus* votos, Jerry, respondeu-lhe ela.

O pernicioso amigo de Barry achou graça na desconfiança de Mary, e tornou:

— Barry vai muito bem, mas você devia por-lhe uma peia aos pés, Mary.

Quando se afastou dêle, começou a andar com o coração cheio de apreensões. Barry não era como Jerry, rapaz de má catadura, desprovido de temperamento e que havia atravessado são e salvo a idade mais perigosa da mocidade. Não era como Barry, criado em meio familial de muito mais delicadeza e cuidados. Então Mary escreveu a Gordon, prevenindo-o:

"Tenha o maior cuidado. Jerry me disse que estava com a intenção de recontinuar a boa vidinha e iria convidar Barry a gozar dos velhos tempos".

Gordon sorriu com essa carta.

— Pobre Mary, disse êle a Constance, conduziu Barry, durante tanto tempo sob sua responsabilidade, que, ainda hoje, não se convence de que êle já pode dirigir-se por si mesmo.

Mas Constance não sorriu.

— Nós jamais pudemos suportar èsse Jerry Tuckermann. Êle sempre procurou conduzir Barry para os maus caminhos.

— Ninguém poderá fazer que eu cometa coisas que não quero fazer, respondeu-lhe o marido com ar tranqüilo de quem estava certo de que Barry não cairia nos mesmos erros do passado.

Constance suspira. Ela não partilhava, absolutamente, dessa tranqüilidade e convicção de Gordon. Barry estava diferente. Era já um rapaz que lutava, que trabalhava, arduamente. Mas Jerry exercia sôbre êle um tal poder que seria capaz de induzi-lo a voltar ao velho caminho. Era uma influência sinistra, inexplicável.

Logo que chegou a Londres, procurou Jerry aproximar-se de Barry, tentando convencê-lo de que deveria voltar a ser o mesmo companheiro de outrora. Mas Barry se esquivava. Dizia que estava muito ocupado, e que acabava de receber carta de Leila que lhe forçava a tratar de certas coisas. Não tinha tempo.

— Não me é possível percorrer a cidade com você Tuckermann, explicava. Trabalhar num emprêgo como o que tenho não é a mesma coisa que ser funcionário público.

— Com que então te puseram uma canga e você não protestou?

Jerry ria maldosamente ao dizer isso, enquanto Barry enrubescia.

— Estou satisfeito com o meu trabalho, Jerry. Tenho futuro nêle, e Gordon me concedeu um empréstimo. .

Mas, que significa um adiantamento diante dos milhões de Jerry. Barry era de bom caráter, considerado um bom companheiro, e, fôsse como fôsse, Tuckermann não se conforma ao vê-lo assim escravizado, numa vida sem perspectivas de prazeres. E procurou dominá-lo:

— Vem para uma viagem à Escócia conosco, insistia. Pede uma semana de férias e eu convidarei companheiros joviais e faremos umas farrinhas nas grandes cidades.

Barry moveu negativamente a cabeça e respondeu ao seu ex-companheiro de farras:

— Leila e o general chegam em maio. Ela deseja fazer essa viagem à Escocia, e eu não posso ausentar-me seja qual fôr o pretexto.

— Ah! Muito bem! Aguarda a chegada dela para fazer essa viagem com Leila! — Volta Jerry com ares de boa pessoa. Mas não se apegue você, com tanta pressa ao rabo da saia de uma mulher. Procure, ao menos, gozar mais um pouco dos prazeres do homem solteiro!

Mas Barry não se interessava mais pela antiga vidinha de rapaz sem responsabilidades. Êle também nutria os seus sonhos. Nos dias de folga e aos domingos ela ia dar buscas aí pelos bairros na tentativa de encontrar um apartamento para alugar. E quando, um dia, êle teve a chance de achar um muito bom, ensolarado, onde vicejavam às janelas vasos com flores primaveris, êle parou e ficou a olhar aquêle ninho de amor que tão bem lhe servia. Imediatamente procurou informações com o encarregado.

— Se o apartamento estiver livre dentro de um mês, eu ficarei com êle, diz o espôso de Leila.

— Dê-me um guinéu agora mesmo e eu o reservarei para o senhor, foi a resposta do zelador, a sorrir.

Barry não teve dúvidas: entregou a importância pedida, um tanto acanhado e passou a adquirir pequenas coisas para mobiliá-lo. Dentre algumas compras, estavam vasos de bambus para as flores, faqueiros de Sheffield, um lindo serviço para chá, um lindo e antigo tamborete para os mimosos pés de Leila.

Entretanto, em meio de seu enlêvo, havia momentos em que se deixava dominar por um certo mêdo. E foi sob os efeitos dêsses temores que, um dia, êle abriu seu coração e escreveu à sua jovem espôsa:

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acas-
telada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer
face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos
cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. O casamento de
sua irmã Constance, deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu
irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de
Mary havia um moço rico de nome Porter Bigelow, mas que não era cor-
respondido por ela. O inquilino da casa Roger Poole, começou a apaixo-
nar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças» êle apa-
receu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados.
Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as
atenções. Mary ficou encantada, mas não dava demonstração de estar
apaixonada por êle. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary,
mas a diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sò-
zinho em seu apartamento, lendo, quando Mary pediu licença e entrou.
Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios, e fôra
ouvir a sua opinião. Mas o inquilino achava que ela devia casar-se, de-
dicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Leila e
Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercí-
cio de cavalaria e evoluções de artilharia, e Barry, aproveitando estar a
sós com Leila, declara seu amor. Mas o amor entre ambos é coisa se-
creta. Barry, porém, revela-o à irmã. Mary, e esta procura ouvir a opi-
nião de Roger sôbre o assunto. Roger se oferece para ir buscar Barry.
nião está ausente de casa e do trabalho sem ter dito nada a ninguém. Ma-
ry não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger, o qual vai «desco-
brir» o fugitivo ao lado de Leila e do general Dick, seu pai, numa praia
de banhos e lhe dá muitos conselhos úteis. Em setembro todo mundo
volta a Washington, inclusive a irmã de Mary com seu espôso, Gordon,
que reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger con-
fessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evan-
gélica, mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá de con-
fessar a Mary êsse episódio de sua vida, o que faz através de uma lon-
ga carta. Depois de ler a carta de Roger, Mary foi à igreja, onde medi-
tou durante largo tempo, resolvendo convidar Roger para tomar chá em
sua companhia, mas êles dois a sós. Mary conduziu a palestra no sen-
tido de Roger voltar às suas funcões como pastor de uma igreja. Mas
êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça
de fé que a jovem possuía. O problema de Barry é discutido e Gordon
parece não aprovar os amôres do rapaz com Leila bem como não via com
bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-
se com Mary. Roger, que se ausentara, escreve uma carta a Mary. Em
casa de Mary a situação se inclina para separar Barry de Leila. Gordon
propõe levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter
concordado com a sua viagem para a Europa Barry ilude a vigilância e
casa-se secretamente, com Leila, mantendo o caso em segrêdo. Quando
êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava re-
passada de paixão e cai, chorando nos braços de seus pai, que não pode
adivinhar o que está acontecendo. Mary resolveu falar a Porter sôbre a
carta que recebera de Roger, e Porter ficou consternado diante da fugi-
dia esperança que alimentava de casar-se com ela. Tia Frances e Porter
foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça
de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon
não ocultava sua contrariedade. Delilah levou Porter para tomar chá
com ela e ali contou como iniciara relações de amizade com o seu hoje
amigo íntimo Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas. Du-
rante o conhecimento que Porter fêz com Colin Quale, soube que o
artista conhecera a Roger Poole e à espôsa do mesmo, mostrando-se
muito interessado pela novidade. Nesse ínterim, Mary escreve longa car-
ta a Poole, contando os episódios mais emocionantes. A carta de Mary
Roger respondeu com uma outra na qual falava de seus trabalhos e da-
va informes acêrca de sua prima Patty, de quem Mary pedira notícias.
Porter estava ansiando por encontrar um momento que lhe proporcio-
nasse mostrar a Mary o retrato da mulher de Poole, pintado por Colin
Quale. Então mandou que Leila a convidasse para darem um passeio
de auto pela cidade. Porter deu várias voltas, até que consultou a tôdas
se desejavam fazer uma visitinha a Delilah. Tudo ajustado, êle a levou
até lá. Mas sua intenção era a de mostrar o tal retrato a Mary. Mas
Porter não teve coragem de revelar aquêle segrêdo. A conversa pendeu
para férias, enquanto todo mundo tomava refrescos e comia bolinhos.
Porter, não podendo suportar mais, confessa a Mary que a levara ao
atelier de Colin apenas para mostrar o retrato da mulher de Roger.
Mary, porém, não se perturba. Mas diante do que lhe dissera Porter
seu espírito começa a vacilar. Chegou mesmo a pensar que a carreira de
funcionária pública não servia. Em fevereiro Roger escreveu uma carta
a Mary sabendo se era possível hospedar sua prima Patty na vivenda
dos Ballards, tendo Mary aprovado o programa. Patty vinha a Washing-
ton a fim de assistir à posse do Presidente, no qual votara. Porter foi
com Mary à estação e a receberam. Nos dias seguintes Patty muito pas-
seou e visitou as famílias das relações de Mary.

"Sinto-me esmagado, minha querida espôsa, quando me lembro de que só muito pouca coisa posso fazer por você, em troca de tudo o que você me pode oferecer. Quando suas cartas me chegam, eu as leio e releio, e pergunto a mim mesmo se serei capaz, durante tôda a milha vida de corresponder ao que você espera de mim. Não espere muito, minha querida. Penso, às vêzes, que é porque eu sou mais covarde que os outros homens, que encaro a vida assim. Por vêzes me parece que as coisas se amontoam diante de mim, dificultando meus passos, como se grande sombras estivessem a obstruir o meu caminho, e sinto medo de não poder afastá-las de nosso futuro. E se eu fôr incapaz de destruí-las que acontecerá? Você seria uma vítima disso, e por culpa minha!"

Mary encontra Leila a ponto de perder o juízo para compreender o senso dêsses dizeres.

— Isso não parece escrito por Barry, diz ela com voz dolorida. Posso ler esta carta para você, Mary?

Mary, ao sair do trabalho, fôra tomar chá com Leila. Mas o chá estava esperando havia muito tempo...

— Barry sempre foi tão animoso, tão confiante, diz Leila ao terminar a leitura, mas diante destas considerações eu não posso deixar de inquietar-me.

Também Mary estava inquieta, com efeito. Ela conhecia os acessos do irmão. Era uma natureza em constantes intermitências a lutar contra os "demônios azuis". A moça estava preocupada e só pensava que isso já fôsse obra do pernicioso Jerry. Mas procura desfazer sua angústia.

— Leila, brevemente você estará lá, ao lado dêle, e a vida voltará a resplandecer para os dois.

Mas Leila hesitava.

— Eu gostaria tanto... murmura quase a chorar, — eu gostaria tanto de estar agora mesmo ao lado dêle, ajudando-o na luta!

Mary lhe lança um olhar que denunciava o altar, a que lhe ia n'alma. E o seu olhar se cruzou com o de Leila.

— Leila, pergunta Mary com vivo interêsse, quem lhe disse coisas sôbre as fraquezas de Barry?

— Êle mesmo.

O chá já estava frio, esquecido.

E confirmou:

— Barry, antes... antes de... de ir para Londres.

Ela se recordava naquele instante, de quando se ajoelhara aos pés do espôso em sua noite de núpcias. E então, hesitando muito, ela passou a falar das fraquezas daquele a quem tanto amava.

— Eu sempre desejei perguntar-lhe, Mary, perguntar-lhe se não seria melhor que eu e Barry estivessemos casados. E a leitura desta carta me faz perguntar-lhe isto. Não seria melhor que já tivessemos casados e eu a cuidar do lar?

— Isso não seria melhor para você.

— Mas eu não quero pensar em mim, responde a jovem espôsa apaixonadamente. Todo mundo pensa em mim, e é em Barry que eu devo pensar, Mary.

Mary estava sentido calor nas faces.

— Barry terá muitas chances, diz ela. Em seguida, com certa hesitação:

— Leila, quando você soube disso, sentiu ter mudado alguma coisa em você?

— Mudado, como?

— Em seu amor a Barry?

Nesse instante os olhos de Leila estavam como se fôssem os de uma mulher.

— Sim, diz ela, alguma coisa mudou. Isto é, passei a amá-lo ainda mais. Não sei se poderei explicar-lhe bem, Mary, para conseguir que me compreenda. Mas você não se parece comigo. Tem sido sempre tão admirável! Eu sempre fui uma coisinha inexpressiva, muito mimosa para que outros me quisessem bastante pueril para que me admirassem. E porque sempre fui baixinha, inexpressiva e pueril, ninguém poderia pensar que eu pudesse ser outra coisa. Por isso, durante muito tempo eu não podia compreender que Barry viesse a amar-me. Apenas eu sabia que o amava. Mas nada esperava em troca. E quando êle me disse que eu era, para êle, a única mulher neste mundo, senti que estava em lindo sonho, e que um dia eu iria despertar e descobrir que êle havia cometido um êrro, desposando, não uma princesa, mas uma guardadora de gansos como eu. Mas, quando eu soube que Barry precisava de quem o auxiliasse na luta que travava, tudo mudou e eu percebi que podia lhe ser útil, muito mais útil do que uma princesa, pois, você sabe Mary, uma princesa não iria ter tais cuidados, nem o amaria tanto como eu.

— Mas, minha queridinha, diz Mary comovida, não é preciso ficar assim tão humilde para conquistar um homem.

— Sei. Barry me ama porque também sabe que eu muito o amo!

No conceito daquele coraçãozinho inexperiente havia esta grande sabedoria. Podia haver homens que amavam pelo prazer da conquista, enquanto outros que iam do ardor à frieza, da indiferença à afetação. Barry não estava incluído entre êles. O fogo sagrado que ardia no coração de sua querida, Leila, também havia iluminado a flama no seu. Desejava simplesmente o amor de Leila, e esta queria apenas o coração de Barry. Ela sabia disso, e considerava o seu tesouro.

Quando Mary se despediu, procurou acalmá-la, falando-lhe com um tom ameno:

— Brevemente você partirá, e ambos realizarão o sonho! E que verão passarão os dois!

Mas Leila teve vontade de gritar:

— Eu já comecei minha vida com êle. Que significa um verão em tôda uma vida de amor?

Mas se deteve. Limitou-se a abraçar Mary e sorrir-lhe com certa tristeza, voltando aos seus aposentos. Já o crepúsculo caía, ajudando-a a recordar Barry, Barry seu jovem espôso, junto ao qual ela marchara para o matrimônio, vestida de amarelo, subindo as colinas, percorrendo a pé os caminhos lá, bem longe...

Enquanto ela sonhava, Barry, em companhia de Jerry Tuckermann, a guiar seu automóvel azul, percorria outras colinas, longe de Leila como jamais estivera em tôda a sua vida.

Dava-se justamente o que Mary temia. Barry, julgando-se bastante forte para resistir às primeiras solicitações de Jerry, tornou-se bastante confiante consigo mesmo, a ponto de aceitar um seu convite para almoçarem juntos. Jerry voltou à carga no fim do mês. Nesse almôço Barry se pôs em contacto com os amigos de Jerry e bebeu um copo de vinho brilhante e dourado. Foi o bastante para inflamar-lhe o sangue, mudando para êle o aspecto do universo, o suficiente para transtornar-lhe o espírito, fazendo que aceitasse, incontinente um lugar entre o bando de Jerry, para uma viagem juntos à Escócia em seu automóvel.

A partir dêsse momento, tudo o que se havia articulado nas ocupações de Barry, se desvaneceram. O mundo, do qual era Leila o centro, desapareceu. Tudo o que dizia respeito a apartamentos mobilados, os objetos que comprara, os vasos para flores, tudo, tudo que êle comprava com o pensamento nela, se dissipara e o seu cérebro vivia entre brumas e cerrações.

(*Continua na pág. 25*)

Tradução de RENATO DE ALENCAR
Ilustração de JERONYMO RIBEIRO



O BISPO

Conto de ALEXANDRE HERCULANO
(Célebre escritor português, 1810-1877)

HOUVE tempo em que a velha catedral conimbricense, hoje abandonada de seus bispos, era formosa; houve tempo em que essas pedras, ora tisnadas pelos anos, eram ainda pálidas, como as margens areentas do Mondego. (1) Então, o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavíssima, mais rica de saudade que os próprios raios daquele planêta guardador dos segredos de tantas almas, que crêem existir nêle, e só nêle, uma inteligência que as perceba.

Então aquelas ameias e tôrres não haviam sido tocadas das mãos de homens, desde que os seus edificadores as tinham colocado sôbre as alturas; e, todavia, já então ninguém sabia se êsses edificadores eram da nobre raça goda, se da dos nobres conquistadores árabes.

Mas, quer filha dos valentes do norte, quer dos pugnacíssimos sarracenos, ela era formosa, na sua singela grandeza, entre as outras sés das Espanhas. Aí sucedeu o que ora ouvireis contar.

II

Aproxima-se o meado do duodécimo século. O príncipe de Portugal Afonso Henriques, depois de uma revolução feliz, tinha arrancado o poder das mãos de sua mãe. Se a história se contenta com o triste espetáculo de um filho condenado ao exílio aquela

(1) A sé de Coimbra é, no todo ou na máxima parte, uma edificação dos fins do século duodécimo; mas aceitamos aqui a tradição que lhe atribui uma remotíssima antiguidade.

NEGRO

que o gerou, a tradição carrega as tintas do quadro, pintando-nos a desditosa viúva do conde Henrique a arrastar grilhões no fundo de um calabouço. A história é verdadeira, a tradição verosímil; e o verosímil é o que importa ao que busca as lendas da pátria.

Em uma das tôrres do velho alcácer de Coimbra, assentado entre duas ameias, a horas em que o sol fugia do horizonte, o príncipe conversava com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e com êle dispunha meios e apurava traças para guerrear a mourisma.

E lançou casualmente os olhos para o caminho que guiava ao alcácer e viu o bispo D. Bernardo, que, montado em sua nédia mula, cavalgava apressadamente pela encosta acima.

"Vêdes vós" disse êle o Espadeiro "o nosso leal D. Bernardo, que para cá se encaminha? Negócio grave, por certo, o faz sair a tais desoras da crasta da sua sé. Desçamos à sala de armas e vejamos o que êle quere". E desceram.

Grandes lampadários ardiam já na sala de armas do alcácer de Coimbra, pendurados de cadeias de ferro chumbadas nos fechos dos arcos de volta de ferradura que sustentavam os tetos de grossa cantaria. Pelos feixes de colunas delgadas, entre si separadas, mas ligadas sob os fustes por base comum, pendiam corpos de armas, que reverberavam a luz das lâmpadas e pareciam cavaleiros armados, que em silêncio guardavam aquêle amplo aposento. Alguns homens de mesnada faziam retumbar as abóbadas, passeando de um para outro lado.

Uma portinha, que ficava em um ângulo da quadra, abriu-se, e dela saíram o príncipe e Lourenço Viegas, que desciam da tôrre. Quase ao mesmo tempo assomou no grande portal de entrada o vulto venerável e solene do bispo D. Bernardo.

"Guardai-vos Deus, dom bispo! Que mui urgente negócio vos traz aqui esta noite?" disse o príncipe a D. Bernardo.

"Más novas, senhor. Trazem-me aqui a mim letras do papa, que ora recebi".

"E que quere de vós o papa?"

"Que de sua parte vos ordene solteis vossa mãe..."

"Nem pelo papa, nem por ninguém o farei".

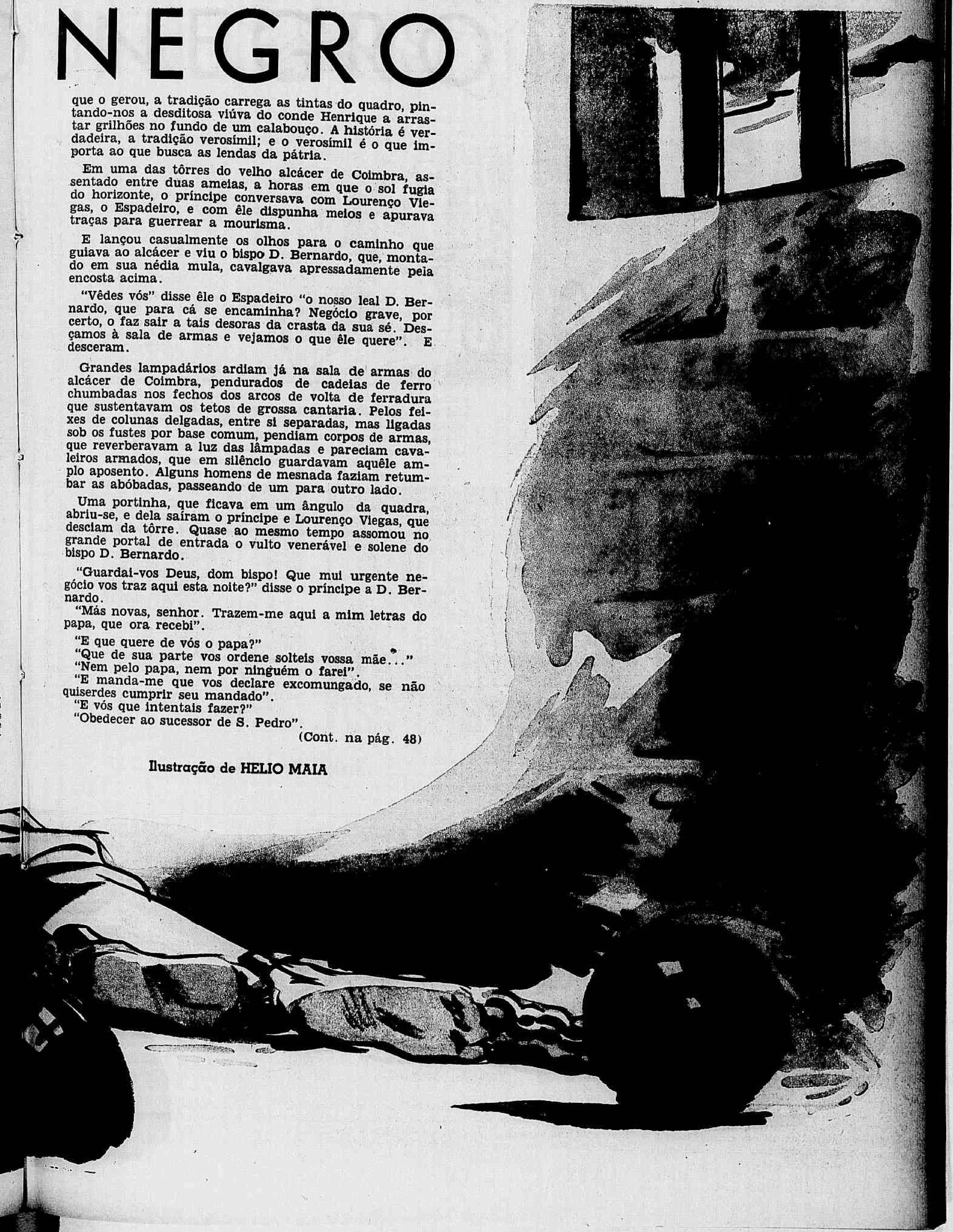
"E manda-me que vos declare excomungado, se não quiserdes cumprir seu mandado".

"E vós que intentais fazer?"

"Obedecer ao sucessor de S. Pedro".

(Cont. na pág. 48)

Ilustração de HELIO MAIA



AVENTURAS DO CAPITÃO ROB
O IMPÉRIO CELESTIAL





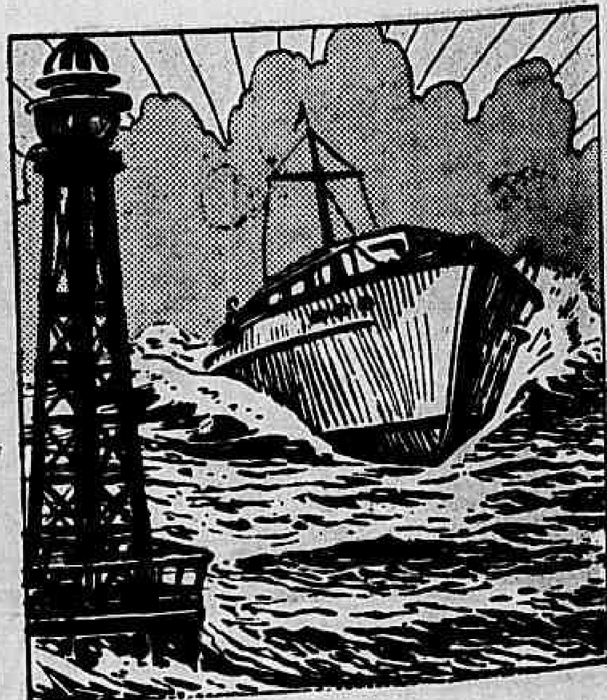
73 Com efeito, a frota de Wang Hang estava em péssima situação. Navegar sem qualquer luz numa noite de borrasca, com juncos próximos uns dos outros, era uma temeridade. E se deu o acidente. Dois dos barcos do pirata e contrabandista colidiram e um dêles começou a fazer água. Hang sobe à coberta e dá ordens. Súbito ouvem o ruído de um avião. Êle estava duvidando da audácia de Chung Chi em atacá-lo assim de noite, correndo o risco de cair n'água. Um tripulante acende uma tocha e o avião, sem ter mais tempo de desviar-se, dispara a metralhadora e se choca com um mastro.





74 Era tarde. O avião de Chung Chi vai cair entre as chamas do junco incendiado. O drama tem apenas a duração de uns segundos. A bordo de "Pandora" todos vêem que o fogo se expande. Um dos juncos explode violentamente, prova da carga criminosa que ia no bôjo. Roy dirige o farol de bordo sôbre a superfície do mar, porém já não se nota mais nada senão destroços espalhados. Os juncos de Hang afundaram levando os seus tripulantes. Chung Chi também morrera na queda de seu avião. Sua vingança custara-lhe a própria vida. Rob e todos não podiam acreditar no que viam.





75 Depois de bordejarem por alguns momentos na área dos acontecimentos, na esperança de encontrar algum náufrago, desistiram e lamentaram o fim trágico de seu amigo Chung Chi. Tony desejava desembarcar em alguma praia vizinha, mas Rob o dissuadiu, dizendo que êle não poderia jamais voltar a ser contrabandista. Tony concordou e disse que isso era indigno de um marujo holandês. "Um dia, você ainda estará na ponte de comando de um belo navio", diz-lhe Rob. E todos seguiram para a América. Numa manhã, Willy exclama: "Terra!" E "Pandora os conduz aos seus lares. — FIM.

NO PRÓXIMO NÚMERO, NOVAS AVENTURAS DO CAP. ROB, EM COMPANHIA DE MÁRGA E WILLY

ESTE MUNDO E O OUTRO

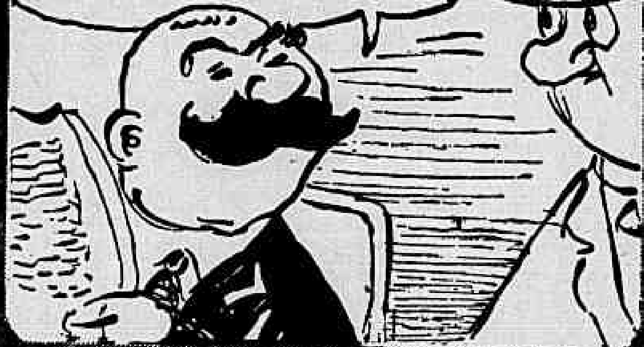
E ESTA VOCÊ CONHECIA?

ANEDOTA DE PORTUGUÊS

Criação de DARCY

1 APEZAR DE SERMOS UM SÓ POVO — CONTAM OS BRASILEIROS, AS MAIS IRREVERENTES "ANEDOTAS DE PORTUGUES"!. DA MESMA MANEIRA SUCEDE AOS BRASILEIROS... EM PORTUGAL! ENFIM, RISO EM FAMILIA...





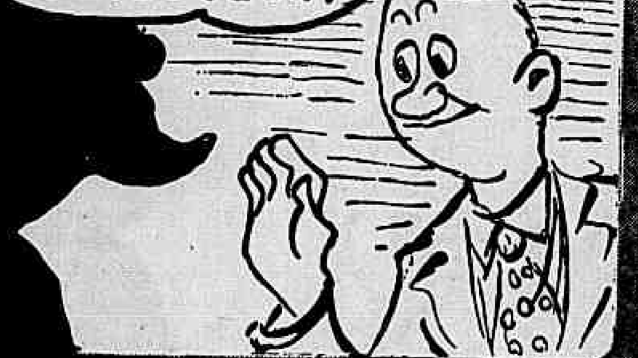






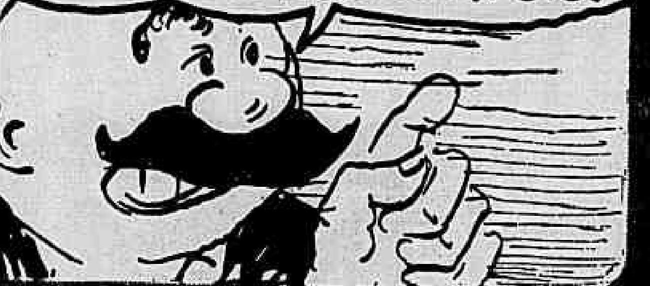


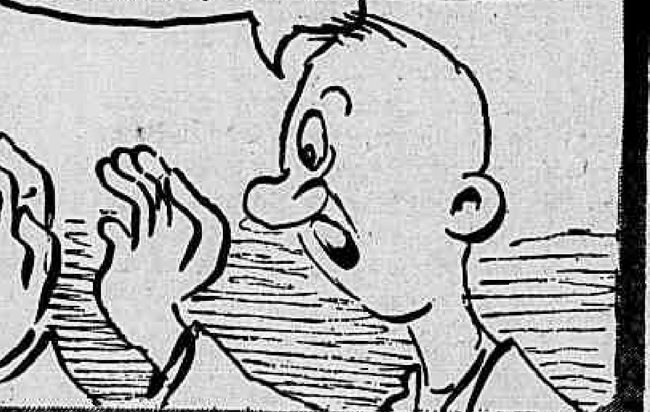










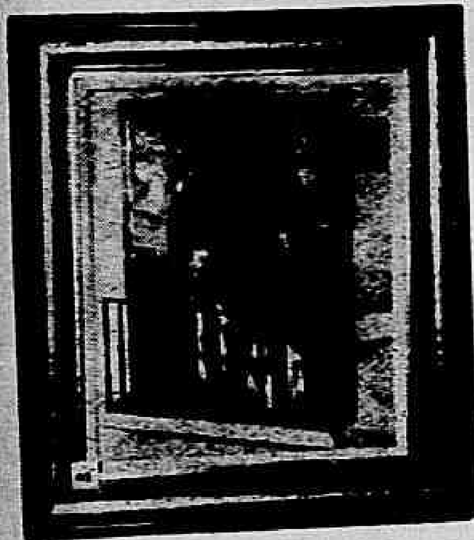






ARTES

AS CÔRES E OS PINTORES



Namorados (Portinari)

NESTA exposição, que é um panorama quase completo das artes no Brasil, a pintura tinha que ter a primazia e constituir a grande maioria das obras. Explica-se isso, primeiro pelo gôsto das côres, gôsto instintivo que todos os brasileiros têm, não é de hoje. Não sei se o céu, não sei se o sol introduz na gente, desde pequena, esta mania. Nos pintores é claro que êsse amor ainda é maior.

O curioso é que cada pintor tem uma côr preferida, embora às vêzes o negue.

Se percorrermos esta Exposição, por exemplo, logo veremos que as côres são para êles como uma amante de quem sofrem influências; pelos olhos das preferidas é que vêem as outras côres.

Embora não pareça, isso é importante para se conhecer o artista. As côres falam por mais que os desenhos, sôbre o que pensam e o que gostam.

A personalidade do pintor se reflete muito na escolha das côres que usa mais freqüentemente.

Uns gostam de mostrar suas predileções, outros procuram esconder do público as côres amigas. Quem não vê, diante do quadro "Os Namorados" (n. 45), de Portinari, que são aquelas as côres que lhe agradam e que lhe permitem expressar-se melhor?

Gosto também das côres que Bandeira usa, principalmente no quadro onde, sôbre o azul do fundo, estrêlas e luzes aparecem floridas, como se pertencessem a uma mesma árvore.

Gosto imenso, também, das côres sossegadas e bondosas de Milton da Costa: verdes e acizentadas que são ao mesmo tempo líricos e virtuosos. Porque é interessante que as figuras de Milton preferem nadar no verde e no cinza entre tôdas as outras côres. Noutra côr, noutros tons, Maria Leontina revela a mesma tranquilidade, e a mesma segurança interior.

Já Iran Serpa, usa as côres que a composição, depois de feita, parece receber melhor. Dói empregar verdes, amarelos, brancos, marrons, azuis, sem mostrar simpatia por nenhuma especialmente. Tôdas entretanto lhe vêm expontâneamente.

As côres, porém, nem sempre significam o encontro do pintor com as coisas que êle buscava. As vêzes servem, ao contrário, para exprimir não um acôrdo íntimo de pessoas e coisas observadas, mas para um transbordamento do próprio artista, e neste caso têm outro significado.

O verde não é mais um símbolo do predomínio da natureza, que o pintor sente em sua visão do mundo, mas exprime verdura, coisa viva, coisa de fôlha. Sabe-se lá o que.

E' o caso de Djanira, por exemplo. As côres, nela, não têm outra função além da de dizer: "E' assim. Se vejo, arrumados para pintar, tomates vermelhos, pinto vermelhos; se vejo verdes, pinto verdes''. A côr é só o reflexo da visão imediata, direta, das coisas presentes. E' a constatação esparramada, visual e sensual, em que as coisas atingem diretamente o artista.

Nesse tipo de pintores, em que há um predomínio do lado material, as coisas e os artistas são separados; há um defrontamento dos dois, no qual ambos se guardam e não interferem. Os artistas vêem muitas coisas; tôdas se derramando, esperando ser pintadas. E o resultado são êstes quadros escancarados, abertos à nossa vista em tôda a sua extensão. Não é possível pensar em outra coisa senão na que está no quadro, em se tratando de artistas muito afirmativos.

Aqui, as côres não têm segredos nem pensamentos. São assim como estão, acabadas, sem problemas.

E' interessante observar, nestes artistas onde predomina o gôsto pela coisa concreta, que são sempre pessoas muito positivas, de decisão pronta, com um amor muito grande pela forma perfeitamente delimitada. As figuras nunca apresentam gestos por fazer, na intenção ainda; são todos atos acabados.

Por êsse lado se aproximam mais da escultura, onde há mais possibilidade de dar uma forma acabada às coisas — porém isso fica para depois. — **Jane Bouchaud.**

1.° SALÃO MODERNO — O 1.° SALÃO MODERNO, que deverá ficar aberto à visitas até o dia 29 de junho, está franqueado ao público todos os dias, exceto s segundas-feiras.

● **MUSEU DE ARTE MODERNA**

Para depois da presente mostra, que permanecerá aberta até o fim da primeira quinzena de junho, o Museu de Arte Moderna programou uma Exposição da Tapeçaria Francesa.

E' a primeira vez que o nosso público pode tomar contacto direto com a grande renascença da tapeçaria que se vem operando em França. Há grande interêsse em tôrno desta mostra que vem ao encontro da curiosidade que os "novos" vem demonstrando por ***esta Arte aplicada que interessa nomes como os de Luçart.***

APESAR dos pesares, e apesar dos muitos ataque contra a arte moderna, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em sua nova fase, parece caminhar de êxito em êxito. Inaugurou-se agora uma nova exposição, a dos "Artistas Brasileiros", uma espécie de resenha de tudo aquilo que os artistas modernos estão produzindo no Brasil.

Uma inauguração no Museu de Arte — além de sua importância artística — sempre possui um cunho altamente mundano. Os fotógrafos presentes batem chapa sôbre chapa das personalidades importantes na sociedade e na política, e em geral se esquecem completamente dos artistas, que afinal têm alguma coisa a ver com o acontecimento.

No meio das conversas mundanas, dos grandes chapéus, das centenas de pessoas que em geral nem olham para os trabalhos expostos, os artistas sentem-se algo perdidos. Naturalmente, quando os visitantes elegantes também se transformam em compradores — aí a coisa muda de aspecto. Existe uma verdade básica: **os artistas também precisam viver**. Alguns até tentam viver apenas de sua arte — são os pobres idealistas, os crentes, que lutam, lutam... até desistirem, começando então a trabalhar em jornais, a lecionar, ou pior ainda, a fazer cartazes e anúncios para as emprêsas de publicidade; ou então, os que têm sorte (o que também acontece) ou que conseguem ser lançados por um grupinho influente (como no caso de Portinari) — êsses conseguem vender os seus trabalhos, por vêzes a preços bem elevados. E com a fama — mais ou menos grande — vem o "snob appeal''. Quanto mais célebre o artista, mais êle vende, e por maiores preços. A maioria dos compradores preferem gastar uma soma elevada com um trabalho por vêzes de qualidade inferior, mas de um artista célebre, a gastar uma soma bem menor por um trabalho bom de um artista desconhecido...

Nestas páginas apresentamos alguns flagrantes de pessoas presentes à inauguração.



O crítico de arte Sr. Mário Pedrosa discreteia a um canto com o Sr. Simões Filho, ministro da Educação. A figura dêsse velho fidalgo do Recôncavo Baiano forma um sugestivo contraste com a liberdade do ambiente moderno.

O MUSEU SE DIVERTE

Texto de MARC BERKOWITZ
Fotos de SASCHA HARNISCH



No mesmo lugar, muito próximos, parecendo brincarem de cabra-cega: uma senhora loura e, ao fundo, o embaixador negro da República do Haiti.



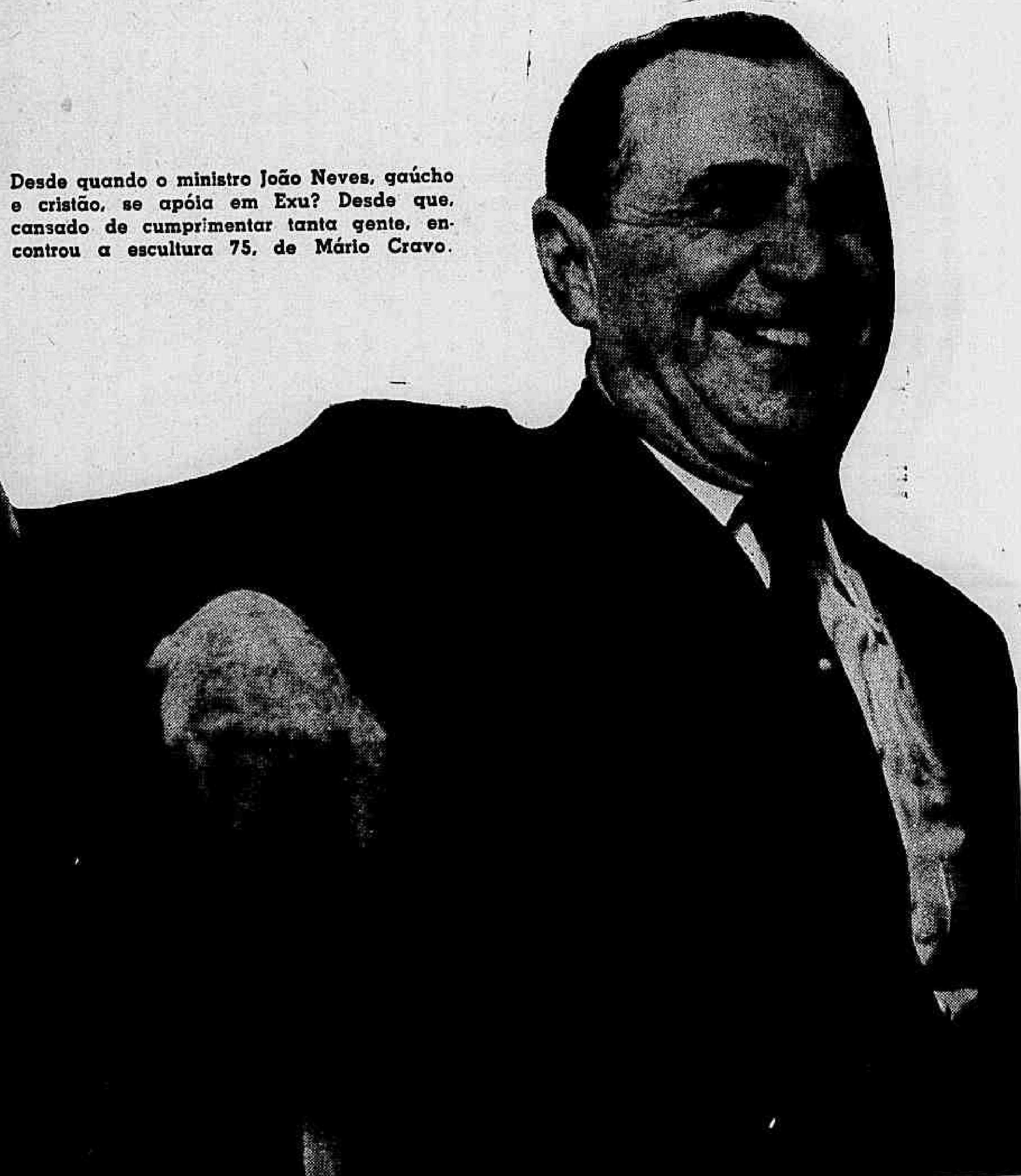


Outra cabra-cega, só faltando os lenços sôbre os olhos: a Sra. Getúlio Vargas, que compareceu à inauguração da mostra e o pintor

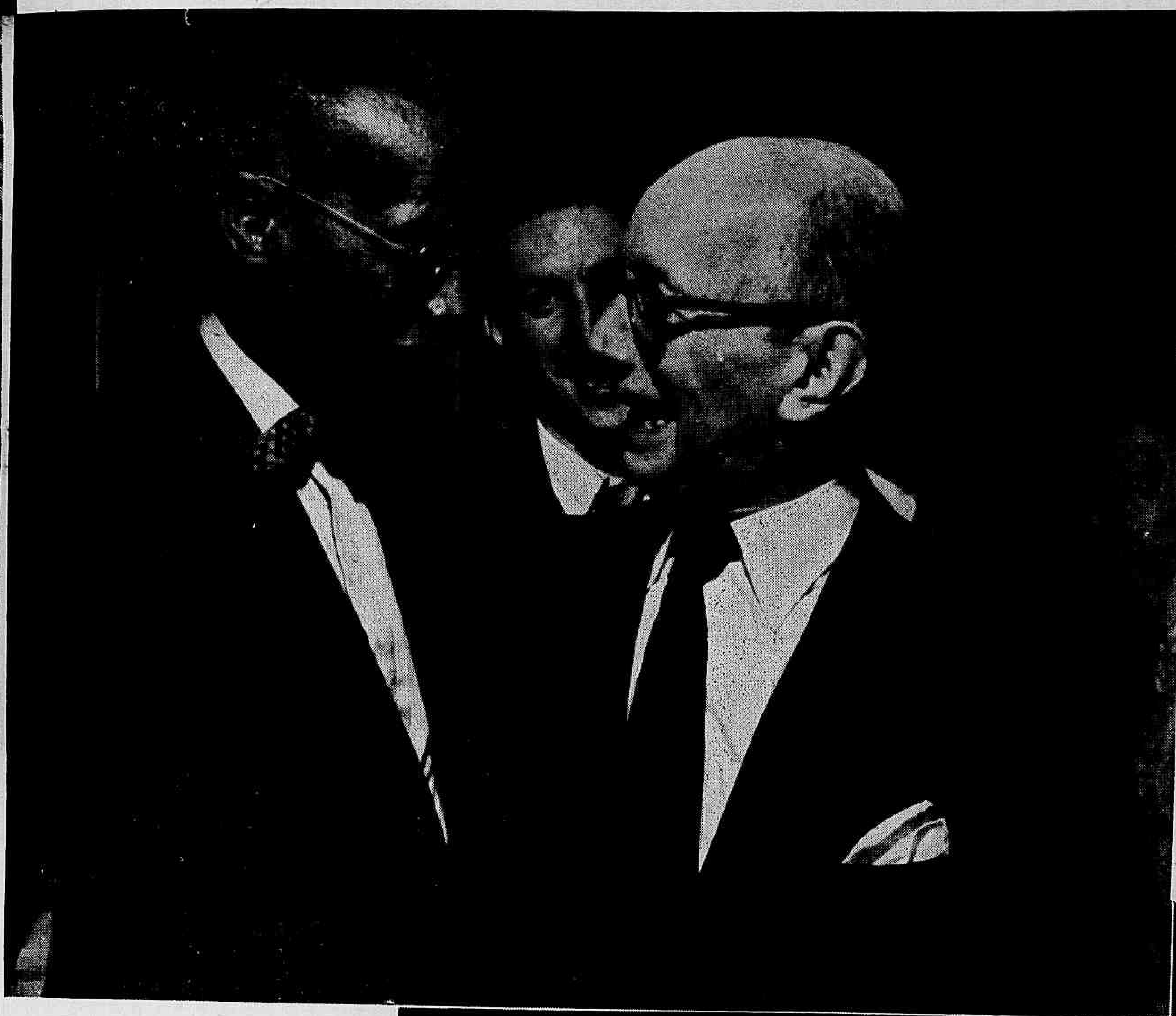
O MUSEU SE DIVERTE



A pintora Djanira, com seu simpático ar existencialista, parece nêsta foto surgir de uma pequena selva especialmente confeccionada por Burle Marx para tal aparição.



Desde quando o ministro João Neves, gaúcho e cristão, se apóia em Exu? Desde que, cansado de cumprimentar tanta gente, encontrou a escultura 75, de Mário Cravo.



O sambista, também pintor, funcionário público eventual, Heitor dos Prazeres, é abraçado pelo escritor Aníbal Machado. Uma aragem alegre passou nesta hora. Riram.



A maioria dos artistas não observa regras do protocolo, mesmo com a espôsa do Presidente e ministros de Estado no salão. Basta ver aqui o lenço, o charuto e a franjinha.



O pátio dos milagres, dominado pela sombra da cruz, é o refúgio dos inválidos, onde também os fiéis adquirem velas e livros santos.

A matriz de S. Judas Tadeu, pouco além de Vila Mariana, é um dos mais concorridos templos de S. Paulo, graças aos milagres do padroeiro.

SÃO JUDAS (tadeu)

O MILAGROSO

O PÁTIO E A SALA DOS MILAGRES ★ HÁ FILA PARA VER O SANTO ★ A IGREJA E O ASILO DE TADEU ★ COMO AUXILIAR OS ÓRFÃOS ★ DE UM TEMPLO A TODO UM BAIRRO, O NOME DE S. JUDAS SE GRAVOU NO CORAÇÃO DOS PAULISTAS ★ OS MILAGRES DO IRMÃO DE JESUS ★ POR QUE ERA ESQUECIDO?



Texto de
DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR
Fotos de
DARIO TERINI

A ESTUDANTE — Moça de classe média, com todos os grandes problemas dessa situação. Mas o rosário ajuda muito.





Manhãzinha cedo, com o frio arrepiando as faces e as pernas, lá estão elas. E também êles. Os fiéis em fila.

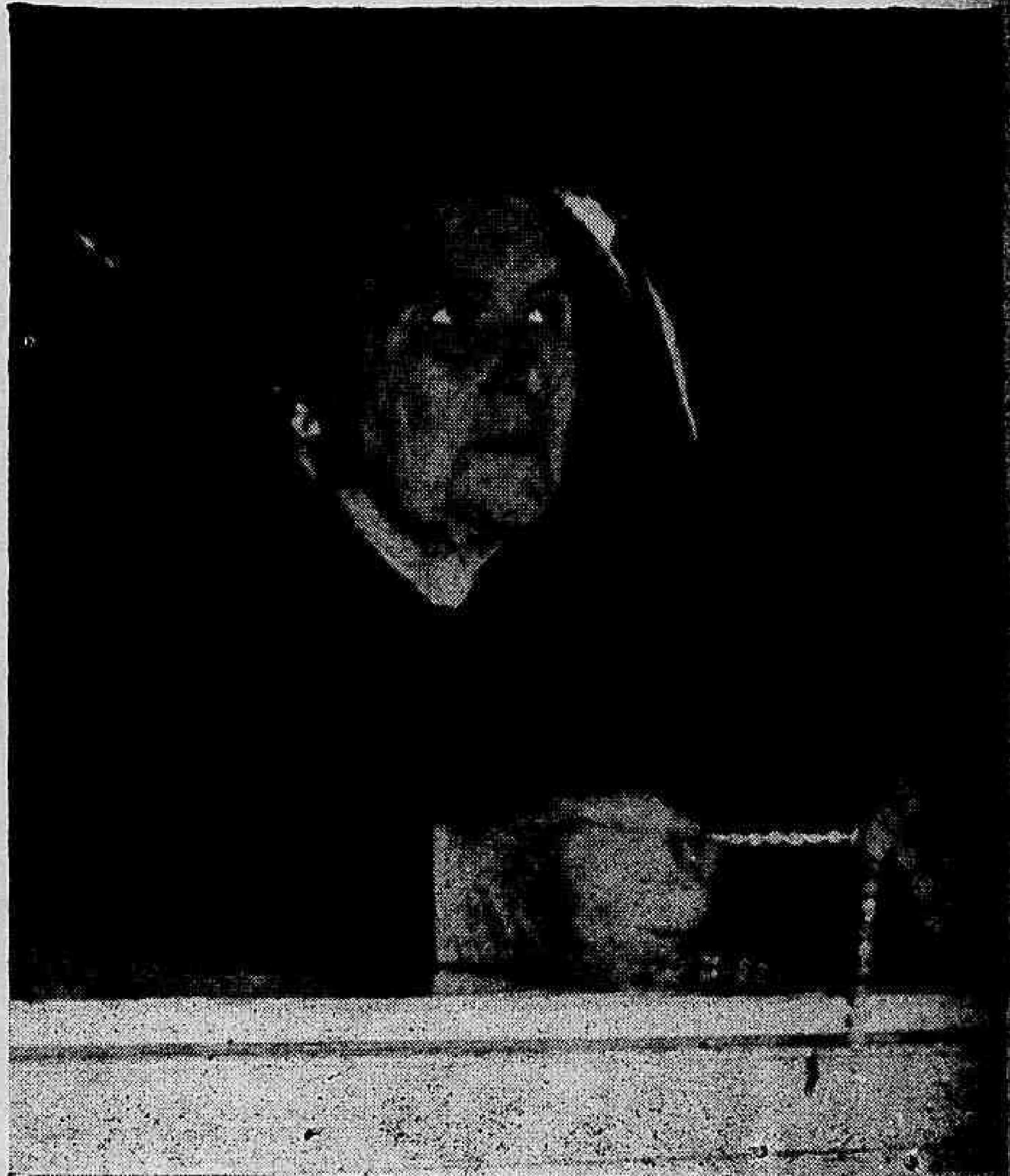
SÃO PAULO, maio — HAVIA uma enorme fila, de gente carregando velas, de senhoras sobraçando crianças, de homens caminhando a passos lentos, de mulheres envôltas em véus negros e de donzelas com as faces coradas pelo frio, empunhando rosários multicores.

Todos caminhavam lentamente, sem a impaciência das filas dos cinemas ou dos ônibus, mirando-se, mùtuamente, com os olhares compreensivos que só a fé produz, dizendo palavras doces que os homens s articulam quando esquecem a inveja, a usura, o egoísmo, as guerras e a pompa, irmanando-se com a característica da humildade que sòmente lhes poderia ter sido legada por um Ser superior.

No pátio, ao lado da igreja, onde há dependências para a venda de velas e troca de santos, mendigos e aleijados encolhiam-se, nos cantos, como que a espera do milagre. E o Pátio dos Milagres tomava um ar místico, coalhado de sofredores resignados, que se banhavam, naquela manhã de inverno bandeirante, na luz fria do pálido sol.



A GRÃ-FINA — Todo seu ar respira finura e educação. Mas a fé nivela a todos no interior da casa de Deus.



A IMIGRANTE — Veio da lavoura numa província italiana, quando moça. Envelheceu sem perder a fé, rezando.

TEATRO

TEATRO FOLCLÓRICO

AS danças folclóricas perdem muito do seu encanto quando são dançadas sôbre o palco. Precisam da intimidade do seu **dècor natural**: o terreiro, o pátio, a rua, a praça, etc. As danças espanholas não conservam a magia e a sedução que lhes são próprias, quando transferidas diretamente para a cena. Apesar dos trajes ricos e dos cenários que lhes emprestam. Os enfeites não bastam. E' preciso recriar essas danças, transpondo-as de uma maneira teatral: valorizando os movimentos originais através de efeitos cênicos novos. Mas, se isso acontece com as danças espanholas — que são das mais ricas em movimento e sugestão — pior se passa com as outras, cuja beleza reside num ritmo interior de pormenores, à primeira vista insignificantes. E' necessário realçar esta riqueza escondida.

A transposição pode ser completa ou parcial. No primeiro caso, tivemos um **ballet**, como o do "chapéu de três bicos". de Miassine, em que, não sòmente os passos da dança espanhola foram absorvidos e adaptados à linguagem clássica, mas também o seu espírito e **salero**, foram captados e admiràvelmente reconstituídos.

O cenário e os trajes de Picasso ajudam a criar essa ilusão de autenticidade, que não é a do bailado folclórico em natureza, mas a de uma verdadeira criação artística.

Acontece que às vêzes, a adaptação não se faz de maneira absoluta e a dança folclórica sofre apenas uma "estilização" dos seus movimentos básicos. Ou ainda, é encaixada num entrecho ou história, que lhe confere uma razão de existir sôbre a cena. Passam a funcionar como **danças teatrais**. E neste caso, o melhor exemplo ainda é o de Katherine Dunham. Suas danças baseadas no folclore negro de todo o mundo, refazem a magia e o encanto do ambiente primitivo em que elas nasceram. Certamente, os trajes e os cenários, numa concepção perfeita do **espetáculo**, contribuem muito para realizar o clima propício.

Entre nós, o "Teatro Folclórico" tentou "reconstituir" as danças brasileiras. O esfôrço foi em parte bem sucedido. Infelizmente faltava a base para uma recriação mais autêntica. As condições do estudo folclórico num país tão vasto como o Brasil são precárias. E mais difícil ainda se torna a combinação dêsses estudos (música, dança, trajes), porque são feitos quase sempre por iniciativa individual.

Mas, o que faltava principalmente aos espetáculos do "Teatro Folclórico" era a "**montagem teatral**". As danças, verdadeiras ou falsas, pareciam sempre monótonas e pobres por falta de valorização dos seus próprios ritmos.

Agora, o "Teatro Popular" dirigido pelo poeta negro, Solano Trindade, anuncia a sua estréia no Teatro João Caetano para a véspera de São João. Esperemos que a primeira experiência sirva de lição ao novo grupo, que vem com tanta paciência e boa vontade, trabalhando na criação das suas danças características. — **Martim Gonçalves**.


EVA

- *"A Mancha" é a nova peça do Sr. Pedro Bloch que Willy Keller dirigiu para Eva e os seus artistas. Fazem parte do elenco além de Eva Tudor, Jorge Doria (que passou do cinema para o teatro), Stuart, Almerinda Silva, Ada Camargo e Alberto Perez. Cenários de Darcy.*

- **O escritor teatral Milton Rodrigues numa recente entrevista ao novo jornal "Combate" diz a culpa é dos atores e do público. Acontece porém, que os nossos atores, bem que melhoraram nesses últimos dez anos. E o público também. Porque os autores não fazem o mesmo?**

- "O Vagalume" teatrinho de fantoches dirigido por Iris Barbosa Melo, em colaboração com o "Teatro de Arte dos Títeres Unidos" apresentaram num espetáculo, a peça de Martins Pena "Os dois ou o inglês Maquinista" e uma adaptação cênica de Olga Obry do conto "A donzela de pau", traduzido por Paulo Ronai e Aurélio Buarque de Holanda.

- Bibi Ferreira estreiou no Regina com a adaptação do romance de Flaubert "Madame Bovary". Os cenários e os trajes são também de autoria da conhecida atriz.

- Estreiou com muito brilhantismo a peça de Anonihl no Teatro Copacabana. Me. Morineau interpreta "Jezabel", tendo ao seu lado, Jardel Filho.

Em Belo Horizonte, Dulcina conseguiu muito êxito com uma peça de muito cartaz, "Chuva".

- **Continua fazendo grande sucesso a comediante Alda Garrido na interpretação de "Madame Sans Gêne".**

- *O Teatro Duse em Santa Teresa anuncia para breve a primeira representação da série de autores novos, que os estudantes estão preparando há vários meses.*


A pequetita que está no colo da avó foi desenganada. Mas o Santo deu jeito onde os médicos haviam desesperado.

SÃO JUDAS (tadeu)

A polícia, que diz possuir abrigos e asilos para os mendigos, já havia escorraçado parte dos infelizes que esmolavam às portas do templo. Contudo, a calma e o coração do vigário permitiram, aos aleijados, a permanência no Pátio.

POR QUE FILA?

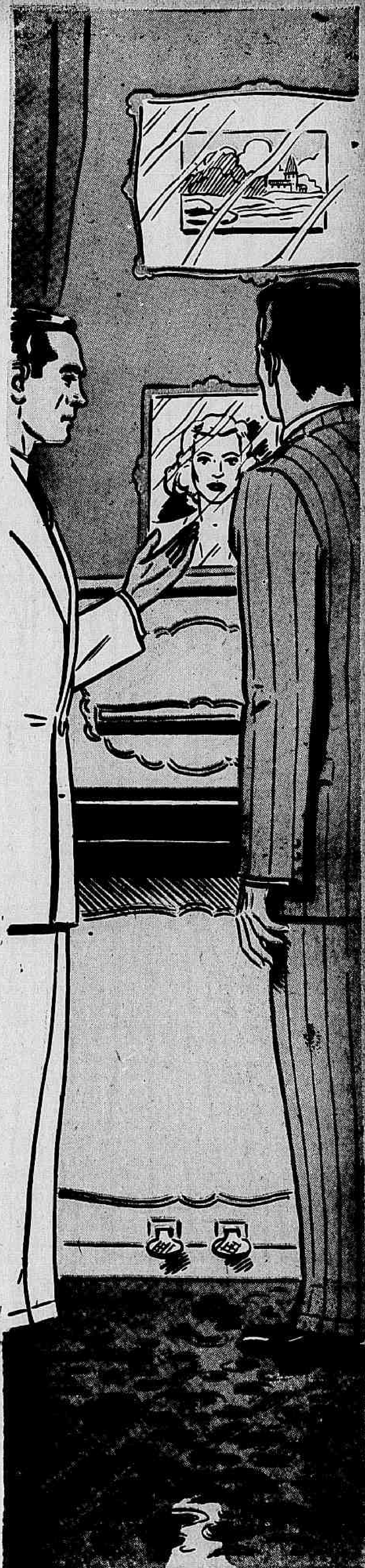
Sim, e por que fila, em porta de igreja, se os templos são os únicos lugares em que o homem anônimo tem o direito de entrar sem apresentar atestado de ideologia, documento de identificação, sem explicar o porque de sua côr ou de sua raça, sem pagar qualquer tributo? Porque espera se os homens, neste absurdo século de progresso destruidor, se comprimem em filas para pagar, para "implorar" uma cadeira em um teatro ou um cantinho, em pé, em um caríssimo cinema?

E', amigo leitor, que, dentro daquela singela igreja, ali perto de um lugar chamado Jabaquara, mora Tadeu, o santo que foi primo e irmão de Cristo, também conhecido por Judas e Lebeu, que significa, segundo o alfabeto hebraico, bondoso, cordato, ou, ainda, corajoso. (Cont. na pág. 48)


Centenas de aparelhos ortopédicos, como ex-votos, documentam o poder do Apóstolo. O garôto foi paralítico.

SEM PECADO

Conto de LOIVA LEIRIA BORBA **Ilustração de RENATO DE SOUZA**



LUIZ PRIMO era meu amigo. Êle mesmo contou-me o fato que passo a relatar:

"Naquela tarde, tinha começado a cair uma chuvinha miúda que engolfava a paisagem num denso véu de nevoeiro e úmidade, quando deixamos o cemitério. Alonso quisera estar até o último momento ao pé do túmulo de Berta recentemente coberto de terra e de flôres frescas. Apesar de tudo consumado, os amigos não tinham podido fazê-lo afastar-se dali. Insistiu em quedar-se genefluxo sôbre a terra molhada, mergulhado no seu silêncio e na própria dôr, mesmo quando tôda a gente já se havia despedido. E eu, de pé, junto daquele pinheiro vetusto, esperava por êle na curva do caminho, respeitando de longe o seu sofrimento. Naquele instante havia em meu coração e em minha mente, um vago sentimento de culpa que obrigava a me sentir o mais vil, o mais desgraçado de todos os homens. Berta repousava ali sob a terra fria, agora, para sempre. No entanto, para mim, era ainda como se ela estivesse viva. Sua figura esguia impunha-se às minhas recordações, tanto que, mesmo assistindo de longe as preces de seu marido diante de seu túmulo, não podia deixar de lembrá-la em sua casa, enchendo a sala com aquêle riso claro de primavera, para logo revê-la correndo para mim, como naquele dia fatal. E sua voz velada ainda enchia os meus ouvidos, repleta de ansiedade:

— Luiz, é inútil... Melhor que você não volte mais aqui. Já não posso esconder meus sentimentos...

E, permitindo meigamente que lhe tomasse a mãosinha entre as minhas:

— Nem você, não é verdade?

Mas, já se afastando, considerava com geito natural:

— Não temos culpa, Luiz. O amor é um milagre da natureza que entra na gente sem que se saiba como, nem porque. Somos duas almas iguais. Talvez por isso tenha sido inevitável a atração...

Logo confessou:

— Alonso é um homem bom. Porém nunca representou para mim mais do que um irmão. Jamais conseguiu fazer vibrar como você, as cordas de minha alma. Jamais consegui encontrar nêle a reprecussão dos meus sentimentos e dos meus desejos.

Subitamente tocado na minha dignidade diante da sua referência a Alonso, retruquei sinceramente:

— E' verdade, Berta. Isso entre nós foi inevitável. Também eu senti desde logo, as nossas afinidades. No entanto, apesar de tudo, nada podemos esperar dessa comunhão de sentimentos. E' preciso que continuemos a nos manter dentro de nossos limites.

E, mudando o tom de voz, acrescentei:

— Alonso não merece ser magoado. Fui sempre para êle o primo preferido, mais do que um primo, mesmo, um irmão talvez...

Agora, no fundo do meu silêncio, eu ouvia ainda a voz quente de Berta balbuciando:

— Era isso mesmo que eu esperava de você, Luiz. Não podia ser de outra maneira.

Porém, de repente, já quase contrariando a própria determinação, ergueu-se num sôpro nervoso, com aquela volubilidade estonteante, e já estava correndo para mim alegre e buliçosa, e tomava-me o braço num gesto envolvente:

— Mas de qualquer maneira, havemos de ser amigos, muito amigos, Luiz. Uma espécie de amizade amorosa, não é verdade? Uma amizade que nos mantenha num céu aqui na terra...

E como eu a encarasse sem entender bem, fez muchocho:

— Uma amizade sem pecado...

Estranha mulher era Berta... Naquela época, cégo pela paixão, eu muitas vêzes me deixava pasmar com a mobilidade de suas idéias e de suas palavras. Sob influência da fascinação que ela exercia sôbre mim, jamais consegui atingir verdadeiramente seus pensamentos, deixando-me entregar, muitas vêzes a uma estranha confusão de idéias, não conseguindo chegar plenamente a nenhuma conclusão acertada sôbre a sua maneira de ser. Certa tarde, mesmo, naquele ângulo do jardim, quando correu ao meu encontro, foram muito estranhas as palavras com que me recebeu:

— Luiz, agora sim! Sou feliz, completamente feliz! Agora posso dizer que a vida é bela e que me sinto completa.

E, como eu a mirasse intrigado, atraiu-me para o banco mais próximo:

— Não se espante, querido, nem procure me entender demais. Apenas saiba que eu sinto plena, exata, totalizada, e compartilhe comigo da minha alegria.

— Mas afinal, que aconteceu? — perguntei então. E notei que a pergunta inopinada teve fôrça de quebrar a sua animação.

— Nada, — balbuciava pensativa — Nada de mais para você.

Não me conformei:

—Porque essa alegria tôda, porque só agora você se sente completa como diz, quando eu já esperava êsse estado de ânimo em você desde que... Bem, desde que passamos a não ter segrêdos um para o outro?

Ela riu-se, de repente, um riso claro e cascateante, um riso que me surpreendeu dolorosamente:

— Desculpa-me, Luiz... Acho graça... Não poso deixar de rir do seu jeito... Mas não se ofenda. Eu não poderia passar sem você. Você é uma metade da minha vida, Luiz.

— Uma... metade?

Tinha parado de rir:

—Sim. Uma metade. Jamais poderá representar um todo por si só.

E eu interpretei suas palavras de maneira diversa do que realmente significavam. Sòmente no dia do seu entêrro foi que vim a perceber o verdadeiro sentido daquela afirmação capciosa. E tudo aconteceu da maneira mais singular que se possa presumir...

Alonso caminhava pausadamente e eu procurava conduzí-lo escada abaixo num gesto amigável, comungando intimamente com o seu sofrimento. A chuva engrosara então, dando um aspecto mais lúgubre ao cemitério, reforçado ainda pelas sombras da noitinha que já se adensavam em tôrno de nós.

Tentei convencer Alonso a correr para o meu carro, porém êle parecia esquecido de tudo, e ia pisando o barro do caminho, ausente e insensível à chuva. Foi quando aquêle homem apareceu e barrou-nos o caminho com um oferecimento gentil:

— Permitam que lhes ofereça meu guarda-chuva. Até ao carro há uma distância apreciável.

Alonso olhou-o vagamente, do fundo da sua solidão e foi aceitando plàcidamente o braço do intruso. E, numa camaradagem que me surpreendeu, permitiu-lhe caminhar ao nosso lado. Confesso que eu antipatizara com o homem desde o momento em que o vira de longe, disfarçado entre os acompanhantes do féretro, a assistir interessado e comovido, a cena final da despedida do corpo. Ao vê-lo, naquela hora, com seu sobretudo marrom bem talhado, o chapéu desabado, esguio e discreto, não sei porque, qualquer coisa começou a me torturar intimamente. Qualquer coisa assim como um estranho pressentimento, dêsses que a gente recebe por fôrça de alguma influência transcedental, inexplicável, mas definitivo.

Agora seguíamos os três direito ao meu carro, e eu pensava que logo eu e Alonso nos estaríamos libertando daquele intruso. Porém não foi assim. Para desagrado meu, o homem aceitou o oferecimento for-

(Continua no próximo número)

SIMPLICIDADE



Nestas duas páginas você leitora, encontrará alguns encantadores modelos que por certo irão de encontro ao seu bom gôsto de mulher elegante.



Êle não havia ainda dito que me amava. Não havia ainda uma proposta de casamento. Mas, como eu o amava muito, eu pensei que me casasse com êle. E assim foi. Casamo-nos calmamente e fomos para nossa lua-de-mel na Flórida.





Esperei que Muir me viesse a amar como eu a êle e que o passado entre êle e Rhonda morresse para sempre. Mas eu percebia a sombra de minha irmã a perturbar nossa lua-de-mel...





Se você pensa isto de mim, Muir, deveria ter-se casado com outra!

Perdoe, esqueça isso.

Se você não fôsse a garôta que desejasse para espôsa, eu não teria casado com você!

Rhonda tem lá a sua vida. Nós temos a nossa. Não há razão para não sermos felizes! A menos que você ainda a ame.

Eu ainda a ame! Não seja tola! Odeio tudo o que é dela.

E assim foi-se indo nossa lua-de-mel, entre altos e baixos, pelo menos, quanto a mim...



AMOR E ÓDIO

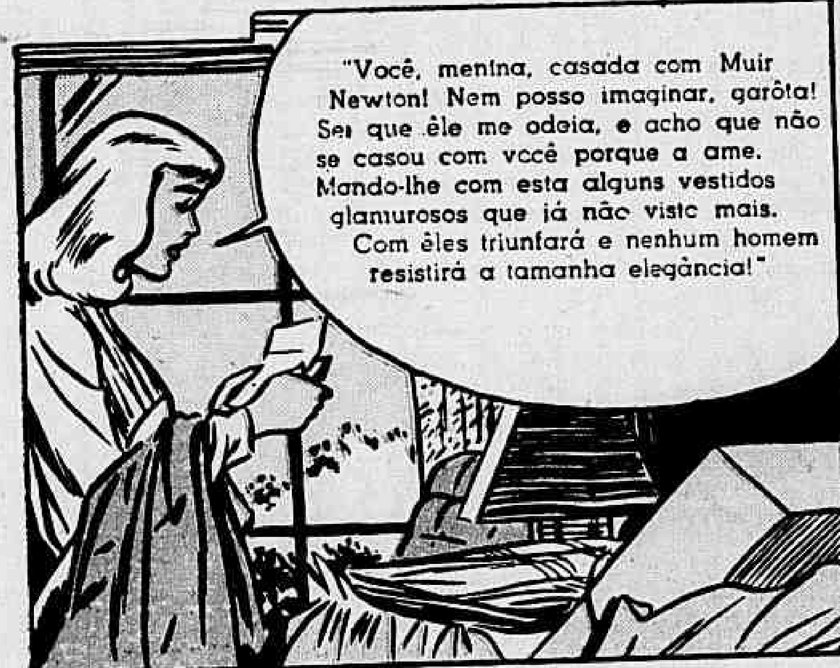
Eu estava indignada com os meus próprios pensamentos e suspeitas. Isso podia destruir meu amor a êle. Quando Muir me tomou nos braços, à noite, eu percebi que êle me amava, a despeito de tudo. E decidi fazer tudo ao meu alcance para tornar o nosso casamento feliz.

Depois da lua-de-mel, voltamos para a cidade onde Muir trabalhava e eu me julgava feliz, ocupada no amanho de nosso lar. Era o meu ninho sonhado, tornado em realidade.





Naquele dia, quando procurava escolher o vestido para a recepção, recebi uma caixa e uma carta de Rhonda...





Queimei a carta e escondi os vestidos. Na noite da recepção eu vesti um dos meus antigos vestidos, reformado. Era um sacrifício para qualquer mulher, pois eu achara deslumbrantes os que ela me mandara!





[O]S REGENERADOS DO ÁLCOOL



UMA SOCIEDADE SECRETA DOS ANTIGOS VICIADOS ★ O PAPEL DA A. A. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS) NO MEIO DOS BEBERRÕES ★ HAROLD WADDEL, ANTIGO VICIADO, FAZ CONFIDÊNCIAS

Texto de GIPSON DE FREITAS
Fotos de CAMARA

[PA]RA combater o alcoolismo existe, estendida pelo mundo inteiro, uma [v]asta rêde de agremiações que opera dentro do maior sigilo, consti[tuída] por mais de 58.000 ex-bêbedos inveterados. E o Brasil, como não [podia] deixar de ser, também tem as suas agremiações espalhadas por vários [Estad]os. São agremiações independentes, na sua maioria, mas que tra[balha]m com eficiência e denodo na extinção do tão arraigado mal. Para [combate]r os abusos do álcool, têm-se feito acaloradas campanhas. Ainda re[cente]mente, a Liga Brasileira de Higiene Mental, com sede no Rio de Ja[neiro], fêz uma intensa campanha, distribuindo conselhos anti-alcoólicos e [clama]ndo contra as conseqüências que poderão advir mesmo de um [copo] de cerveja. Em São Paulo, não há muito, idêntica campanha foi feita [por u]m grupo de beneméritos cidadãos, sendo a imprensa um dos veículos [que] mais cooperou no ruidoso movimento. Não obstante, essas campanhas [por] mais intencionadas e bem dirigidas que sejam, não alcançam nunca [o de]sejado objetivo, em virtude certamente de não serem uma coisa direta, [pessoal]. Com as agremiações secretas todavia, mais conhecidas como "Al[coóli]cos Anônimos", não acontece o mesmo. Essas agem diretamente, de [igual] para igual, de inexperiente para experiente. E os resultados são in[contes]táveis, plenos, cabais.

DESVENDANDO O MISTÉRIO

[Pai]ra em tôrno da A. A. um impenetrável mistério. Ninguém geralmente [tem] conhecimento de suas atividades. Seus membros, que trabalham no mais absoluto anonimato, operam silenciosamente, sempre discretos, com independência, precaução e fé na supremacia dos céus. Para penetrar na secreta organização dos A. A., tivemos de transpor uma série interminável de obstáculos, munidos de perspicácia, habilidade e coragem. A psicologia no caso desempenhou papel preponderante. Graças a ela, foi pos[sível] desenvolver uma série de pesquisas, localizar indivíduos e seus res[pectiv]os endereços, e travar conhecimento com um dos mais categorizados [repre]sentantes da "Alcoólicos Anônimos". O leitor há de convir que não



O Sr. Harold Waddel, que tornou possível esta reportagem, fotografado na mesa do restaurante em que aguardava a chegada do repórter. A bebida que hoje frequenta a sua mesa é simples água mineral.

Êste flagrante foi tomado em frente à nossa redação, à hora do almôço. A manhã foi consumida em tomar aperitivos..

Os regenerados do álcool

É tarefa das mais banais, para quem não dispõe de informações preciosas, de números de telefone, endorêço, pessoas influentes ou amizade com ex-alcoólatras. Mas, apesar da incógnita que tínhamos pela frente, desbravamos as secretas agremiações dos A. A., trazendo a público pela primeira vez, numa primeiríssima primeira mão, a curiosa e emocionante história dos ex-amantes do álcool empenhados em salvar aquêles que necessitam de apôio moral e cura para o mais nefasto dos males.

"ALCOÓLICOS ANÔNIMOS"

Afinal, depois de um encontro fracassado e de vários telefonemas que marcariam a hora e o local da entrevista, defrontamo-nos com o "alcoólico" Harold Waddel, conforme êle próprio se classificou, num edifício próximo à praça Mauá. Harold Waddel é simples e de maneiras acolhedoras. Bastou que fôssemos anunciados, para que viesse prazenteiramente ao nosso encontro, numa fração de segundo. Seu sorriso, largo e afável, logo nos encheu de confiança. Homem experimentado, vermelho, nariz afilado e rosto descarnado, pegou-nos pelo braço e nos fêz sentar num banquinho junto à portaria. Aí, lado a lado, olhos contra olhos, o americano nos revelou curiosas histórias a seu respeito e a respeito da secreta agremiação de que faz parte. Antes, porém, desconfiado, inquiriu.

— Quais são os sintomas que você sente quando bebe?

Por um instante ficamos paralisados sem saber o que responder. Da resposta que déssemos a esta insignificante pergunta, dependeria o sucesso da reportagem. Aquelas palavras, ditas à queima-roupa, soavam com violência e ressonância nos nossos ouvidos. Naquele momento, estava em jôgo todo o trabalho de preparação, os esforços que fizemos para descobrir os responsáveis da secreta agremiação, o assunto de suma importância para nós, enfim, tudo seria sacrificado se não respondêssemos satisfatòriamente. Havia, portanto, necessidade que disséssemos ter o malsinado vício. Que éramos uns beberrões, uns alcoólatras inveterados, em busca de salvação e amparo. E foi o que fizemos, com êxito. Waddel, o "alcoólico" misterioso e secreta, passou a nos considerar daquele momento em diante uns bêbedos, uns viciados, no seio de uma classe de "alcoólicos" distintos e prestimosos.

"DELIRIUM-TREMENS"

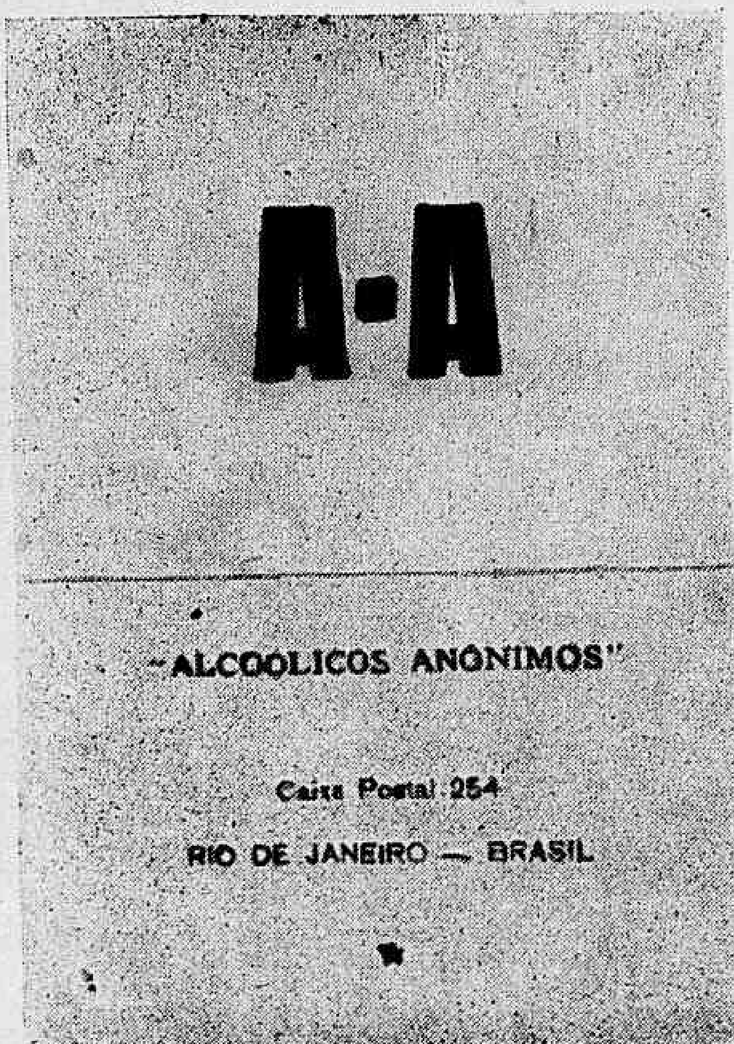
Na "Alcoólicos Anônimos", a entidade máxima de combate ao alcoolismo, quase todos os seus componentes possuem um passado de dolorosas recordações, vítimas que foram da cruel doença de beber. E o nosso entrevistado, como não podia deixar de ser, também carrega na alma a marca diabólica dos dias consagrados às farras e às bebidas. Nesse ínterim, para surprêsa nossa, Waddel nos fêz uma confissão terrível:

— Não sei se você sabe o que é o chamado "delirium-tremens". Se não sabe, não tem importância; eu explico. A criatura, quando chega nessa fase, aliás o ponto máximo da tragédia do alcoolismo, perde tôda noção das coisas. A vida para êle nada mais significa. Só se pensa em beber. Esmolar, arrastar-se a um botequim, e sorver o líquido que naquele momento é precioso e vital. Quando não se bebe, quando o líquido não desce escaldante pela goela abaixo, tem-se a impressão da morte próxima. E a salvação, meu caro, está na bebida. Beber, nesses momentos agonizantes, é o único remédio. A bebida nos dá satisfação, ameniza as nossas dores e acalma os nervos, por mais incrível que pareça. Mas quando se abre os olhos e que se procura uma tábua de salvação em tôrno, tudo está perdido. O delírio, a confusão tremenda que nos embaça os olhos, tornando-nos trôpegos, fracos, indecisos e medrosos, é o ponto final, é o clímax da tragédia vivida por todos nós "alcoolicos".

FÉ E FRATERNIDADE

Em dado momento, interrompemos o surpreendente relato do chefe da agremiação carioca, para pedir esclarecimentos do modo pelo qual agíamos responsáveis da A. A., em face dos problemas criados pelas vítimas do álcool. Disse-nos êle:

— Cheguei a êsse ponto. Agora, porém, quero falar numa criatura que muita influência exerce na minha vida e a quem devo o sucesso e o bem-estar dos dias presentes. Trata-se de um americano, a quem o uísque dominou por algum tempo, mas que graças ao valioso auxílio da A. A..

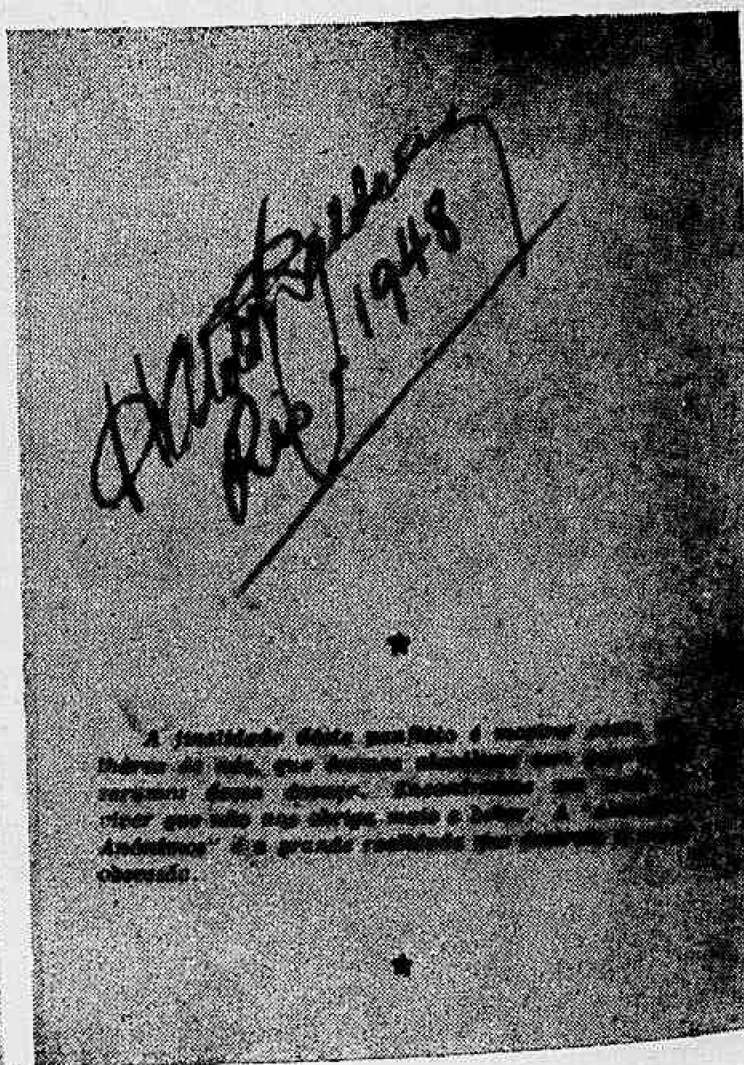


A-A

"ALCOÓLICOS ANÔNIMOS"

Caixa Postal 254

RIO DE JANEIRO — BRASIL



Rosto e verso da capa do folheto "Alcoólicos Anônimos", contendo seus estatutos. Na segunda foto vêem-se a assinatura de Harold Waddel e a data: Rio — 1948.



O relógio, na parede (vê-se pelo ponteiro grande), marca 10.20 hs. da manhã. O rapaz já está bicando a "branquinha", no bar mais próximo.

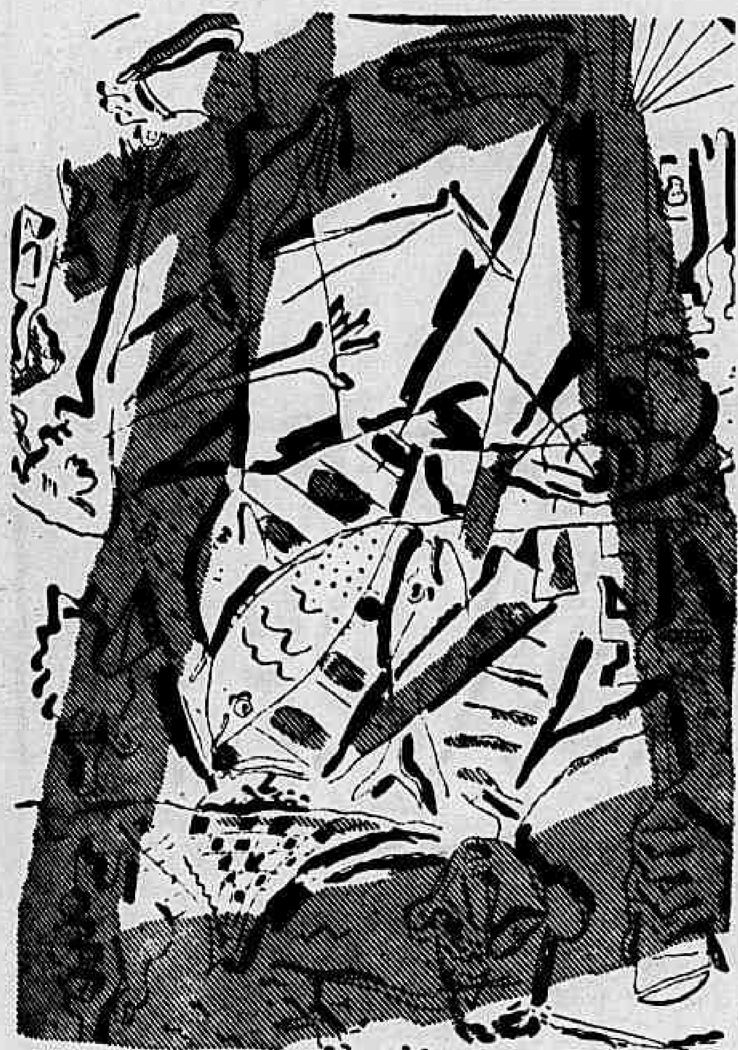
hoje vive feliz e em situação privilegiada na América. Como disse, minha reabilitação foi tôda em conseqüência do meu encontro com êsse patrício, que imediatamente se interessou pela minha saúde. Com êle, com suas lições e conselhos, com a inquebrantável fé e fôrça moral e ainda fraternidade e devoção, minha vida ganhou nova significação. Hoje, sentindo novo prazer pelas coisas, ganhando relativamente bem no meu novo emprêgo, coloco o pouco tempo que tenho a serviço da A. A. e dos mais necessitados. Êsse homem, a quem tanto devo, foi o grande incentivador de agremiações que hoje invadem o território nacional. Com êle, outros mais se ajuntaram e com entusiasmo e denodo iniciamos essa tão útil e benemérita campanha.

OS CULPADOS SE REDIMEM

— Quais são os meios de subsistência da A. A., seu Harold? O Govêrno ajuda financeiramente? Como conseguem mantê-la?

— Vivemos — explicou-nos êle — exclusivamente à nossa conta. Ninguém interfere com o nosso viver. Somos independentes no maior sentido da palavra. Ademais não aceitamos contribuição em dinheiro de quem quer que seja. Somos por demais avessos a êsse sistema de vida. Nós próprios, quando queremos resolver algum problema financeiro, no caso por

(Cont. na pág. 50)



O repórter copiou alguns desenhos de alcoólatras na fase aguda do vício, existentes nos arquivos da A. A. Ao lado, a reprodução de um dêles.

CINEMA

NAS TELAS

A surprêsa da semana foi "Filhas do Desejo" (Vita da Cani), película italiana estrelada por Aldo Fabrizi, e cujo título em português é um rótulo falso da mercadoria que se vende. Não é nada daquilo que se pensa. Nem era necessário se valer dêsses recursos baratos para chamariz, porque o público gosta do que é bom e vai assistir assim mesmo, a despeito dos títulos mal escolhidos. "Filhas do Desejo" é uma comédia fina que nos conta as trapalhadas em que se mete uma pequena troupe de teatro em suas viagens para dar espetáculos. Aldo Fabrizi é o dono da companhia e é, ao mesmo tempo, o dono absoluto do espetáculo. O tipo que compõe é sincero, humano, e está à altura de outras boas interpretações suas. O argumento, especialmente por ter merecido uma boa adaptação, excluindo-se final, um tanto precipitado e convencional, é realmente de... cioso. No principal papel feminino, Gina Lollobrigida, uma p... quena exótica e bonita. Espetáculo divertido para as pess... de bom-gôsto.



Aldo Fabrizi

● **QUANDO PASSAR A TORMENTA** (Force of Arms, Warner) é uma p... cula de guerra, porém de sentido psicológico. William Holden e Nancy Ols... a dupla que se consagrou em "Crepúsculo dos Deuses", vive aqui uma ... teressante história de amor com muita sinceridade e convicção. A fotogra... de Ted Mc Cord adquire uma tonalidade sombria e é dentro dêsse ambie... de expectativa, provocado pela guerra, que se desenrola o roman... Michael Curtiz ainda está em forma e consegue realizar um filme que ... assiste com agrado.

● **A VIDA COMEÇA AMANHÃ** (Tomorrow is another day, Warner) focaliza o drama de um homem de 31 anos que é pôsto em liberdade, após cumprir uma pena de 18 anos de prisão. Seu contato com o mundo exterior, que êle não vê desde criança, faz com que, tanto o autor da história como o cenarista, (Art Cohn, de "Punhos de Campeão"), construam um tipo humano dos mais interessantes. E que Steve Cochran, com seu talento inegável, defe... brilhantemente. O argumento é ... mum, mas, decido aos fatôres já ... postos e à sóbria direção de F... Seist, resulta numa película agra... vel, — drama de suspense — ... até o final feliz é bem aceito. ... elenco temos ainda Ruth Roman, ... aparece loura no princípio e mor... no fim — mas, de qualquer for... sempre bonita, talentosa, e com mu... personalidade.

● *E continuando a abusar da boa-vontade do público, am... rados pela lei de proteção dos "um por oito", os espectado... continuam engolindo os xaropes nacionais. "Meu Destino ... Pecar", da antiga Maristela, é um fracasso. Ainda que tenha si... realizado com a melhor das intenções — do ponto de vista ... mercial. Contudo, a começar pela escolha do argumento, basea... num romance de muita circulação, também aproveitado no rád... o filme resulta num desastre. Apesar da história já ser bem rui... piorou mais com a adaptação, tornando-se incompreensível. U... amontoado de situações obscuras, dificilmente compreensíveis, ... afã de fabricar "suspense", um falso suspense. Pouca coisa ... salva. Os atores, Antonietta Morineau e Alexandre Carlos, faze... o que podem — mas não podem, porque a direção de Manu... Peluffo é fraca e a história confusa. A fotografia de Mário Pag... é aceitável, com alguns bons momentos. Tècnicamente, a fita pr... curou obedecer o padrão do bom cinema nacional e o conseg... em parte. O resto, vai tudo por água abaixo.*

Mas isso não é tudo. Porque no circuito dos Metros, na mesm... semana, tivemos o lançamento de "Conflito", também de proc... dência paulista, que é uma verdadeira catástrofe. Pretendeu-s... fazer a história de um aviador na FEB, na Itália, apaixonado p... uma italiana. Ridículo, em todos os sentidos. As cenas mais dr... máticas provocam o riso. Muita gente tem ido ao cinema p... curiosidade. Para rir. Basta dizer o seguinte: o filme é tão rui... mas tão ruim, que chega a dar água na bôca ao pior dos film... de Lulu de Barros.

L. B...



O eterno tailleur

Simples e originalíssimo êste "tailleur" de Jacques Heim, em fino "drap" com gola de castor formando bolero. Pequena boina de castor.

Com qualquer dêstes chapeus você poderá tirar um retrato para o álbum de familia



Dois pequenos "toques" de Maud e Nano, um de penas com véu, outro em veludo e cetim bordado.



Grande gala

Suntuosa criação de Christian Dior em cetim branco bordado a prata.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — ENTRE QUE CIDADES DO BRASIL SE VEFICOU O PRIMEIRO VÔO COMERCIAL:

— Rio e São Paulo?
— Rio Grande e Pôrto Alegre?
— Belém e Manaus?

2 — QUANTO GANHAVA O DIRETOR DOS TELÉGRAFOS EM NOSSO PAÍS, MENSALMENTE, EM 1853:

— Dois contos de réis?
— Um conto e duzentos?
— Cento e vinte mil réis?

3 — QUAL O VERDADEIRO NOME DA ESCRITORA FRANCESA GEORGE SAND:

— Lúcia Aurora Dupin?
— Amandino Lúcia Aurora Dupin?
— Ou apenas Amandina Aurora?

4 — QUANTOS ANOS TEM A HISTÓRIA DA «GATA BORRALHEIRA»:

— Cento e vinte?
— Dois mil?
— Seis mil?

5 — EM QUE ANO NAPOLEÃO INVADIU O EGITO:

— 1798?
— 1801?
— 1789?

6 — QUEM FOI UT-NAPISTIM:

— O Noé do dilúvio babilônico?
— Umsábio indiano, mestre de Gandhi?
— Escritor contemporâneo de Cristo?

7 — A QUE PAÍS PERTENCE O MAIS VOLUMOSO ROMANCE DO MUNDO:

— À Alemanha?
— À França?
— Ao Japão?

8 — QUAL O FILÓSOFO QUE DISSE: «BEM-AVENTURADO O HOMEM QUE ADQUIRIU A SABEDORIA E QUE É RICO DE PRUDÊNCIA»:

— Voltaire?
— Shopenhauer?
— Salomão?

9 — QUAL O SÁBIO QUE, ESCUSANDO-SE DEFINIR A MORTE, DISSE AOS SEUS DISCÍPULOS: «SE NÃO POSSO EXPLICAR A VIDA, COMO HEI DE PODER EXPLICAR A MORTE»:

— Confúcio?
— Krishnamurti?
— Gandhi?

10 — DE QUE MAL SOFRIA HOMERO:

— Surdez?
— Cegueira?
— Ou era mudo?

11 — QUANTOS ANOS DUROU A GUERRA DE TRÓIA:

— Dez anos?
— Cinco anos e meio?
— Dois anos?

12 — QUAL FOI A CAUSA DA GUERRA DE TRÓIA:

— A Venda de um cavalo?
— O rapto das Sabinas?
— O rapto de Helena?

13 — QUEM FOI PENÉLOPE:

— Espôsa de Galba?
— Mulher de Ulisses?
— A mães dos Gracos?

14 — QUAL A DIVERSÃO A QUE OS GREGOS MAIS ADORAVAM:

— O teatro?
— A luta entre gladiadores?
— A pesca da baleia?

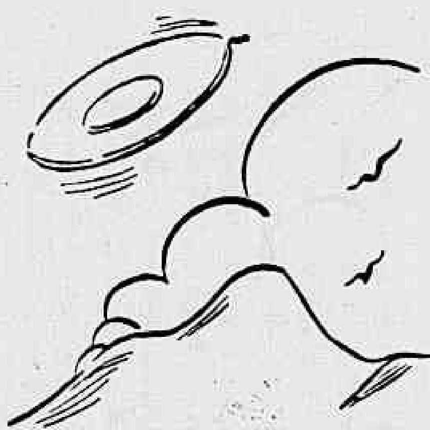
15 — QUANTAS GRAMAS HÁ NUMA LIBRA (pêso):

— 550?
— 400?
— 453, aproximadamente?

(Respostas na página 55)

CONVERSA DE MULHER

OS DISCOS VOADORES



OS discos-voadores constituem a sensação do momento. Depois do feito de dois jornalistas brasileiros, que fotografaram o estranho corpo evoluindo sôbre a região da Barra da Tijuca, não resta a menor dúvida de que os "discos" ou "pires" (saucers na expressão inglêsa) voadores existem.

Supôr fraude ou recurso de sensacionalismo é lançar uma suspeita fútil em relação a um caso de tão ampla repercussão e aberto a investigações.

O público reagiu fracamente ao impacto da notícia. E' de se notar a apatia da maioria da nossa gente em face dos acontecimentos de ordem geral. Na verdade, a atitude da população perante o misterioso acontecimento foi, em grosso, idêntica ao comportamento dos povos primitivos quando pela primeira vez encararam fatos superiores à sua compreensão.

No entanto, técnicos e cientistas se põem em campo para estudar a estranha aparição, empenhados em decifrar o seu segredo.

De qualquer modo, as hipóteses são de exaltar a imaginação: tratar-se-á de arma secreta ou de engenho interplanetário?

No domínio do conhecimento humano chegou-se a uma equiparação de dados em poder dos pesquisadores, o que faz com que um resultado de pesquisa ou um invento não possam ser obtidos por um determinado grupo de cientistas sem que as mesmas conclusões venham a ser logo após alcançadas por outro grupo ou grupos. Portanto, é de esperar que se o disco-voador é realmente uma arma secreta seja em breve identificado como tal.

Não podemos, entretanto, deixar de pensar na possibilidade de partirem de algum planeta os exóticos corpos. Desde 1946 vem sendo os discos-voadores avistados de diversos pontos da terra sem que se haja desvendado seu enigma. Os testemunhos muito fortes de sua presença haviam sido até agora dados pela palavra, inclusive de um aviador que perseguiu nos ares até cêrca de 20.000 metros o objeto desconhecido e morreu nessa caçada, tendo o seu avião se desintegrado no espaço. Hoje uma série de cinco fotos sensacionais fixa de modo irrefutável a existência de um disco-voador, que se desloca nos céus como dirigido por uma inteligência superior.

Se provenientes de uma planeta — hipótese que está sendo considerada por muita gente séria — os discos-voadores são indício da existência de sêres superiores a nós. Sendo pouco variáveis as condições requeridas para a criação da vida animal, talvez mesmo muito semelhantes a nós os marcianos ou venusinos. Quem sabe não são, na escala darwiniana, simpáticos macacos, mais ou menos peludos, pequeninos ou gigantescos? E como se organizarão em sociedade? Quantos sentidos terão, além dos precários cinco com que contamos, pelo menos de acôrdo com as nossas percepções atuais?

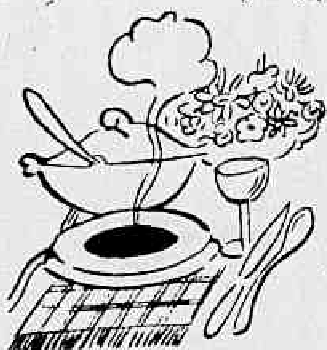
Pressupondo a presença de sêres vivos num planeta próximo, capazes de enviarem à terra aparelhos de reconhecimento procurando talvez o melhor ponto para estabelecer uma "cabeça de planeta" afligemonos a insuficiência de nossos conhecimentos. Enquanto "êles" nos invadem, nós não temos como concluir se chegam ou não de Marte ou de Venus, pois os astrônomos se acham longe de poder julgar da habilidade de qualquer daqueles planetas.

ISOLETE

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 4

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 4: CASTILHO — QUADROS HISTÓRICOS — "Não conheças grandes nem pequenos no julgar; todos os homens são grandes para se lhes guardar seu direito; e todos pequenos para não haver cobardia em os punir."

WEEK-END NA COZINHA



TRÊS PRATOS PARA O HOMEM QUE VOCÊ AMA

1. COSTELETAS DOURADAS

1 k. de costeletas de vitela
Casca de 1 limão
Suco de 2 limões
1 ôvo
1 xícara de farinha de rôsca
¼ de xícara de farinha de trigo
½ colher de chá de sal
Pimenta do reino
4 colheres de manteiga ou de toucinho derretido

● Coloque as costeletas num prato fundo e cubra-se com o suco dos limões adicionado da casca ralada. Vire freqüentemente as costeletas para que absorvam bem o limão (primeiro segredo para o sucesso do resultado). Deixe de môlho por uma hora. Bata ligeiramente o ôvo e, à parte, misture a farinha de rôsca, a farinha de trigo, a pimenta e o sal. Mergulhe as costeletas no ôvo batido, depois na mistura das farinhas, da pimenta e do sal deixe secar por trinta minutos (segundo grande segrêdo). Derreta a manteiga ou a gordura numa frigideira funda e frite as costeletas dos dois lados, tocando-as apenas para virar.

Quantidade suficiente para servir o seu amor e mais três pessoas.

2. FABULOSO COZIDO DE CARNEIRO

2 colheres de sopa de banha de porco
1 k. de carneiro, cortado em pedaços
Sal e pimenta do reino
1 dente de alho socado
2 colheres de farinha de trigo
2 xícaras de água
2 colheres de sopa de massa de tomates
1 bouquet garni
4 cogumelos em fatias
3 cenouras médias cortadas ao comprido em quatro
10 cebolas pequenas
1 colher de chá de açúcar
5 batatas médias cortadas em quatro
3 colheres de sopa de vinho xerez
1 xícara de patits-pois cozidos ou de conserva

● Acenda inicialmente o forno e mantenha-o em temperatura moderada. Ponha para esquentar diretamente no fogo uma frigideira e deixe ferver a banha. Tempere a carne com sal e pimenta e toste-a por igual, bem dourada. Abaixe o fogo, junte o alho e polvilhe a farinha sôbre o carneiro. Deixe cozinhar suavemente até que a farinha desmanche. Junte as duas xícaras de água e a massa de tomates, levante fervura e despeje numa panela com tampa que possa ir ao forno e depois à mesa. Junte o boquet garni (1 cenoura nova, 1 galho de aipo, 1 fôlha de louro, 1 ramo de salsa e cebolinha), tampe e deixe no forno por 30 minutos. A seguir, frite numa frigideira os cogumelos na gordura tirada do carneiro. Retire-os da frigideira e reserve-os. Ponha na frigideira as cenouras e as cebolas e salpique o açúcar para glaçar êsses vegetais. Deixe no fogo apenas o suficiente para formar a glacê. Junte então os cogumelos, as cenouras, as cebolas, as batatas na panela em que está a carne e deixe no forno por mais cêrca de uma hora, ou até cozinhar tudo. Um pouco antes de servir junte o vinho e os petits-pois. Sirva imediatamente, salpicando com salsa crua picada, ao seu querido marido e a mais cinco pessoas.

3. UM ROAST-BEEF DE ARROMBA

Compre 3 quilos de carne de costela.

Acenda o forno e mantenha-o em temperatura moderada. Coloque numa panela a carne, enxuta com um pano, a parte da gordura (indispensável) para cima. Leva cêrca de 30 minutos para ficar mal assada a carne, cêrca de 40 para ficar mais passada. Sirva com

PUDIM YORKSHIRE

3/4 de xícara de farinha
1/4 de colher de chá de sal
1 xícara de leite
2 ovos

● Peneire a farinha e o sal dentro de uma vasilha grande e junte o leite necessário para formar uma pasta grossa. Bata separadamente as claras, junte as gemas às claras, junte aos ovos o resto do leite. Junte as duas misturas e bata até que se abram bôlhas. Deixe descansar 1 hora. Retire do roast-beef gordura suficiente para forrar uma fôrma, que deve ser aquecida antes de nela ser despejada a mistura, que vai ao forno por meia hora. Sirva o roast-beef, com o môlho separado, e o pudim para o dono de seu coração e cinco servos fiéis.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 5

A	Os divertimentos dos dias de carnaval →	2	53	85	33	47	8	49
B	Duplica; verga →	58	88	12	56	6		
C	Joeira, peneira →	38	5	93				
D	Uma e outra →	57	1	31	28	18		
E	Áspero, descortês →	13	84	60	32			
F	Exerça influência, poder →	81	17	50	4	69	41	
G	Índios dos rios Paranapanema e Peixe →	9	67	95	10			
H	Podre, pestilencial →	64	86	24	92	44	3	11
I	Cerimônia de uma religião →	29	71	34	75			
J	Tijolo sêco ao sol e empregado cru →	15	74	25	91	73		
K	Lugar no pôrto para carga dos navios →	89	30	45	77			
L	Lingua do sul do Loire, na Idade-Média →	46	70					
M	Côrno →	48	21	62	43	87	54	
N	Faz discurso →	90	26	20				
O	Simbolo da realeza, na França →	78	42	94				
P	Guisado de camarões e ervas →	14	83	65				
Q	Não mais têm →	55	27	7	40	72	63	
R	Proteção, abrigo →	61	19	22	96	35		
S	Não é velho →	16	37	76	82			
T	Pecado, engano →	52	80	66	79			
U	Hábil, capaz →	68	51	39	59			
V	Santissimo (abrev.) →	36	23					

	D 1	A 2	H 3	F 4	C 5	B 6	Q 7	A 8	G 9	
G 10	H 11	B 12	E 13	P 14		J 15		S 16	F 17	D 18
R 19	N 20		M 21	R 22	V 23	H 24	J 25	N 26	Q 27	D 28
	I 29	K 30	D 31	E 32	A 33	I 34	R 35		V 36	S 37
C 38	U 39	Q 40	F 41	O 42		M 43	H 44	K 45	L 46	A 47
	M 48	A 49	F 50	U 51	T 52	A 53	M 54	Q 55	B 56	D 57
B 58	U 59		E 60	R 61		M 62	Q 63	H 64	P 65	T 66
G 67	U 68	F 69	L 70	I 71	Q 72		J 73		J 74	I 75
	S 76	K 77	O 78	T 79	T 80		F 81	S 82		P 83
E 84	A 85	H 86	M 87	B 88		K 89	N 90		J 91	H 92
C 93	O 94	G 95	R 96							

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à sua frente, cada letra numa casa. Depois transportam-se para o quadrado de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. E no quadrado de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

Revelações do continente negro - IV

UM RIO AFUNDA NA TERRA

★ AS CATARATAS DE LIVINGSTONE
★ O CONGO BELGA VALE OURO
★ UM BRASILEIRO EM MUTSHATSHA

Por MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA

SAIR do Brasil para ir à África longínqua e desconhecida; fazer linda viagem até Capetown, lá subir a Table Mountain, caminhar para o sul e chegar até a ponta da península onde fica o lendário cabo da Boa Esperança, antes denominado das Tormentas; ter, diante de si, posto na ponta da península, à esquerda o Oceano Atlântico e à direita o Índico, depois deixando Capetown, visitar a região dos Diamantes; debruçar-se sôbre o Big-Hole, buraco de onde o homem em cinquenta anos de trabalho tirou mais de três toneladas de diamantes; conhecer depois a região do Ouro, onde cêrca de 160 minas são servidas por mais de 500 quilômetros de galerias subterrâneas; daí, passando por Pretoria, estar ao lado de zebras, girafas e leões, soltos e mais livres do que nós, na ocasião obrigados a não deixar o automóvel, privando-nos assim, expontâneamente, da sensação de ser comidos por um dêles. Depois, ao deixar o Krüger-Park, ir até Moçambique, voar sôbre mais de 100 elefantes selvagens da região inóspita do Maputo, tendo as azas do nosso avião quase lhe tocando as orelhas; passar por uma estação que se chama Moamba, nome capaz de sugerir maus pensamentos sôbre a veracidade do que relato; tudo isso pode ser prosa, mas não é moamba. E depois ainda encontrar em Johannesburgo preciosa coleção de documentos sôbre o Brasil é, sem dúvida, um privilégio real.





Duas empolgantes visões do rio Zambese quando se despenha, atroando os ares com o fragor de suas águas e formando como que um véu de orvalho, nas quedas de Vitória, assim batizadas por Livingstone, o primeiro branco a surpreender o grandioso espetáculo.



Na reserva animal de Livingstone (Rodésia do Norte), uma zebra, na evidente curiosidade de espiar os forasteiros, mete o focinho no automóvel.



Vinte e duas mil crianças nativas, assim robustas e risonhas, encontram perfeita assistência médica e escolar nos serviços de mineração do Congo Belga.

A seguir, demos em terras africanas o nosso primeiro pulo no escuro. Saímos a meia noite de Johannesburgo para Livingstone, onde chegamos às 3 horas da madrugada.

Estamos em plena Rodézia do Norte, e dentro em pouco passando para a do Sul, estaremos sentindo a impressionante vibração que nos vem de longe, do choque das águas do magestoso Zambése, batendo em cheio no fundo do seu novo leito. São as famosas cataratas que o explorador inglês Livingstone descobriu e deu o nome de Victoria Falls — em homenagem à sua grande rainha.

Aí passamos oito deliciosos dias, visitando todos os recantos dêsse monumento estranho da natureza. O rio não vem de cima, afunda na terra.

A surpresa de Victoria Falls é que o Zambése vem sereno em nossa direção, no mesmo plano em que nos encontramos, e quando chega a poucos metros de nós, com o auxílio de uns tantos milhões de anos que já se foram, resolve dar o mergulho a prumo que o tornou famoso. No seu novo leito as águas exprimidas e revôltas, esmurrando-se e beijando-se, retomam, no ziguezaguear do seu destino, o caminho que as levará ao Oceano Índico.

Vibrações, estrondos, espumas, arco-íris e a bruma permanente que paira sôbre as grandes cachoeiras, bruma que aqui os indígenas denominavam a "Poeira que ronca", é o que nos surpreende a cada passo, como surpreenderá a todos que ali forem, enquanto o mundo fôr mundo.

Como essas impressões foram colhidas em boas condições de saúde, tempo e temperatura, é natural que eu as transmita com otimismo.

Deixando o magnífico hotel em que nos hospedamos, rumamos para o Congo Belga, hoje nadando em ouro, não apenas pelo ouro que lá existe, mas pelo muito que vale tudo quanto de lá está sendo tirado pelo homem das profundezas da terra.

A cidade de Elizabethville, que floresce na Alta-Katanga, região rica, sobretudo, em cobre, urânio, cobalto e manganês, é pitoresquíssima. Ali quem manda, industrialmente falando, é a Union Minière, poderoso consórcio que controla a produção industrial e mineral de Kipuschi, Jadotville, e demais centros de trabalho dessa região.



Livingstone, o desbravador do continente negro e descobridor das Victoria Falls, é lembrado em bronze num jardim da Rodésia do Norte.

Diga-se de passagem que em nenhum outro lugar da África, dentre os que visitamos, a assistência ao trabalhador indígena e sua família, é tão ampla como a que ali nos foi dado apreciar. Os cuidados vão desde o homem que trabalha na mina, onde pode ser atacado pelo mal da silicose, até à assistência pré-natal, às mulheres.

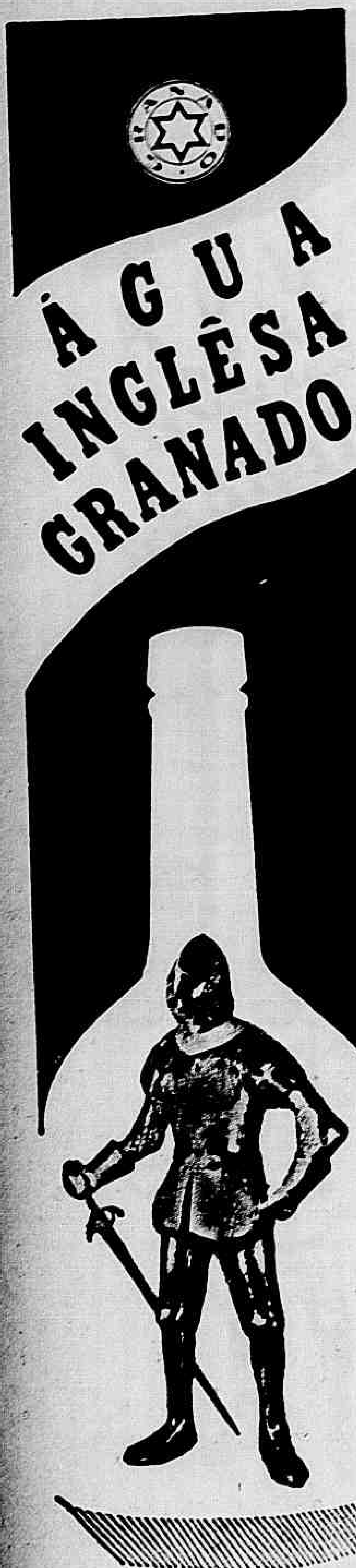
Possuem excelentes hospitais, todos com enfermarias especializadas. Cada criança, cada mulher e cada homem, tem a sua ficha rigorosamente atualizada. E, como por dura experiência sabem muito bem quanto interêsse há na boa distribuição da justiça; existe na organização da Union Minière uma comissão de 11 membros, destinada a zelar pelo bem-estar do proletariado, onde, só na grande concentração das minas de Kipuschi, há cêrca de 22 mil crianças pretas em idade escolar, tôdas assistidas e amparadas.

O trabalho dessa comissão, em honra da boa distribuição da justiça, chega ao ponto do fornecedor da carne, dado o sistema adotado, não saber a quem a está entregando. As pretas de Elizabethville são bonitas e donairosas. Vestem-se de forma a dar à cidade uma aparência de carnaval permanente, tal a diversidade de côres vivas que usam em seus lenços e vestidos. "Bangu (pronúncia francesa) d'afrique" foi a classificação que tureza, que de lá trouxemos como lembrança.

E' comum ver-se nas suas ruas, pretas levando deram lá em casa aos cortes de tecidos dessa nanas costas, estampadas nos vestidos, as figuras de Roosevelt, de Churchill ou do Papa, sem que isso possa, no caso, ser tido como prova de falta de respeito.

Partindo de Elizabethville, seguimos para a bela e lendária cidade de Luanda, dispondo-nos, para isso, a percorrer 2 mil e muitos quilômetros mais de estrada de ferro e 4 horas de avião, através do Congo Belga e da província portuguêsa de Angola.

Foi ainda no Congo Belga, na estação de Mutshatsha, que encontramos um nosso patrício, médico brasileiro, para ali espontâneamente desterrado, vivendo nessa pequena vila onde é querido e respeitado.



Faz de você
um forte!

TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

SÃO JUDAS (TADEU)

(Cont. da pág. 34)

Mas, o nome de S. Judas, um dos apóstolos do Filho de Deus, foi muitas vêzes substituído pelo de Tadeu, para que se o confundisse com Judas Iscariotes, o traidor e mesmo os evangelistas, como S. João, ao se referirem a Judas Apóstolo, diziam: "Judas, não o Iscariotes ou o traidor." E o nome do traidor ficou, para sempre, odiado, advindo daí o esquecimento ao culto de S. Judas, que era, sempre, invocado com o nome de S. Tadeu. Todavia, atualmente, êsse esquecimento foi suplantado pelos milagres de S. Judas Tadeu, que gravou seu nome na igreja, num asilo de menores e em todos que são fiéis ao culto cristão.

E é por isso que quem não conhece o santo fica a se perguntar como pode êle, com sua misteriosa fôrça, beneficiar a tantos, realizando múltiplos milagres, amainando dôres, consertando estados de coisas, entre famílias, curando a quem os médicos desenganaram. Mas logo, ao depararem com a Sala dos Milagres, após escutarem as narrativas dos que conseguiram milagres, compreenderão o porquê da fila, o porquê das lágrimas de alegria, que banham os pés do santo venerado.

A MATRIZ

Há alguns anos, pouca gente conhecia o milagroso S. Judas, o Judas que não traiu, que foi apóstolo e santo e que é, hoje, relembrado pelos fiéis de todo o mundo, pagando, em milagres, os tributos que os homens lhe levam em fé.

Dia 28 de cada mês, é o Dia de São Judas e a igreja, que começou singela como a casa de Anchieta, fica repleta de forasteiros, que vêm, dos mais diferentes pontos da cidade e do Estado, pagar suas promessas e nesse dia, em outubro, há uma grande festa de S. Judas.

A igreja, hoje, mesmo sendo simples, é grande. Atrás do Altar-Mór, está a imagem de S. Judas,dominando todo o templo, fitando, bem de frente, com seu olhar piedoso, os fiéis que a êle acorrem, para fazer seus pedidos.

E, quase todos, escolhem dia 28, para cumprir suas promessas. E' por essa razão que, desde as primeiras horas da manhã, já o Pátio dos Milagres se cobre de fiéis, em demanda às velas, às medalhas. Minutos depois, aumenta o número e a fila vai tomando forma, se arrastando por todo o dia, até a noite, quando há uma maravilhosa reza especial, em comemoração ao Dia de São Judas.

Lá dentro, à direita do Alta-Mór, você encontrará a Sala dos Milagres. E', relativamente, pequena. Suas paredes não são vistas, pois centenas de fotografias de agraciados as cobrem, desde o chão, até o teto. Nos cantos, você encontrará um número incontável de aparelhos ortopédicos e peças de céra, representando órgãos de pessoas que foram doentes. Mais ao lado, alguns fotos que não encontraram lugar, bilhetes simples, e chapas de raio X, que dizem de moléstias incuráveis.

As mães moças levam seus filinhos aos braços e muitas comparecem, à igreja, durante seis meses consecutivos, todos os dias 28.

Todavia, a obra de S. Judas, o milagroso, não fica nisso. Os padres que tomam conta do templo não são apenas rezadores de missa e recolhedores de óbolos. Construíram a igreja, graças à cooperação dos fiéis e levaram, com boa vontade e abnegação, mais avante sua obra. Construíram, não longe da Matriz de São Judas Tadeu, um asilo para orfãos, com o mesmo nome, onde 59 crianças, em idade escolar primária, recebem educação e abrigo. Após o curso primário, que é ministrado por professôras, os pequenos orfãos poderão fazer cursos profissionais, que serão instalados no asilo, tão logo haja crianças com idade para tal.

Isso, como você poderia pensar, contudo, não significa que o orfanato esteja com vagas. Pelo contrário, o problema imediato do seu diretor é aumentá-lo, porquanto não vence os pedidos de internação, que lá chegam, diàriamente. Porém, por ser um abrigo não muito velho, nada mais justo do que haver cuidado que todos os internados sejam crianças, ainda em idade escolar primária.

TRABALHO E DEDICAÇÃO

Foi com os óbulos que os padres compraram aquela casa grande e o terreno que a cerca. E não se ufanam da obra, dando tôdas as glórias ao patrono milagroso, que é o responsável pelos auxílios ali recebidos.

Nesse asilo, meu amigo, você encontrará crianças alegres, trabalhando e estudando. Debruçadas em livros de leitura ou varrendo os quintais, brincando no recreio ou auxiliando na horta, maneira de ensinar sadia, que muito cooperará para que essas crianças, futuramente, saibam enfrentar o mundo adverso que encontrarão lá fora, tão diferente do feliz que elas possuem hoje.

PAGANDO PROMESSAS

E na igreja, você encontrá verdadeiras romarias. Se tiver oportunidade, aborde algumas pessoas, na fila que leva ao altar, onde depositarão velas e beijos, aos pés do santo que é tão venerado entre os paulistanos.

Todos, ou quase todos, lhe dirão que obtiveram graças. Outros, com os olhos brilhantes, com aquele brilho que só a fé é capaz de produzir, lhe dirão, sem pejo ou timidez, que buscam um milagre e arrematarão a afirmativa com a história de um parente ou de um amigo, que conseguiu graça de S. Judas Tadeu.

Só assim, você compreenderá porque, todos os dias 28 de cada mês, as mocinhas e as senhoras, as casadas e as viúvas, os moços e os velhos, correm para a igreja de Tadeu, em busca de algo que a vida material lhes nega.

Não há dúvida que você se emocionará. Muitas pessoas chorarão, com aquele pranto leve e fofo da felicidade e, não raro, um pai altivo passará por você, com os olhos marejados de lágrimas, tendo, nos braços, um nenê, que estaria morto, não fosse a fôrça da fé. O pai estará felicíssimo. Atrás dêle haverá uma procissão de parentes que, em voz baixa, lhe contarão o milagre.

E' por isso que a fé resiste, a despeito da convulsão do mundo. Resistiu nas catacumbas de Roma e continua resistindo, unindo os povos, apagando as diferenças raciais e sociais. Ela nivela os homens que, pelo menos nas situações desesperadoras, neste mundo que vive voltado só aos prazeres da matéria, volvem seus olhos a Deus.

A religião caminha. A fé tenta mostrar ao homem que êle é apenas uma síntese. A síntese do corpo e da alma e que o corpo, sem êsse sôpro Superior, é apenas o cadáver, sem expressão, sem sensações, a quem de nada lhe valerá a sociedade, pois jamais irradiará qualquer vibração, quer de simpatia, quer de antipatia, enquanto, a outra parte da síntese, de que tão bem nos fala a filosofia, se despreenderá leve, apagando a figura do homem.

Haverá apenas um corpo e alma continuará, pelos séculos, a caminhada para o desconhecido, enquanto não se faz a profécia do último julgamento, que trará à Terra Deus, os Apóstolos de Cristo, para participarem do julgamento profético, onde foi, um dia, o Eden, mas que os homens transformaram numa babel de inveja e de ódio, só esquecida na calma bucólica dos templos, no odor leve de incenso, que nos transporta, lentamente, para a infância perdida nos anos, quando conhecemos os primeiros santos e quando o Milagroso Judas era desconhecido para nós, por causa da traição do Iscariote.

O BISPO NEGRO

(Cont. da pág. 25)

«Que? D. Bernardo amaldiçoaria aquêle a quem deve o bago pontifícial: aquêle que o alevantou do nada? Vós, bispo de Coimbra, excomungareis o vosso príncipe, porque êle não quere pôr a risco a liberdade desta terra remida das opressões do senhor de Trava e do jugo do rei de Leão; desta terra ... minha e dos cavaleiros portuguêses?»

«Tudo vos devo, senhor», atalhou o bispo «salvo a minha alma, que pertence a Deus, a minha fé, que devo a Cristo, e a minha obediência, que guardarei ao papa».

«D. Bernardo! D. Bernardo!» disse o príncipe, sufocado de cólera «lembrai-vos de que afronta que se me fizesse nunca ficou sem paga!»

«Quereis, senhor infante, soltar vossa mãe?»

«Não! Mil vêzes não!»

«Guardai-vos!»

E o bispo saiu, sem dizer mais palavra. Afonso Henriques ficou pensativo por algum tempo; depois, falou em voz baixa com Lourenço Viegas, o Espadeiro, e encaminhou-se para a sua câmara. Daí a pouco o alcácer de Coimbra jazia, como o resto da cidade, no mais profundo silência.

III

Pela alvorada, muito antes de romper o sol no dia seguinte, Lourenço Viegas passeava com o príncipe na sala de armas do paço mourisco

(Continua no próximo número)

CORPO ESBELTO
E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio tornando-a lisa, macia, aveludada das, manchas, panos e cravos,
Rua Direita, 191 — 6º andar
LEITE DE ARROZ. O seu us
(Exigir a marca BISCUIT)
constante remove as partículas e eliminando o cheiro desagradá mortas e queimadas da pele, sar-
M U L T I F A R M A
vel do suor.
Remessas pelo Reembôlso
SÃO PAULO



CALVICIE PRECOCE
Como evita-la!
JUVENTUDE
ALEXANDRE
Super eficaz contra
QUÉDA DOS CABELOS

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME .... Nº ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

DRAMA NO MAR

(Cont. da pág. 15)

erguendo montanhas de água e espuma que se precipitam sôbre as embarcações. Na «Josefina Maria» a situação se ia fazendo perigosa. O pesado reboque sacode com violência e suas chapas de ferro estalam ante o impacto das grandes ondas. Seus cinco tripulantes, em sua maioria marujos experientes, tendo alguns dêles sido torpedeados na última guerra, procuravam manter a calma. Nenhum dêles, porém, ignorava a situação angustiosa em que estavam metidos. O patrão da barcaça, Constantino Burlaco, cuidava o cabo de tração, que retezava e afrouxava violentamente, estalando nas amarras.

Mal se distinguiam as luzes do "D. Guilherme", adiante, em meio à noite e ao inferno de água e vento. Súbito, a barcaça "Josefina Maria" é sacudida por forte baque e o patrão Burlaco compreendeu que o cabo que os ligava ao "D. Guilherme" rompia-se ante a violência do mar.

Partido o cabo, separam-se o navio e reboque, seguindo cada qual o seu destino. A barcaça entra a girar ao sabor das ondas e do vento, enquanto a água salgada invade seus compartimentos, ensopando marujos e inutilizando os mantimentos de bordo. Em meio aos vagalhões imensos, o "D. Guilherme" desaparece, tragado pelo torvelinho do ciclone. Nada poderia ser feito pelo barco hondurenho em favor da "Josefina Maria".

ISOLADOS NO MAR

Quando, por fim, o violento ciclone passou e o dia surgiu a mêdo no horizonte ainda carregado de nuvens ameaçadoras, os tripulantes da "Josefina Maria" pensaram descobrir o "D. Guilherme" pelas proximidades, ou ao menos localizar alguns destroços sôbre o mar. Mas nada havia. A "Josefina Maria" estava só.

Homens afeitos à vida árdua do mar, os cinco marujos procuravam dominar a difícil situação em que estavam metidos. A "Josefina Maria" girava em uma zona de arrecifes perigosíssimos e o desespêro e a angústia começou a nascer no coração dos homens. O tempo passava lento, e lentas transcorriam as horas e os dias, sem que socorro algum chegasse. O mar permanecia absolutamente vazio, sem a esperança sequer de uma vela ou a fumaça de um navio.

Cançados alimentando-se únicamente de queijo e doces, pois a água do mar inutilizara os alimentos, os cinco tripulantes da "Josefina Maria" viviam horas de intensa amargura. E assim estiveram sôbre o mar, vagando ao sabor das correntes marítimas durante seis dias e cinco noites tormentosas.

A FOME E OS FRANGOS

Isolados pelas águas geladas do oceano, os tripulantes da "Josefina Maria" aguardavam a chegada de socorros. Nada havia que fazer a bordo, a não ser vigiar desesperadamente o horizonte, em busca de um sinal animador, uma esperança de salvação. Muitas vêzes a dúvida apontou, cruel, no coração do capitão Burlaco. Estariam sendo arrastados para longe da terra? Ninguém podia saber ao certo.

A esta altura dos acontecimentos, a fome desceu implacável sôbre os heróicos marujos. Não existia mais queijo nem doces como até então, e já há dois dias os homens não se alimentavam, apesar da existência a bordo de dois belos frangos. Êsses galináceos companheiros de desgraça dos tripulantes da "Josefina Maria", foram poupados. Talvez por simples supertição, como diriam mais tarde os jornais, ou possivelmente por trações de solidariedade, a verdade é uma destas extraordinárias demonstrações de solidariedade, a verdade é [illegible] ...sou lembrar num apetitoso «galletto».

TERRA 'A VISTA

Após seis dias e cinco noites de angústia e incertezas, os cinco tripulantes da "Josefina Maria" avistaram um pedaço da costa brasileira, zona onde está localizado o Farol do Albardão. Foi grande a alegria daqueles marujos cançados e famintos diante da possibilidade de salvação imediata. Antes do encalhe na areia, o que sòmente se daria muitas horas depois, era necessário buscar socorros, e o capitão Burlaco fêz arriar um bote e nêle embarcou dois de seus homens, Antônio Zorrilla Febre e Teodoro Iozipesco, que tentariam chegar à praia.

Ao aproximar-se da costa, porém, o frágil bote virou, atirando ao mar agitado seus dois ocupantes e obrigando-os a nadar cêrca de 500 metros até tocarem terra firme. Ali chegados, caíram êles exaustos sôbre a areia, sendo pouco depois socorridos pelo sr. José Cunha Mattos, encarregado do Farol do Albardão, que após os cuidados necessários fêz transportar os marujos para a cidade de Rio Grande, onde foi dada a notícia do desastre.

Só muito tempo depois os tripulantes da barcaça «Josefina Maria» viram aproximar-se o rebocador «Honório Bicalho», enviado pelas autoridades marítimas de Rio Grande, a fim de safar a barcaça portenha. Para os trabalhos de salvamento foi necessário que dois homens se lançassem ao mar, a fim de amarrar à barcaça o cabo atirado pelo rebocador nacional.

Sòmente às primeiras horas do dia seguinte, rebocando lentamente, o «Honório Bicalho» dava ao molhe de pedras da Barra de Rio Grande, trazendo, avariada, a barcaça «Josefina Maria», que sòmente a boa sorte e as correntes marítimas favoráveis permitiam encostar à barra.

ENCALHADO O «D. GUILHERME»

A tarde dêste mesmo dia, chegavam ao Rio Grande boas notícias sôbre o navio hondurenho «D. Guilherme», arrendado à firma argentina Cia. Arenera de Puerto Platero, de Buenos Aires. O sr. Roberto Fernandez, sócio da firma a que pertencem as embarcações acidentadas, transmitia aos representantes da imprensa a notícia de que o «D. Guilherme» não havia naufragado como a princípio se pensava, mas fôra localizado a quatro quilômetros ao norte do cabo Polônio, encalhado na praia e sem avarias de monta. A tripulação estava salva, nada sofrendo as 700 toneladas de carga que se destinavam a uma firma de Pôrto Alegre.

As autoridades marítimas de Rio Grande, assim que tomaram conhecimento da veracidade das informações correntes, determinaram a suspensão das providências tomadas para o salvamento da tripulação, que até então estava sendo feita sem êxito algum, pois vários automóveis percorriam as praias, enquanto aviões sobrevoavam os locais prováveis do acidente, voltando sem nada conseguirem, frustrados pela distância e a cerração.

OS MARUJOS

Na «Noiva do Mar», como é conhecida a cidade de Rio Grande, os cinco heróicos tripulantes da barcaça «Josefina Maria», Luiz Ferrari, que teve fraturado um dedo da mão esquerda, Antonio Zorrizilla Febre, Teodoro Iozipesco, Orlando Castelo e o patrão, Constantino Burlaco, entregam-se aos trabalhos de limpeza e reparos.

Homens simples, êles ficaram embaraçados diante da curiosidade dos jornalistas e do povo, e muito constrangidos diante da objetiva voraz dos fotógrafos. Quando o fotógrafo Juarez Flores, que voou num veloz «Bonanza» de Pôrto Alegre a Rio Grande, a fim de documentar o drama vivido pelos tripulantes da «Josefina Maria», pediu aos heróicos marujos que posassem juntamente com os frangos para uma foto, a idéia foi aceita com agrado. Disseram êles que as duas aves suas companheiras fiéis nas horas de angústia e desespêro, seriam transformadas em mascotes da «Josefina Maria» e alimentadas como verdadeiras princesas. Agora, passado o perigo, os marujos argentinos sorriam, divertidos com a história dos frangos e já um tanto esquecidos dos sofrimentos que lhes infligira o oceano.

Lá fora, adiante da Barra de Rio Grande, agitava-se o Atlântico, que os modestos tripulantes da «Josefina Maria» haviam vencido, logrando escapar com vida de suas águas azuis e traiçoeiras.

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

Jerry lhe infundira outras concepções da vida, voltando ao deboche anetrior, e convencera a Barry que nada melhor e mais digno para um homem do que levar a vida na pandega, a rir, a gozar, afastando do espírito os cuidados de família, entregando-se à farra, aos prazeres.

E lhe segredava:

— Seremos três, com o chofer. Preparamos as nossas maletas com o que se fizer necessário sem esquecer as garrafinhas.

Barry começou a rir. Não era um riso largo, mas um esgare de quem ri forçado, embriagado pelo alcóol. Ergueu-se e ficou de pé, uma das mãos na toalha. Nessa posição era o tipo de belo americano. com sua cabeça alta e loura, e atraiu para si as atenções dos circunstantes.

(Cont. no próximo número)

À LUZ DA PSICANÁLISE

"QUALIS PATER, TALIS FILIUS"

DR. LUIZ FRAGA

J. A. M. procura-nos muito contente e, com ares arrogantes de vitória.

— O rapaz vai para os Estados Unidos. O sr. não quis fornecer o atestado, eu o consegui alhures.

MÉDICO — Seu filho sabe como o sr. o conseguiu?

J. A. M. — Naturalmente, não há segrêdo entre nós. Eu sou um pai moderno, doutor. Meu filho nunca fumou as escondidas: sempre lhe forneci os cigarros desde os 15 anos de idade.

MÉDICO — Não lhe posso dar os parabéns que o sr. espera. Dou-lhe, sinceramente os meus pêsames. Mas, por que me procura agora?

J. A. M. — Não foi exatamente para lhe dizer isto, porém, para solicitar-lhe um conselho de amigo: acha que êle deve estudar engenharia?

MÉDICO — Não é de um conselho de amigo que o sr. necessita. O sr. não segue os conselhos dos amigos. O sr. deseja uma orientação profissional.

J. A. M. — Não é a mesma coisa? O doutor não me fala em solidariedade?

MÉDICO — O sr. abusa desta magna virtude e começa logo na madrugada da vida social de seu filho. Quando êle estiver ocupando um cargo no alto funcionalismo público (o que não tardará muito, dada a sua influência) encontrar-se-á na mesma repartição com mais alguns, dos quais só um trabalhará, enquanto os outros fumem, passeiem ou esperem com tédio a hora da saída. Aí, sim, a solidariedade funcionará. A solidariedade nacional valerá sôbre todos, como Providência infalível. Terão, o seu filho e os companheiros "bons-vivants" a promoção e a aposentadoria, com a mesma pensão e as mesmas regalias, porque os seus sucessivos chefes, não falharão uma única vez ás leis da boa camaradagem que mandam roubar desapiedadamente aquêles que trabalham, em benefício dos que vadiam.

J. A. M. — Puxa! uma cat'linária!

MÉDICO — Quando o brasileiro aprender a verdadeira solidariedade — a que é feita de abnegação, de brio, de atividade, de iniciativa, de previdência, de bom senso e de inteligente compreensão dos interêsses comuns — começaremos a ser, de fato, uma Nação.

J. A. M. — E o sr. não foi eleito... (irônico).

MÉDICO — Vencido pela solidariedade à sua moda. Dispondo, todavia, da tribuna de "A Noite", Repimpado nesta tribuna poderei falar aos que me quiserem escutar. Aconselho como educador; curo como médico.

J. A. M. — Mas o senhor vive, também, a vida de muitas famílias...

MÉDICO — A minha especialidade proporciona-me a percepção da estrutura da vida de família e me possibilita observar conflitos, que a uma grande parte de médicos ficam ocultos, e descobrir conexões, que apenas se revelam a outros.

J. A. M. — Em sua franqueza o senhor não percebe que procuro dar ao meu filho o que não consegui para mim?

MÉDICO — O ato mau traz consigo a maldição de persistir gerando males.

J. A. M. — Acha, então que só os homens felizes têm direito de trazer novos sêres ao mundo...

MÉDICO — Se esta regra fôsse observada em breve a humanidade chegaria ao extermínio. E' preciso que se esclareçam os espíritos, para que se avizinhem os povos e a massa do gênero humano caminhe sempre, ainda que a passos lentos, para uma maior perfeição; que buscamos a felicidade na virtude e na equidade das leis; na instrução e na religião dos povos.

COUPON

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Est. civil .... Profissão ....

Residência ....

A correspondência dirigida a esta seção deve ser endereçada ao Dr. Luiz Fraga, rua Senador Dantas, 76, 4.º andar.

CORREIO DA REVISTA

Araguari, 31 de março de 1952.

Sr. Diretor.

A reportagem do Sr. José Asmar expõe que a situação dos transportes no Brasil é deficiente e que antes de exigirmos braços para a lavoura é preciso saber se não é necessário primeiro aumentar os transportes. E' uma grande verdade, o problema de transportes no Brasil é seríssimo. Para que um indivíduo tenha noção da complexidade dos problemas de uma via-férrea é preciso que êle esteja integrado na vida da mesma. A Estrada de Ferro de Goiás sofre como quase tôdas as outras a carência de transporte. Quando assumi a direção desta Estrada, eu a encontrei completamente desorganizada; o tráfego em desordem e grandemente deficiente; os dormentes em estado precaríssimo, necessitando ser removidos. Trabalhando com afinco, comecei a observar animador progresso, como V. S. bem pode ver pelo quadro comparativo que lhe envio abaixo, conforme declara o próprio Sr. José Asmar na sua reportagem.

Em 1950 em toneladas a Estrada perfez um total de 233.506.694 T., em toneladas kns. um total de 58.234.567.304 T.; já em 1951 tivemos a sugestiva diferença: em toneladas: 16.147.666 e em toneladas kns. 4.092.042.499, podendo constatar uma diferença em toneladas de mais de 13,26% e em toneladas kns. para mais de 19,07% o que vem provar que o resultado que venho obtendo é bastante construtivo e não como o afirmam os derrotistas e desnutridos da política do ideal. Na época em que tomei posse da Diretoria da "Goiás", havia na cidade de Anápolis um congestionamento de um milhão de sacas de cereais, no período atual há menos de 500 mil sacas de arroz, a maioria, com casca e pertencente ao Banco do Brasil. Com a entrada em tráfego regular das novas máquinas que chegaram da terra de França, posso assegurar, caso não haja nenhuma ocorrência inesperada, que no prazo de uns 40 dias o transporte de tôda a safra restante será providenciado. Se tal ocorrência ainda não se verificou é porque as novas máquinas ainda têm de sofrer uma adaptação a linha; outros fatos que têm atrapalhado bastante, são as inundações provocadas pelas chuvas. Até o mês de maio, espero estar tudo resolvido.

Quanto ao ponto em que o Sr. José Asmar se refere ao meu incidente com o jornalista, posso afirmar que se de tal maneira procedi foi por se tratar de uma ofensa à minha dignidade pessoal. Estarei pronto para agir de igual maneira em idênticas situações.

Quanto às críticas, estou pronto para recebê-las, contanto que sejam sinceras e verdadeiras. Se o jornalista tivesse procedido de outra maneira, a exemplo do Sr. José Asmar que na revista de V. S. fêz esta reportagem, não teria agido como agi. Críticas como estas não me sentirei constrangido em recebê-las.

No que concerne ao telegrama do Sr. Abel Carneiro, Presidente da Associação Comercial de Anápolis, pouca atenção lhe dispenso por se tratar de uma atitude ùnicamente de interêsse próprio. O Sr. Abel Carneiro acostumado ao favoritismo que havia lugar na política de transporte da cidade de Anápolis, só poderia agir de tal maneira, porque na minha Administração foram supressos os maus costumes de proteger a quem quer que seja.

Aproveito a ocasião para colocar à disposição de V. S. caso lhe convenha tôdas as dependências desta Estrada para a verificação da realidade das minhas afirmações; V. S. pode até mesmo se achar interessante mandar fazer completa reportagem desta via-férrea.

Aguardando a publicação que fizer desta, apresento meus antecipados agradecimentos, enquanto aqui estarei sempre lutando pelo soerguimento cada vez maior da Estrada de Ferro de Goiás e pela grandeza do Brasil.

Cap. Mauro Borges Teixeira — Diretor.

OS REGENERADOS . . .

(Cont. da pág. 41)

exemplo da publicação dos nossos panfletos, fazemos uma reunião e cada um concorre espontâneamente com determinada importância.

Nesse ponto, o representante da A.A. carioca faz uma pausa, para saudar alguns amigos que atravessam o corredor. Percebe-se fàcilmente a influência que o nosso entrevistado exerce entre os colegas de trabalho. Homem simpático, compreensivo, tem sempre um sorriso amável para todos.

E prossegue:

— Entenderam? Vivemos exclusivamente dos nossos rendimentos. Quem dá, em geral espera alguma coisa em troca. Se nós aceitarmos a contribuição de estranhos, lògicamente ficaremos com uma dívida, com a obrigação forçada de trabalhar. E isso de maneira nenhuma nós queremos. Somos livres nosso modo de ajudar ao próximo. Cá entre nós não deve haver hipocrisia. Só aceitamos os que são sinceros, os que pensam como nós com lealdade e fé. Sobretudo a fé que é imprescindível na nossa reabilitação. E o dinheiro, a contribuição forçada, sugere ambição, interêsse monetário, vaidade, e não desprendimento e amor sincero à causa. Em síntese: somos culpados por ter adquirido um dia a tão discutida doença. Livre dela, saldamos a nossa dívida de gratidão auxiliando outros alcoólicos a se refazerem. Assim fazendo, mantemos a nossa própria sobriedade e nos redimimos perante Deus.

MARCADOS PELO VÍCIO

— Não basta que estejamos curados, fora de perigo. E. preciso fiscalização mútua, um esfôrço permanente para não mais beber. O alcoólico, pois preferimos nos chamar de alcoólico do que alcoólatra, tem que fugir da bebida. Para seu bem, para conservação de sua própria saúde, o alcoólico consciente nunca mais poderá beber, sob pena de morrer desgraçado pelo uso súbito da bebida. Há necessidade, portanto, de constante vigilância. Cada um de nós é um vigilante atento. Nosso contato é permanente, quase diário. Somos marcados pelo vício e poderemos voltar a beber a qualquer momento.

ALMAS CRESTADAS PELO FOGO DA CACHAÇ

— Para estarmos constantemente em contato fazemos passeios, piqueniques, diversões as mais variadas. Isso, juntamente com os processos científicos usados por nós, é um dos pontos altos do nosso programa para aquêles, como nós, que necessitam de ser curados, encontrando novamente a felicidade de viver. Mas, para as almas fulminadas pelo demônio do fogo alcoólico, que se iniciam conosco, empregamos a sugestão, a psicologia, e os mais modernos métodos científicos. Se a doença está em estado adiantada, dominando por completo a sua vítima, então temos que usar rigorosidade no tratamento. Empregam-se injeções, banhos especiais, massagens e diversões. Êste é um dos processos de cura usado na A.A.

COLABORADOR ESPONTANEO

Estávamos satisfeitos. O assunto fôra abordado com suficiência de detalhes. Havia um ponto, entretanto, que precisara de certo esclarecimento. Sabíamos que o dr. Paulo Roberto, da Rádio Nacional, tem emprestado o seu mais decisivo apoio ao movimento empreendido pelos ex-bêbedos do Brasil, fazendo apelos e comentários em tôrno de tão útil iniciativa.

— Qual o papel de Paulo Roberto dentro da agremiação? Atua como médico ou é colaborador sem nenhuma responsabilidade?

— Dr. Paulo Roberto não tem nenhuma responsabilidade conosco. O que êle faz nos seus programas é espontâneo e desinteressado. Nenhum compromisso de ordem material ou científico o prende a nós.

O CATECISMO DOS BÊBEDOS

Finalizando, o «alcoólico» Harold Waddel nos ofereceu o seu «catecismo» particular, utilizado por aquêles que se iniciam, determinando uma segunda-feira para devolução do mesmo, com um almôço na Rodoviário da praça Mauá. O manual, que contém «os doze passos» e um teste sôbre o alcoolismo, é uma fonte de inspiração e fé, no «programa de reerguimento». Para os A.A. não existe preferência por essa ou aquela religião, como também não emite «opinião sôbre assunto controverso, nem está contra quem quer que seja».

E concluiu, abraçando-nos e sorrindo:

— Concentre-se nisso: a «Alcoólicos Anônimos» só tem uma única finalidade: auxiliar o doente de alcoolismo a sarar, se êle o quiser. Depende dêle exclusivamente, de sua crença, de sua lealdade para conosco. Só a fé, a crença num poder mais alto, poderá operar milagres. Você é católico, eu sou protestante, mas isso não impede que acreditemos num ser superior. Segunda-feira, na Rodoviária, estarei à espera para o almôço. Não deixem de comparecer.

Tudo combinado. Um abraço, um sorriso e até depois. Estava concluída a reportagem com o «papa» das agremiações secretas dos A.A., no Distrito Federal.

OS ALCOÓLICOS TAMBÉM PINTAM

O repórter, a título de curiosidade, fêz algumas reproduções, certamente imperfeitas, de alguns desenhos executados por artistas na fase aguda da doença. São grotescos, refletindo as conseqüências terríveis do álcool, mas que têm muito da chamada escola modernista, dos Portinari, Di Cavalcanti e outros baluartes da pintura.

A VAIDADE

COMUNICAÇÃO DOUTRINÁRIA DADA EM SESSÃO PÚBLICA DO CENTRO ESPÍRITA REDENTOR EM JUNHO DE 1951

A vaidade, se não existisse, seria um bem para a humanidade. Não nos referimos à vaidade feminina provinda de adornos e de enfeites; referimo-nos àquela vaidade perniciosa que se fixa no espírito, de tal forma, que o torna orgulhoso e prepotente. O vaidoso só enxerga em si qualidades, julga-se inteligente, só êle sabe, só êle entende, só êle produz e, completamente dominado pela vaidade, não admite nem aceita observação nem conselhos de ninguém. Infelizmente, tem sido a vaidade que tem concorrido para muitas infelicidades no mundo, infelicidades nas famílias, trazendo a desarmonia e o desentendimento, infelicidades nas sociedades comerciais, nas indústrias, em tudo, enfim, onde existam homens e mulheres em pequeno ou grande número, uns porque não querem ser observados, porque se julgam competentes para tudo, outros porque não admitem conselhos e não admitem e nem concebem que os outros possuem mais inteligência do que êles

Nas altas camadas sociais, e também entre o povo inculto, a vaidade prolifera. Não são só aquêles que possuem instrução, mentalidade e dinheiro que são vaidosos, há também quem não possua nada disso e tem a vaidade, a importância do ser mais do que o seu companheiro, de ser mais do que a sua companheira. E' a vaidade o maior mal da humanidade, porque ela não deixa que a criatura reconheça a sua ignorância, não deixa que ela se enxergue, não deixa que ela se corrija, alije de si os vícios, porque não os reconhece, não os pode corrigir.

Se todos fôssem comedidos e sensatos, não se julgariam nenhuns portentos, nenhumas inteligências, nenhuma perfeições. Seriam todos bons, porque seriam compreensíveis, seriam mais tolerantes, seriam enfim, criaturas mais humanas na forma e no fundo. Mesmo entre aquêles que frequentam as nossas Casas com assiduidade há os que se deixam levar pela vaidade; não devendo, não, podendo ter êsse defeito, porque quem conhece esta Doutrina, quem está senhor dos seus Princípios, não pode ser vaidoso, não pode se julgar mais importante do que os outros, nem tão pouco um ser perfeito.

Todos devem procurar aproximar-se da perfeição, mas para a tal chegar, é preciso que reconheçam que não são nenhumas perfeições, e assim, tornarem-se tolerantes, acessíveis, compreensíveis e humanos.

Muito temos falado sôbre êste ponto e muito ainda falaremos, porque a humanidade não quer esclarecer-se e ser modesta. Enquanto ela não se despojar dessa capa pesada da vaidade, ela não pode, absolutamente, corrigir-se, nem esclarecer-se.

Saibam ser almas superiores no sentir e no agir, saibam compreender as coisas como as coisas são, não se entreguem à vaidade, não fiquem cegos e surdos pela vaidade, procurem examinar as suas consciências para poderem fazer justiças a si próprios, e o fazendo, irão reconhecendo muitas falhas, muitos erros e nunca se julgarão ser importantes, que tudo sabem, que de tudo entendem.

Esclareçam-se, portanto, e sejam mais moderados e mais modestos.

LUIZ DE MATTOS

A REVISTA HA 50 ANOS

1-6-1902

CRÔNICA

"Ainda há neste mundo gente desinteressada e boa", dizia-me, consolado, um cético do meu conhecimento referindo-se a José Moreno e Antônio Silveira, os dois açorianos salvadores dos sobreviventes da horrível catástrofe da "Vascaina". Há, sim, e que seria de nós se os não houvesse?! Anda a humanidade tão balda de sentimento e tão aferrada ao egoismo que se não surgissem, de quando em quando, êstes tipos morais superiores, mais valera que uma grande catástrofe varresse por uma vez da face da terra quem tanto envergonha a obra divina da Criação.

Mas é nos simples, nos humildes, nos rotos que tem de inspirar-se o escritor, para quem a nutrição dos elementos líricos do pensamento é uma condição de existência. E' aí, nessas almas primitivas e rudes que a suma bondade habita em uma perenal e triunfante florescência, sem regra e sem cultura, sem ensinamentos nem leis. Dir-se-ia que a civilização ganha na beleza das formas o que perde em expontânea sensibilidade e que cada uma das suas formosas mentiras ressaltam a maldade e a perfídia, como dos cálices das maravilhosas flores do Indostão ressalta a víbora negra, de mordedura fatal. Por que há de ser assim? Por que à afinação da linha, da côr e do confôrto não progredirá paralelamente o acêrvo das idéias morais? Por que à suma beleza não corresponderá à suma bondade? Porque havemos de simultâneamente ser iludidos pela formosura e pela fealdade: a primeira prometendo o que não dá, a segunda dando o que não promete?

Mistério atroz que nos traz a alma ansiada de dúvidas, de incertezas, de desconfortos, que desequilibra os cérebros e amolece as energias, que nos mata as iniciativas, que nos suprime o próprio desejo de viver. Em quem confiar? A quem amar? Se confiança e amor só se encontram nas classes separadas de nós pelo abismo profundo da educação?! Prestada socialmente a êsses dois heróis a homenagem a que há tempo haviam feito jús, êles recolherão à humildade da sua origem e à simplicidade do seu mistér, a sós com a pureza da sua consciência e a imensidade do mar, mas o seu exemplo ficará perdido para as classes cultas, para as que deveriam dar ao mundo a lição da probidade, do desinterêsse, do altruismo. Só se recebam os conselhos dos iguais e as leis da imitação só vigoram entre indivíduos do mesmo nascimento, fortuna ou estado social. Ora, na América muito mais do que na Europa os abastados e os intelectuais são profundamente abastados e os intelectuais são profundamente egoistas e estranhos ao nobre e fecundo princípio da solidariedade social. A luta pela vista reveste as formas mais inclementes e ferozes, desde a calúnia que enodoa até à perseguição sistemática que suprime. O amor, que em tôda a parte conjuga almas e ideais, tem um cunho sexual que o torna infecundo como fator idealista eminente e é por tudo isto que o ato de bravura dos dois ilhéus não exercerá no progresso dos costumes a menor parcela de influência.

JACQUES BONHOMME

IGREJA DE SAO GONÇALO GARCIA E SAO JORGE

No "atelier" do sr. Estevão Arrauz Alcalde, artista encarnador de imagens, acham-se expostas as imagens do Senhor morto e Senhor Bom Jesus da Misericórdia, esta de tamanho natural e aquela em ponto menor, a belíssima imagem de Nossa Senhora das Dores e Sto. Antônio dos Pobres, as bonitas imagens de S. Jorge, a de S. Gonçalo Garcia, notando-se nesta o estôfo a ouro fôsco e brunido; a de S. Amaro, a pequena e bonita imagem de S. Sebastião e a do Divino Espírito Santo e Menino Deus. Tôdas essas imagens são destinadas à igreja de S. Gonçalo Garcia e S. Jorge, da qual é zelador o sr. Augusto Mariano da Silva. Tôdas elas são de fino lavor, revelando os trabalhos de encarnação feitos pelo sr. Estevão Alcalde vasta aptidão e muito estudo.

CORTINA DE RÔLHAS

Um par de cortinas bem pouco banal é o que existe num dos melhores clubes de Berlim, e que é certamente o único no seu gênero. Essas cortinas são feitas de alguns centenares de rôlhas de garrafas de champanha, de tôdas as marcas conhecidas. Tôdas essas rôlhas, envolvidas nas respectivas capsulas de papel dourado, estão dispostas em fieiras de sessenta, separadas umas das outras por três grandes turquezas da China, o que aumenta consideràvelmente o seu valor. Cada uma das cortinas é avaliada em 25.000 francos

OS TEATROS

O teatro vive principalmente da ação. Sem ela, não há peça teatral possivel, a não ser que circunstâncias ocasionais e estranhas à estética peculiar a êste ramo literário determinem um sucesso que só iludirá os ingênuos ou os inexperientes. Dai deriva o frio acolhimento dispensado pelo nosso público ao libreto escrito pelo sr. Gomes Cardim para a ópera cômica" Um caso colonial", cuja música, inspiração do sr. Carlos de Campos, é um encanto de graça e propriedade.

E' o Sr. Gomes Cardim um escritor de talento com aptidões para o teatro reveladas em mais de um trabalho representado e aplaudido. O Sr. Carlos Campos, porém, era um compositor ignorado da grande maioria do público e da critica. Ambos encontraram na imprensa desta terra, antes da primeira representação do seu trabalho, o mais gentil acolhimento. Só desejávamos bem aos dois autores nacionais e isso se compreende fàcilmente, acompanhando a propaganda tenaz que em favor do teatro nacinal fazem, há muitos meses, alguns entusiastas da literatura dramática. Na primaira representação do "Caso Colonial" o teatro Lucinda regorgitava de espectadores, vendo-se "au grand complet", os redatores e folhetinistas da especialidade. No fim do segundo ato a queda da peça era iminente, salvando-se a bela, a inspirada música do Sr. Carlos de Campos. E por que caiu? Por que o libreto fôsse literariamente uma obra inferior? Não; porque não fôra teatralmente tratado. Suprimam a música do "Caso Colonial"; representem-no como drama ou comédia; da mesma forma sucunbirá; lida, seria um passatempo agradável; representada, posta em cena à luz da rampa, nenhum espectador resistirá à puerilidade do entrecho e ao arrastado do diálogo.

Mas ao que o "Caso Colonial" por forma alguma se presta é a indole e moldes da opereta e desde já vamos pondo à margem a designação de "ópera cômica", imprópria e inaplicável ao caso. A opereta e a pedagogia são duas noções que se destróem, por incompatíveis e repugnantes. Da história, a opereta poderá, quando muito, aproveitar a lenda ou a parte anedótica; nunca o elemento doutrinário ou documental. Quem ousar fazer o contrário tem de contar com o enfado, o aborrecimento, o tédio e êstes inimigos são, no teatro, irreconciliáveis e invencíveis.

O "Caso Colonial" teve, contudo a vantagem de revelar-nos um musicista de incontestável merecimento, o Sr. Carlos de Campos. E tanto basta para darmos por bem empregados o nosso tempo e atenção.

Outra "première" temos a relatar, a essa deveras auspiciosa. No Recreio Dramático, "O mais feliz dos três", uma das comédias famosas de Labiche, alcançou franco sucesso, mantendo o público em constante hilaridade e fazendo-o aplaudir, com prazer sincero, todos os intérpretes.

Ferreira de Souza, Grijó, Olimpio, Alfredo Silva, Lucília Peres, Maria Piedade, M. Layrot e Pepa Delgado deram aos três atos da comédia uma interpretação muito igual, mantendo com discreção e consciência artistica as honrosas traduções do "Quo Vadis?" e de "A Honra".

A versão, do Sr. Carlos Santos, é correta; no primeiro ato causou belissimo efeito um gabinete novo no cenógrafo português Eduardo Reis e a "mise-en-scéne", de Eduardo Vitorino, é mais uma confirmação do talento e do esfôrço do diretor de cena no Recreio Dramático.

Farfalla

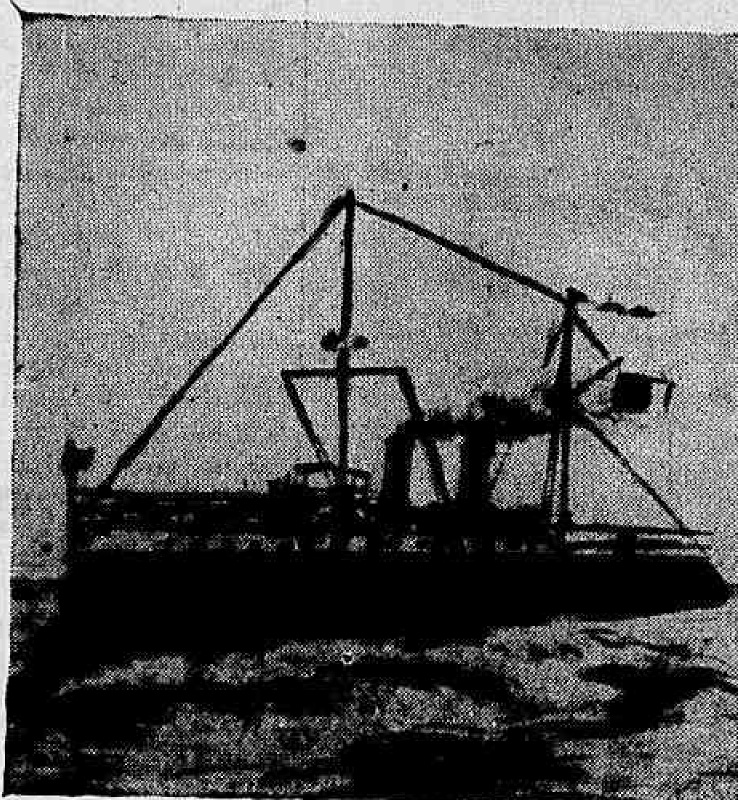
ANEDOTAS

— De onde vens?
— De apontar ao rei.
— Um regicidio!
— Não, homem; apontei ao rei... de paus.

— x —

— Quando fores grande, meu filho, o que queres tu ser?
— Quero fazer almanaques.
— Para que?
— Para pôr três domingos em cada semana.

A CANHONEIRA "PATRIA"



A fotografia à esquerda nos apresenta um curioso barco da época. A canhoneira "Patria", oferecida a Portugal por beneméritos patriótas residentes no Brasil. Como se pode observar a velha nau traz os traços caracteristicos daqueles tempos em que os navios não tinham a beleza e a galhardia dos nossos atuais transatlânticos. Esta interessante foto foi publicada, no domingo, 1 de junho de 1907.

Tudo isto



A MULHER DE FRANKENSTEIN, eis o que parece ser esta senhora de cara estranha e monstruosa. Que houve com ela? Alguma intervenção cirúrgica errada? Teria nascido assim? Nada disso. Apenas uma espécie de "jôgo" para impressionar as pessoas mais sensivéis. Esta senhora mora nos Estados Unidos, e, por um capricho muito feminino, achou que deveria usar meias nylon às avessas, isto é, metendo-as pela cabeça. E o resultado é êste. O tecido adere ao rosto, comprime nariz, bôca, olhos, cabelos, e eis um lindo rosto convertido em um monstro. Se não acreditam, experimentem.



A vida em Marte



Os sábios, cientistas e astrônomos não descansam. Uns vivem debruçados sôbre microscópios a examinar as vísceras de micróbios, para ver se otêm resultados para a defesa da vida humana destruídas por êsses microrganismos bastante funestos; outros, ao contrário, não se interessam pelo infinitamente pequeno, e se lançam para o espaço infinito, a pesquisar os mundos que rolam aí pelos ares sem fim. Há telescópios de um poder assombroso, capazes de trazer a lua para bem pertinho de nossos olhos. Mas os astrônomos não se interessam muito por êsse nosso satélite. Êles continuam ocupados em descobrir coisas em outros corpos celestes mais distantes. Marte, por exemplo, é constantemente visado pelo ôlho dos astrônomos. Dizem, de há muito, que Marte deve ser habitado. Sua atmosfera, sua temperatura, as condições gerais do seu meio físico são muito semelhantes a tudo o que há na Terra em que vivemos. Logo, a vida em Marte é muito possível. Mas, vida vegetal, ou também animal? E' isso que tortura o espírito dos cientistas. Para as regiões da Ásia Central, em Tashkent, foi enviada uma grande comissão de astrônomos, a fim de verificar o que se está pasando lá, isto é, em Marte. A época é muito favorável a observações, e os cientistas chegaram à conclusão de que reina no planêta a primavera e viram pontos verdes, sinal de vegetação.



O dia do farmacêutico

O nosso calendário contém homenagens a muitas classes que se dedicam ao nosso progresso. Há dias do empregado no comércio, o dia dos marítimos, o dia do professor, etc., tudo muito honestamente escolhido e com as respectivas praxes de festejos mais que justos. Como não podia deixar de suceder, há também o Dia do Farmacêutico, muito bem festejado pela numerosa e laboriosa classe em todo o país. Quem foi o fundador dêsse dia? Lemos na Revista Farmacêutica de Cuba, de fevereiro dêste ano, que o "Dia do Faramacêuttico" fôra criação de Cassio M. Senra, do Rio de Janeiro. Mas, até que fique bem esclarecido o assunto, sempre se disse que o fundador do "Dia do Faramcêutico", a 20 de janeiro de 1940, fôra o farmacêutico Otto Granado. Ora, estamos diante de um fato de ontem e que não pode ser contestado, nem adulterado, criando-se uma dúvida sôbre um assunto de interêsse geral de numerosa classe. Amanhã, quando se comemorar o evento, teremos oradores falando sôbre o Sr. Cassio, tido no estrangeiro como o fundador do Dia do Farmacêutico, enquanto outros alegam ter sido o Sr Granado. E' necessário que se esclareça o caso antes de ser tarde demais para os cronistas da História da Farmácia no Brasil, cada vez mais pujante e cheia de serviços ao país.



Nos sonha canta deuse godão siona um a tança e vi Coun res d nação "Nati tenas dispu tória Patric Jeann que com viage guido visita Mont sua ções ceses de s fazen prest ce p vida facili civili se u outro

Per

Aconteceu

Rainha do Algodão

Nos Estados Unidos as moças não sonham apenas com seu "Príncipe Encantado". Vivem fazendo preces a seus deuses para ser eleitas "Rainhas do Algodão". Nada mais atraente e impressionante do que chegar a empunhar, por um ano, o cetro desse Reinado. A festança com todo o seu cortejo de prêmios e viagens cabe ao "National Cotton Council", organismo que reune produtores de algodão de 18 Estados daquela nação. Anualmente, sob o patrocínio do "National", é eleita uma Rainha. Centenas de candidatas se inscrevem e disputam a coroa. Êste ano coube a vitória a uma lindíssima senhorita, miss Patricia Mullarkey, sucessora de miss Jeannine Holland. Patricia, logo depois que recebeu a coroa e foi homenageada com festas e banquetes, empreendeu sua viagem pela Europa, devendo, em seguida, vir aos países da América do Sul, visitando Lima, Buenos Aires, Santiago, Montevidéo, Rio e São Paulo. Durante sua excursão e recepções só vestirá criações de costureiros americanos e franceses, tudo feito com algodão. Nada de seda, de veludos ou qualquer outra fazenda. A Rainha do Algodão tem que prestigiar a fibra que lhe deu tanta chance para conhecer o mundo e gozar a vida dentro de um ano. E com essa facilidade e prestígio por tantos países civilizados não será nenhum fenômeno, se uma dessas soberanas fundar um outro Reino. O Reino do Amor.





Perdeu Dez Mil Cruzeiros



Como todos sabemos, acaba de verificar-se em cidades do Triângulo Mineiro, séria ocorrência degenerando em "quebra-quebra" de casas e repartições públicas. Segundo disseram, o caso teve origem nos excessivos tributos a que estavam obrigados os vendedores de verduras, ovos e aves, que pagavam impostos absurdos para entrar nos domínios municipais de algumas cidades da zona. Indignado com essas notícias, o Secretário das Finanças do Estado de Minas Gerais veio a público e contestou que isso fosse exato. Nem os ovos, nem os repolhos, nem os tomates, nem os frangos, nada disso pagava qualquer imposto. Que apresentassem a prova provada do alegado, um talão sequer, e êle pagaria 10 mil cruzeiros por essa prova. O assunto interessou a alguns congressistas estaduais, e o deputado Oscar Correia, depois de documentar-se com todos os efes e erres, foi à tribuna da Câmara e discursou sôbre os tristes episódios de Uberaba. No final do seu discurso exibiu a prova contra a Secretaria de Finanças: o talão n. 843.590, referente ao recolhimento de quinze cruzeiros por sete franguinhos, a que o fisco deu o valor total de 228 cruzeiros. O legislador solicitou ao titular das Finanças mineiras, que pague o prometido, mas enviando os dez pacotes para o Sanatório Marques Lisboa de Belo Horizonte. Já teria pago?



UMA ATRIZ NEGRA invade a Europa. Lena Horne, de 35 anos de idade, nascida no bairro negro de Nova York, cansada de ganhar muito dinheiro em sua pátria, empreendeu uma excursão pelos mais adiantados países da Europa. Filha de mediocre artista do Harlem, estreou sua venturosa careira artística cantando na orquestra de Charlie Barnet e hoje é uma das que mais ganham nos Estados Unidos. Visitará, primeiramente, Paris, seguindo depois para outras capitais. Cantará em Tel Aviv, e, de volta, estará no teatro de Londres. Com sua arte e sua simpatia, tudo obterá.

•



UM PORCO COMO SIMBOLO é o cartaz do Senhor Henry Krajewski, candidato às eleições presidenciais no próximo pleito para a Casa Branca dos Estados Unidos. Mr. Krajewski, residente em Nova Jersey, onde possui fábricas e fazendas, acha que deve ser eleito, pois acaba de fundar o "Partido do Homem da Estrada". Escolheu um porco, pelo fato de os outros dois grandes partidos terem como simbolos um asno e um elefante. Não queremos contrariar o novo competidor de Eisenhower; mas seu desfile de propaganda pela Broadway vai dar em porcaria...

RÁDIO

O MELHOR JUIZ

Em várias oportunidade temos afirmado que o público é o soberano juiz dos programas radiofônicos e, a respeito, vale mencionar um importante inquérito realizado pela BBC de Londres, na base do qual se encaminham os programas dentro do critério popular. Passamos por alto, no referente às perguntas, que foram feitas em número de dezesseis, a cada pessoa. Dêste modo, na Inglaterra, centenas de milhares de ouvintes responderam "sim" ou "não" sôbre as suas preferências pessoais, em cada um dos dezesseis gêneros classificados. Tomando os dois extremos do resultado, nos programas de variedades disseram "sim" 73 por cento dos consultados e "não" 27 por cento; na música de câmara, estiveram a favor 15 por cento e contra 85 por cento. Um inquérito tão simples não seria difícil de ser realizado no Brasil. Provàvelmente nosso público não poderia responder às perguntas de forma tão rápida e definitiva, pois ainda não se encontra devidamente familiarizado com as investigações sociais, mas, com boa vontade, poderíamos fazer-lhe um número determinado de indagações, que poderiam ser tantas ou não quanto as de Londres. Porque auscultar a opinião do público é a melhor maneira de saber o que o público deseja.

Poderão argumentar que o público precisa ser orientado e que não se pode confeccionar programas baseados nessa opinião; mas, se com isto quer dizer-se que essa opinião poderia resultar caprichosa, não poderá também ser caprichosa a de quem dirige uma estação de rádio? Além disso, com êsse inquérito público, pode-se conhecer pelo menos o desejo da massa consultada, produzindo-se as audições dentro dêste critério, o qual, por sua vez, pode variar com o tempo, por monotonia, queda ou falta de interêsse em determinado tipo de "broadcast" ou pelas naturais e constantes modificações no gôsto do público. O interessante é que, atendendo-se à preferência dos rádio-escutas, renasceria o entusiasmo por ouvir rádio, que diminuiu tanto nestes últimos tempos, consoante as estatísticas do IBOPE, graças ao baixo nível da maioria das audições dos prefixos guanabarinos.

Milton Salles

Entrevista relâmpago



— Onde nasceu?
— Em São José dos Campos, São Paulo.
— Quando?
— No dia 3 de dezembro de 1916.
— Que fazia antes de ingressar no rádio?
— Era escrevente de cartório.
— Quando se fêz novelista?
— Em 1943, na Rádio Atlântica de Santos.
— Já dirigiu alguma emissora?
— Até agora, três: a Rádio Atlântica de Santos, a Rádio Clube de São José dos Campos e a Rádio Mineira, de Belo Horizonte.
— Veio para o Rio em...
— ... 1948, a convite de Paulo de Grammont.
— Quando termina o seu contrato com a Tamoio?
— Em outubro dêste ano, se não me falha a memória.
— Vale a pena escrever para o rádio?
— Vale quando se é bem pago.
— Qual o seu nome?
— Aldo Madureira, para os ouvintes; Aldo Veríssimo Madureira, para os documentos.

● **LINDA VOLTOU**

Regressou da Europa, trazendo a bagagem cheia de vestidos para Dona Neném e Dircinha, a cantora Linda Batista. Apesar da estafante temporada, a criadora de "Vingança" trouxe uns quilos a mais...

● **MEIA VOLTA...**

Apesar de largamente anunciado, a Tupi não lançou "O milagre das invenções", programa de Caspary. Motivo: a emissora não quis pagar o preço pedido pelo produtor.

● **GONZAGA NAS "ASSOCIADAS"**

Após uma série de negociações que duraram meses, ficou resolvido o ingresso de Luiz Gonzaga nas "Associadas". O festejado sanfoneiro, ao que se sabe, receberá mil contos (ou um milhão de cruzeiros, como queiram), para se exibir nas emissoras "Associadas" de todo o Brasil.

● **TELEVISÃO D-8**

O Sr. Rubens Berardo, diretor geral da Emissora Continental, está envidando os maiores esforços no sentido de dotar a PRD-8 de moderna estação televisora. Nesse sentido, êle procurou adquirir por 50 milhões de cruzeiros todo o aparelhamento da Televisão Paulista. Entretanto, as negociações não chegaram a bom têrmo.

● **TONHO NA DIREÇÃO DA A-8**

Concretizando um velho sonho, que era o de dirigir uma grande emissora no Rio de Janeiro, Antônio Maria — o "Tonho" das rodas boêmias e dos amigos do peito — assumiu, há pouco, a direção da Rádio Mayrink Veiga. Irrequieto, dono de larga visão, êle sacudiu os alicerces da A-8, renovando-lhe completamente a programação e introduzindo novidades ao gôsto do público. Pena é que êle venha pedindo artistas emprestados à Rádio Nacional...

Concordei e, para minha surprêsa, tudo saiu bem. Era como se eu fôsse um regente de orquestra, ou uma dona de casa controlando uma grande festa. Fazia esta falar e calar aquela, sintonizava pensamentos e harmonizava idéias e quando, afinal, o meu grupo se levantou, como todos os demais, para ir tomar um café e comer uma fatia de bôlo numa outra sala, eu me sentia animada e leve, alegre e espirituosa, sedutora, capaz e inteligente.

De modo que quando Ian se aproximou e indagou «Que tal?» eu sorri para êle com espírito, capacidade e inteligência e lhe passei os meus apontamentos. Em lugar de examiná-los, êle os enfiou num bôlso de dentro do casaco e ficou olhando para mim. «Como vai para casa?» perguntou.

«Como vim, de táxi.» respondi. Seu rosto se iluminou e eu continuei, admirando intimamente a minha própria desenvoltura: «Quer chamar um para mim?»

«Para quê? Meu carro está aí fora.» declarou. «Eu mesmo a levarei.»

«Não, por favor. Fica muito longe, bem para o meio do lago.»

«E que tem isso? Olhe, vou dizer a Adelaide para se encontrar conosco na pizzaria, em meia hora.»

«Seria muito agradável, mas não posso. Tenho mesmo que ir para casa.»

Talvez meu tom não fôsse muito convincente. Pelo menos, êle sorriu e disse: «Fique esperando aqui. Não demoro.»

Em vez de ir logo procurar um táxi, sentei-me hesitante numa cadeira. Faria com que êle fôsse buscar o táxi assim que voltasse, pensei. E refleti que estava me comportando com nervosismo igual ao de uma solteirona em viagem de trem. O homem pretendia simplesmente me levar para casa. Um homem absolutamente respeitável, que falava freqüentemente com o prefeito e se entendia com procuradores e gente importante. Olhei para o relógio. Eram nove e meia. Em casa, Peter estaria sentado na poltrona verde e branca, lendo uma revista e se servindo da primeira metade da garrafa de cerveja que costumava beber tôdas as noites. Lá estaria êle, pensei, com os pés sôbre a mesa do café, lendo alto para o gato as piadas do jornal, de modo que depois eu não acharia mais graça nelas quando as fôsse ler.

Ian reapareceu. «Pronta?» perguntou. E eu, aborrecida com Peter por interferir na meditação do gato, segura de mim mesma em vista do meu sucesso como chefe de debates, excitada pela perspectiva de uma aventura, a primeira depois do meu baile de formatura dez anos antes, respondi: «Pronta.»

★

A pizzaria era uma sala cheia de mesas com toalhas quadriculadas em vermelho e branco, com velas metidas em garrafas vazias de Chianti. Sentamo-nos numa das mesas isoladas por paredes de tabique. O garçon acendeu a nossa vela e berrou para a cozinha o pedido de pizza que lhe fizemos. Ian me ofereceu um cigarro, tirou um para êle mesmo, acendeu ambos. E então se reclinou para trás e me fitou, dizendo: «Estou bem contente de que tenha mudado de idéia.»

Pensei em quatro ou cinco coisas para dizer, como «Também eu», ou «Obrigada». Mas não disse nada porque achei tudo muito sem espírito. E de súbito ocorreu-me que nos dez anos que me separavam do meu baile de formatura eu havia perdido o que costumava chamar de «minha classe». Sabia falar com leiteiros e os maridos de outras mulheres, com pediatras e gerentes de banco, e até com os rapazes do escritório de Peter. Mas que dizer a um homem com o qual eu pretendia tecer um episódio romântico no breve espaço de um jantar e um percurso de automóvel para casa? Achei que um sorriso dúbio seria a melhor resposta.

Depois falamos sôbre a Associação das Donas de Casa da Zona Oeste e as condições de vida em geral, sôbre a gente que freqüenta reuniões do gênero daquela a que havíamos comparecido, nas conseqüências de um plano coletivo para melhores habitações. Conversamos sôbre pizzas e vários molhos para macarrão e manifestamos o nosso mútuo desprêzo por saladas feitas em fôrmas. Quando acabamos de comer, êle se inclinou para a frente, passou de brincadeira um dedo no meu rosto e disse: «Onça, Marilisa. Por que não fica calminha? Ninguém a vai comer. Aposto que nem mesmo seu marido vai lhe dar uma surra quando chegar.»

«Que está dizendo? Estou calminha.»

«Não, não está. Está aí virando os anéis nos dedos e falando sem parar em tudo sem importância que lhe vem à cabeça.»

Só por orgulho e condenação convencional das atitudes bruscas deixei de me erguer e sair sem uma palavra. Meu desejo era voar, voar para perto

UM CASAMENTO

(Continuação do

de Peter, que me amava e me achava divertida. Todos os ecos da minha adolescência se fizeram ouvir: sente-se direito, menina, largue os enfeites. Depois, um longo desfilar de jovens mais ou menos espinhentos, que me haviam cortejado e dito adeus na mocidade veio-me à memória. Por que haveria eu, agora uma encantadora mulher de vinte e nove anos, com a vida feita, de submeter-me novamente a humilhação semelhante?

Mas logo o quadro mudou. Ian continuava:

«Marilisa, você é a primeira mulher realmente interessante que encontrei nos últimos dois anos. Mas não adianta. Está casada, e me parece que para sempre. No entanto, já a conheço e gosto de você. Promovo uma noite em que um par como nós pode conversar sôbre coisas que realmente tenham importância, e que faz você? Fica aí a discorrer sôbre generalidades, com a impressão de que eu talvez queira torná-la de um momento para outro uma mulher desonesta...»

Pela primeira vez na noite ri com naturalidade. Meu orgulho se refizera.

«Estive tão ridícula assim?» perguntei.

«Estêve deliciosa.» A mão dêle roçou na minha, por acaso. «Nunca lhe disseram que um homem e uma mulher podem ser bons amigos?»

«E' claro que podem.»

«Qual, não está bem certa. No seu meio é coisa que não acontece, não é? E' sempre uma coisa suspeita. Pois eu lhe afirmo que não há sentimento mais compensador que o da amizade entre homem e mulher em tôda a gama da experiência humana. Tem a objetividade que faz falta às relações matrimoniais. Uma profundidade e uma riqueza que não são possíveis entre pessoas do mesmo sexo.»

★

Fiquei encantada com sua eloqüência. E' uma das minhas fraquezas, deixar-me levar por palavras. Um orador de talento me convence de que a terra é chata ou de que Ernest Hemingway é apenas o nome literário de Harry Truman.

«Ian,» entreguei-me, «a falta de objetividade é o grande mal do casamento.»

«Justamente. Você acha que está farta de seu marido e Adelaide pensa que você anda apenas passageiramente caceteada. Ambas estão erradas. O caminho estreito que marido e mulher seguem é que lhes dá essa impressão de monotonia. E' preciso que tanto um como outro olhem um pouco para os lados.»

«Talvez. Mas não acha que um emprêgo de meio horário, ou uma ocupação qualquer fôsse igualmente um remédio, e menos perigoso do que simplesmente ficar olhando para os lados?»

«Menos perigoso? Certamente. Mas não pensei que o perigo da tentação a estivesse ameaçando.»

Calei-me para considerar a questão e pouco depois Ian disse:

«Vamos, é melhor não abusar da paciência de seu marido.»

«Esqueçemos Adelaide!» lembrei-me só então.

«Adelaide. Ora, ela estava acompanhada.»

★

No dia seguinte eram três horas quando recebi um belo apanhado de rosas. À hora do jantar, Tucker disse ao pai:

«Mamãe recebeu umas rosas e não quis dizer de quem.»

Entreguei simplesmente o cartão de Ian a Peter e perguntei:

«Acha que um homem e uma mulher podem realmente ser bons amigos e mais nada?»

«Meu bem, essa combinação, que eu saiba, nunca deu certo.»

O cartão pedia que eu marcasse um encontro e novamente indaguei de Peter:

«Que devo fazer?»

«Ou aceita ou não o encontro.»

«Isso não simplifica nada. Depois é que aumentarão as complicações.»

«Como?»

«Você bem sabe que o caso não é tão prêto ou branco como está pretendendo.»

Só aí é que me pareceu ver um novo ar de compreensão na fisionomia de Peter.

«Parece-me que entendo agora. Você não quer ser grosseira com o sujeito. Afinal, êle diz que quer apenas umas

AMERICANO

(Conclusão do número anterior)

informações inocentes sôbre os apontamentos que você tomou na reunião da Associação das Donas de Casa da Zona Oeste.»

«Ficaria com cara de boba se me negasse.»

«Pois então combine o encontro. O diabo é que amanhã também eu tenho que sair. Mas em vez de aceitar o convite dêle, você poderia chamá-lo para vir aqui em casa. Assim as crianças não ficariam sós.»

Na noite seguinte, Peter foi um amor. Trouxe um dos nossos toros de lenha mais bonitos do depósito para a lareira, arrumou sôbre a mesinha do café tão arranhada por seus pés a garrafa de «Scotch,» os copos e o gêlo antes de sair.

Ian chegou com uma pasta e uma garrafa de «Riesling» chileno. Tomei-lhe o casaco e o chapéu para guardar e achei que, embora êle soubesse muito bem que Peter não estava em casa, olhava um tanto preocupado em tôrno.

«Sente-se,» disse-lhe. «Que amável foi em trazer o vinho.»

Êle se sentou... na poltrona de Peter. Franzi inconscientemente as sobrancelhas. Não saberia dizer porque, mas aquilo não me pareceu direito.

Ouvi a porta do quarto de Jane se abrir.

«Desculpe,» disse, «vou ver o que é.»

«Mamãe,» pediu-me Jane com uma vozinha que desmentia a sua suposição, «acho que tem um leão no armário.»

«Não seja boba. Quer alguma coisa?»

«O homem é bom ou mau?»

«Bom. Agora durma e não me chame mais por causa de tolices.»

Descobri com satisfação que Ian abandonara a poltrona. Estava sentado no sofá.

«Explique-me o que significam êstes apontamentos.» Segurava as fôlhas das minhas notas.

Sentei-me na outra ponta do sofá e disse: «Em primeiro lugar, tôdas as mulheres lá queriam salas de jantar isoladas do living-room.»

Continuei a expor o que tinha ouvido. Ian por sua vez discorreu sôbre o seu plano para os pátios recreativos. Afinal me serviu um pouco de vinho e ao efetuar essa operação mudou-se para a almofada do centro, perto de mim.

★

Não estou bem certa de que tivesse motivos para me indignar tanto com o que se seguiu. Bastaria talvez uma certa mágua, ou quem sabe talvez uma ria mais natural que eu me desapontasse se o que aconteceu não houvesse sucedido. Os dois olhares fundos, o ombro encostado deveriam ser para facultar a profundidade e a riqueza que devem existir numa amizade entre homem e mulher.

Bebemos vários goles do vinho. Depois Ian largou o copo, tomou a minha mão esquerda entre as duas suas e murmurou: «Maravilhosa Marilisa.» E logo me beijou de surprêsa.

«Ian» gritei, assim que pude empurrá-lo. «Isso não se faz!»

A sala pareceia cair em cima de mim — com a poltrona de Peter, seus cachimbos, nossos discos, a mancha no tapête feita pelo suco de uvas que Tucker derramara.

«Por que não?»

«Ora!... Ora, até meus filhos estão dormindo ali ao lado, você não sabe disso?»

«Sei. E daí?»

«E daí?! E' indecente, apenas.»

Sentei-me no banco do piano e comecei a chorar. Êle se aproximou e tentou me abraçar. «Não,» protestei, «eu estava tão certa de que íamos ficar amigos e agora...» Assoei o nariz.

«Que nos impede de sermos amigos? Marilisa,» continuo com a mesma idéia da outra noite. Nada ficou diferente.»

«Então por que me beijou?»

Olhou-me admirado:

«Muito simplesmente porque tive vontade de beijar assim que a vi.»

«Ian, para mim amizade não é ficar sentada no sofá beijando um homem enquanto meu marido está fora de casa.»

Imagino que tenha sido uma maneira muito tola de expressar o meu sentimento. Ian permaneceu um momento imóvel, depois disse que lamentava, que talvez o ambiente não fôsse realmente o ideal, mencionou algo de vago para o futuro. Apertou-me a mão como se me consolasse, sorriu com grande compreensão e saiu.

★

«Terminou a conferência?» perguntou Peter entrando, quando eu mal tivera tempo de assoar uma segunda vez o nariz.

«Terminou,» respondi dèbilmente.

Êle tirou o casaco e o chapéu, atirando os dois sôbre uma das cadeiras da mesa de jantar. «Acho que esbarrei com o sujeito. Não era um alto?»

«Era,» solucei, atirando-me em seus braços.

«Que é que há, meu bem?»

«Oh, Peter, êle se fêz de engraçadinho. Bem aqui no sofá, com as crianças ali ao lado.» Olhei para ver a sua reação, mas em lugar da irritação que imaginara, vi-o sorrir.

«Peter, você está rindo?» indignei-me.

«Não, meu bem. Vá, alivie o seu coração. Conte tudo.»

«Querido, êle chegou a ter a coragem de se sentar na sua poltrona. Achei tão indecente... era como comer pipoca na igreja ou coisa parecida.»

Peter não pôde mais se controlar. Soltou uma gargalhada, ergueu-me num dos seus braços de rodopio e me beijou paternalmente na testa. E então eu tive uma intuição brusca. «Peter! Eu logo deveria ter desconfiado que você não é homem de arranjar a lareira com lenha especial nem deixar bebidas arrumadas sem alguma intenção.»

Mas não consegui ficar zangada. Pelo contrário, comoveu-me tanta sabedoria e eu também ri. «Peter! Peter! você chegou a ter medo de me perder?»

Êle parou de rir e me abraçou longamente. E depois, levou-me para a janela que abriu, deixando entrar um vento nada frio que enfunou as cortinas. A noite estava cheia de vento, e o vento estava cheio de terra, chuva, cheiro de fôlhas, promessa de grama nova e de sol. Era o vento da primavera que chegava, ao longo das praias de Michigan, para as grandes massas dos edifícios de cimento de Chicago. Nada de lilazes ainda, talvez, mas amanhã, milagrosamente, morangos e aspargos apareciam nas bancas das quitandas. «E' a primavera que vem aí,» murmurei.

«Até que enfim chegou novamente,» disse Peter. «Eu lhe disse que voltaria. Meu bem, quer me fazer um favor no mês de março do ano que vem? Quer se inscrever num clube de alguma coisa, ou fazer um curso qualquer?»

«Oh, Peter. Isto de agora nunca, nunca se repetirá. Jamais me sentirei como nesta última semana.»

«Sentir-se-á, sim. A vida é a vida, não é nada de romance côr-de-rosa. Por isso quero confiar em que, quando os maus dias retornem, você possa se interessar por tricot, ou cartas, mas não por nenhum tipo que lhe mande rosas.»

«Peter, você sabe que o amo.»

Êle me disse que retribuía o meu sentimento de todo o seu coração e então foi para a cozinha beber um copo de água.

Respostas ao teste

1—Rio Grande a Pôrto Alegre
2—120 mil réis (Cr$ 120 00)
3—Amandina Lúcia Aurora Dupin
4—Seis mil
5—1798
6—O Noé do dilúvio babilônico
7—Ao Japão (54 vols.)
8—Salomão (Provérbios)
9—Confúcio
10—Cegueira
11—Dez
12—O rapto de Helena
13—Mulher de Ulisses
14—O teatro
15—453, aproximadamente.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa.

MÚSICA

SANDOR E A O. S. B.

GRAÇAS a mais uma louvável iniciativa da Associação Brasileira de Concertos, nova oportunidade nos foi dada de ouvir o conhecido pianista Gyorgy Sandor, em concêrto extraordinário que contou com a colaboração da Orquestra Sinfônica Brasileira. Sandor que há pouco já se apresentará em duas outras audições como recitalista, voltou a fazê-lo desta vez porém, como solista, tendo a seu cargo a execução de dois **concertos**. Iniciando o programa, a orquestra sob a regência do Maestro Eleazar de Carvalho executou a conhecida "overture" de "Bodas de Fígaro" de Mozart, execução esta que embora esforçada pareceu-nos todavia um tanto rápida e talvez mesmo algo agressiva. Seguiu-se o "Concêrto N. 1" de Chopin. Ali, teve Sandor a oportunidade de mais uma vez confirmar a sua inegável técnica de virtuose, e embora em algumas passagens nos tenha dado uma execução revestida de certa preocupação e precipitação, deixando transparecer não encontrar-se nos seus melhores dias, chegando mesmo a algumas pequenas falhas de memória, conseguiu ainda assim oferecer um espetáculo à altura do seu prestígio. Ao iniciar-se a segunda parte fêz-se ouvir novamente a orquestra executando a "Suite" de Camargo Guarnieri, "Brasiliana", número êste que constituiu sem dúvida um dos melhores do programa em execução. Já aqui, demonstrando uma unidade mais coesa conseguiu a orquestra dar às diversas partes de que se compõe esta obra, um colorido mais vivo e adequadamente expressivo. Encerrando, Sandor deveria fazer-se ouvir no "Concêrto N. 3" de Rachmaninoff, o que no entanto não seu deu, em virtude de um atraso na remessa das respectivas partituras. Em substituição executou Sandor o "Concêrto N. 2" de Brahms que embora não possuindo a leveza e a aragem melódica da obra de Rachimaninoff, é sem dúvida uma peça de sólida estrutura, oferecendo ao executante muito maiores possibilidades, da qual Sandor soube tirar bastante partido, oferecendo uma execução mais segura e exibindo de forma brilhante os inesgotáveis recursos de uma apurada técnica, encerrando satisfatòriamente mais esta noite de arte a seu cargo — **Oswaldo da Cunha.**

● WITOLD MALCUZINSKI

APÓS o recital recentemente realizado em S. Paulo, sob os auspícios da Cultura Artística, voltará a exibir-se à platéia carioca o pianista Witald Malcuzinski, que se apresentará como solista da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho, apresentando os "Concertos" N. 2 de Brahms e em ré menor de Liszt.

HARALD KREUTZBERG



Entre as inúmeras atrações internacionais com que a Cultura Artística pretende brindar aos seus associados e ao público em geral, destaca-se, sem favor, o nome de Harold Kreutzberg. Êste excelente bailarino que há dois anos aqui estêve correspondeu plenamente às expectativas confirmando assim o que dêle têm dito a crítica internacional. Nascido na Tchecoslováquia, Kreutzberg é considerado, atualmente, como um digno sucessor do saudoso "Nijinsky, sendo por isso mesmo apontado como uma das figuras máximas do "ballet" moderno. Tendo já se exibido em quase todo o mundo, inclusive no longínquo Oriente, Kreutzberg tem colhido os louros da carreira que abraçou com todo o fervor.

PIANISTA GYORGY SANDOR



Gyorgy Sándor que terminou recentemente a sua tornée no Brasil, partiu para Caracas onde está contratado para uma série de recitais e um concêrto com orquestra. Sandor fêz-se aplaudir em inúmeras cidades brasileiras, desde Belém do Pará até Pôrto Alegre e Pelotas.

Antes de partir, visitou as Diretorias da "A.B.C." e da Pró Arte Brasil e manifestou a sua admiração pelo progresso musical em nossa terra, referindo-se também à simpatia e compreensão artística das platéias brasileiras. Tendo visitado a sede dos Cursos de Férias da Pró Arte em Terezópolis, Sandor, num gesto de simpática e generosa cooperação, ofereceu o cachet integral de seu último concêrto no Rio de Janeiro, para ser empregado em Bôlsas de Estudo, destinadas aos jovens alunos brasileiros. Gyorgy Sandor voltará aos Estados Unidos, onde fará a partir de outubro, uma longa tournée, seguindo depois para a Europa, a fim de cumprir numerosos contratos e em março de 1953 fará uma tornée na Índia.





Três flagrantes da primeira hora da manhã, feitos na praça da República, quando o povo procurava reverenciar a imagem de S. Jorge e cada um queria beijar as fitas milagrosas.

São Jorge

SANTO FORTE

SÃO JORGE disputa a palma da popularidade com São Sebastião, no Distrito Federal. O santo apresentado com o corpo crivado de flechas é o patrono da cidade do Rio de Janeiro, a cujo nome estêve o seu próprio ligado: a cidade, quando fundada, tomou o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro. Talvez não seja essa a única razão de sua popularidade entre os cariocas mas o certo é que sua devoção não é maior, entre os fiéis da diocese, porque São Jorge lhe disputa o prestígio no coração dos crentes.

As festas de São Jorge duram mais de um dia, tamanho é o alvoroço popular em tôrno da sua data. A praça da República, em cuja igreja existe uma grande estátua do Santo Guerreiro, fica intransitável desde a manhã de 22 de abril, quando tem início a romaria interminável. Filas extensas se substituem ao longo das calçadas, no correr do dia e nas primeiras horas da noite, porque todos querem beijar as fitas milagrosas que pendem da imagem reverenciada.

Como nas grandes festas da igreja, tudo toma um ar colorido e profundamente humano entre a multidão que aguarda pacientemente a sua vez. Doceiras de taboleiro e vendedores de refrescos, já hoje com a competição dos refrigerantes engarrafados, montam um comércio improvisado à beira dos gramados ou nas esquinas, servindo os que perdem longas horas de espera.

Em Quintino, onde se ergue a Matriz de São Jorge, as festas têm a mesma expressão popular e entusiástica, naturalmente em ponto menor. Os flagrantes que damos são indicativos do fervor que desperta o Santo Guerreiro.



A espaçosa nave era pequena para conter a multidão popular que penetrava na igreja. Ela se agitava como vagas de um mar e uma se sucedia à outra sem interrupção.



O Santo Guerreiro, mostrando com sua lança e capa, montando um corcel branco, é conduzido a braços, em procissão, na paróquia em que fica a Matriz de S. Jorge.



Poucos sabem que a Matriz de S. Jorge se ergue em Quintino, subúrbio da Central, e que as festas do santo possuem ali uma comovente expressão popular.



O detalhe revela a compunção com que os fiéis dirigem suas orações ao mártir, no dia de sua festa, 23 de Abril. Véu, têrço e livro de missa não faltam.



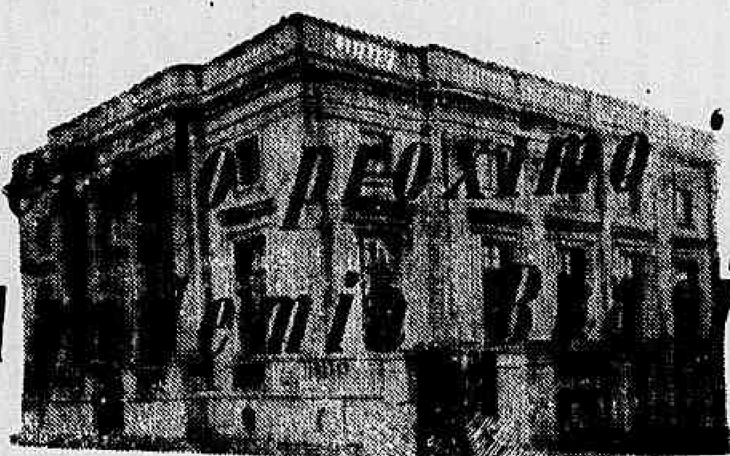




Senhoras, anciãs, meninas-moças, tôdas se comprimem no interior da pequena e simpática matriz, onde também figuram homens. Não falta a vela da promessa.

Por SINIMBU

Quem será o próximo "imortal" na Academia Brasileira?



UM SOCIÓLOGO?



Gilberto Freyre? O autor de «Casa Grande e Senzala», obra das mais importantes já escritas no país, é pernambucano, nascido em 1901. Possui hoje uma lista de autor respeitável e é uma das figuras marcantes do pensamento contemporâneo. Nestes 20 últimos anos tem sido assíduo também nas colunas da imprensa e na tribuna de conferências. Será o próximo «imortal»?

UM ROMANCISTA?



O autor de «O Tempo e o Vento», por exemplo? Érico Veríssimo, sul-riograndense, cuja produção literária soma mais de 100 mil exemplares, é o mais popular de nossos autôres de ficção. Tem hoje 47 anos e ultima a obra que se iniciou com os volumes «O Continente» e «O Retrato». Vive em Pôrto Alegre e pertence à direção da Livraria Editôra Globo. Será o próximo «imortal»?

UM POETA?



Jorge de Lima, alagoado de 1895? O autor não é apenas poeta, mas também prosador, pintor e escultor. Além disso, médico. Faz tudo; faz bem: Entrou também na política, seara alheia. Já saiu. Só falta entrar na Academia Brasileira. A poesia de inspiração cristã do autor de «Túnica Inconsútil» pode garantir-lhe uma poltrona entre os Quarenta. Será da próxima vez?

UM CRITICO?



Pernambucano da «geração do meio» (40 anos), Álvaro Lins adquiriu rápido e merecido relêvo na inteligência brasileira. E' o crítico literário do «Correio da Manhã», onde sua autoridade no Colégio de Pedro II. Será o continuador de Veríssimo e Romero na Academia?

UM MILITAR?



O General Inácio José Veríssimo assumiu expressão nas letras com «André Rebouças» e outras obras. A Academia Brasileira de Letras sempre teve uma alta patente militar acomodada num de seus «fauteuils». Será o General Veríssimo o continuador dessa tradição hoje interrompida?

REVISTA DA SEMANA

Redator-Chefe:
ALCEU MARINHO REGO

Redator-Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Diretor:
Gratuliano Brito

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do territorio nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente. 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

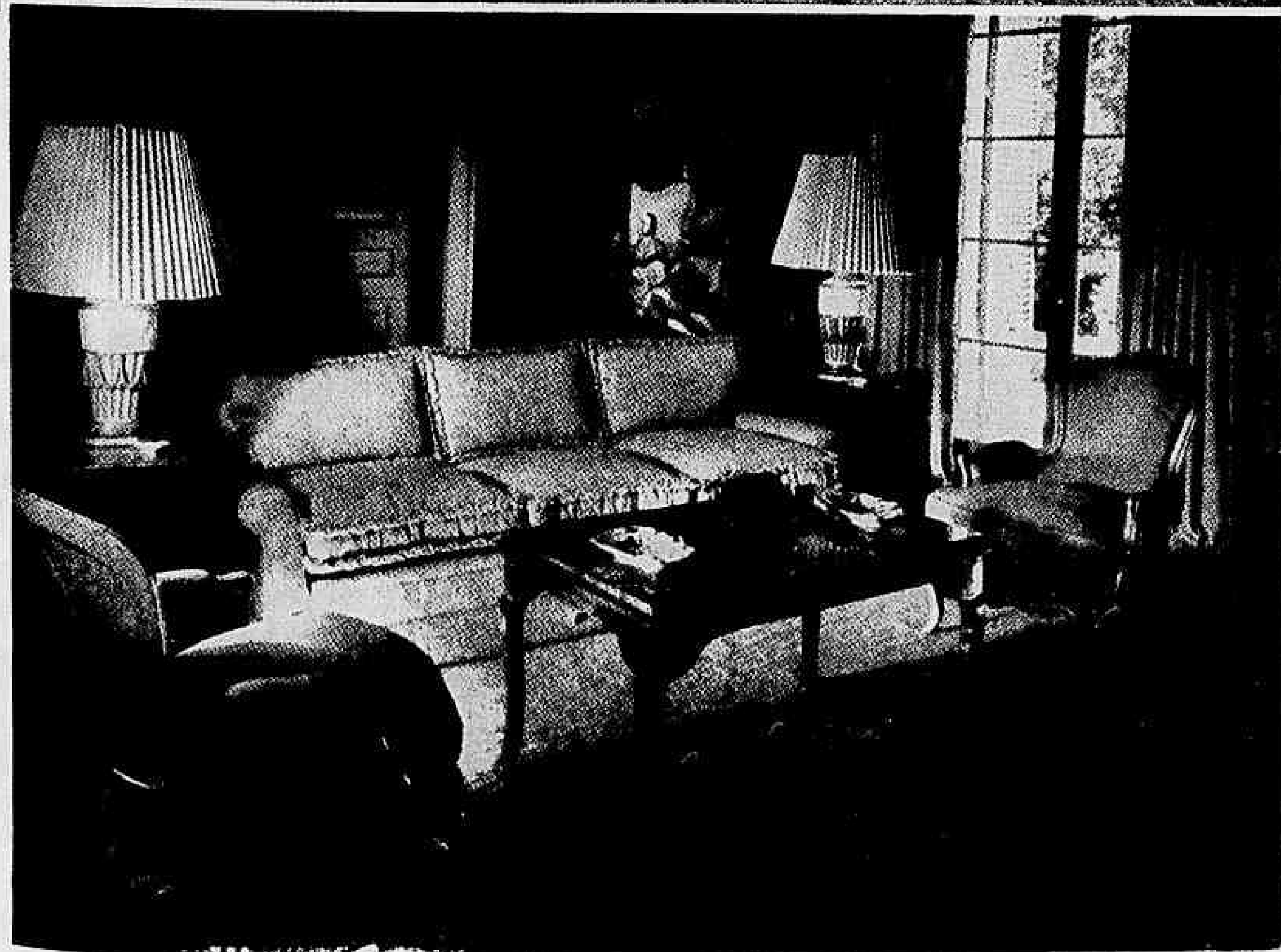
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria 22.5802 ★ Gerência: 22.8847 ★ Contabilidade: 22.2[illegible]

MÓVEIS E DECORAÇÕES







Tapetes feitos à mão

TAPETES e Passadeiras

de forração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

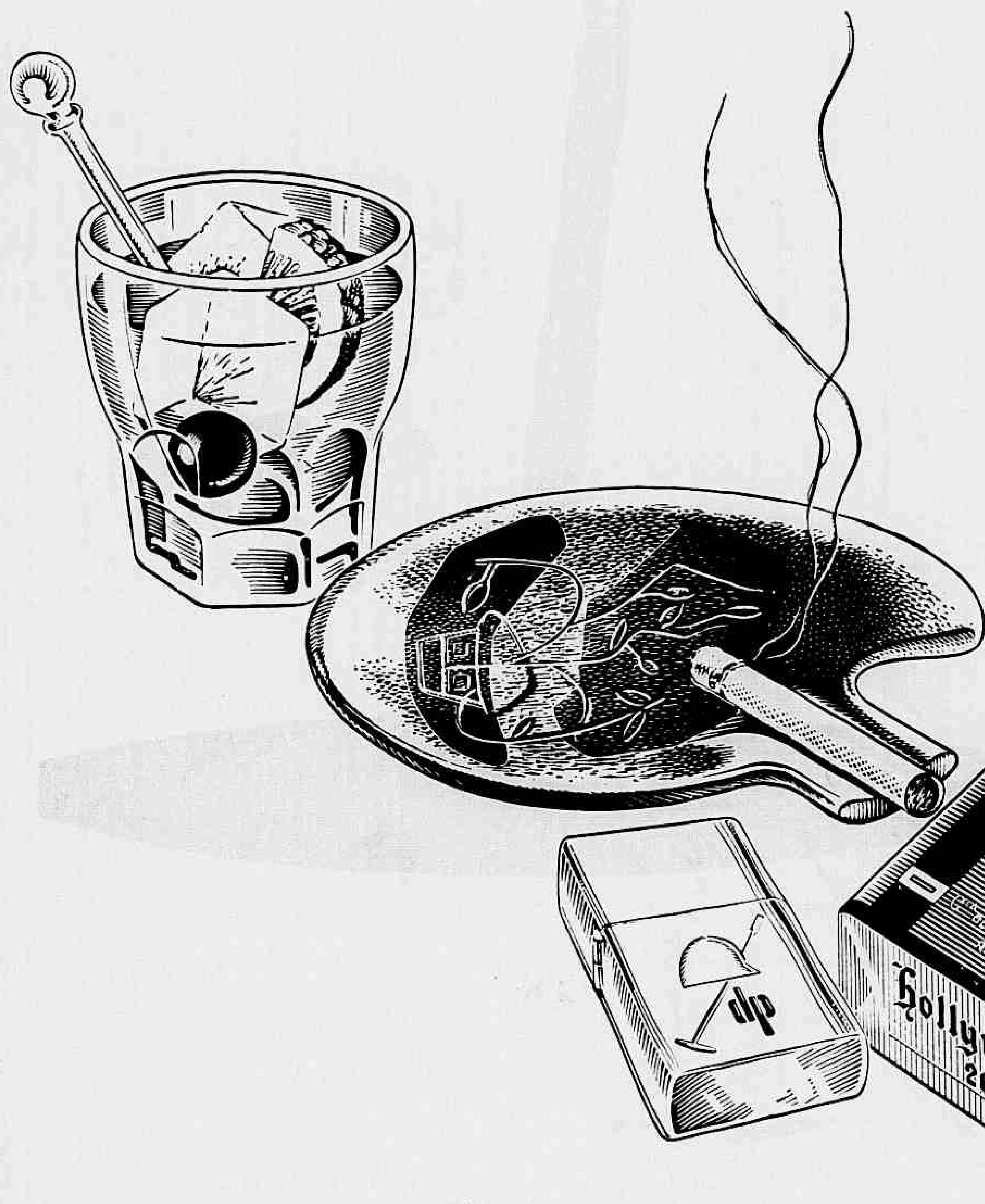


65, Rua da Carioca, 67 — Rio

eleito por você... preferido por milhares!



A consagração de que hoje goza Hollywood é resultado da preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência...



H-88.145

cigarros Hollywood
uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ